

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**ANA ROBERTA SOUSA MOTA**

**MEMÓRIA ICONOGRÁFICA:** uma análise da representação das  
imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado  
da Paraíba

João Pessoa, PB  
2012

ANA ROBERTA SOUSA MOTA

**MEMÓRIA ICONOGRÁFICA:** uma análise da representação das  
imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do Estado  
da Paraíba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba - Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação - como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian de Albuquerque Aquino

João Pessoa, PB  
2012

M917m Mota, Ana Roberta Sousa.

Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens  
fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da  
Paraíba / Ana Roberta Sousa Mota.-- João Pessoa, 2012.  
147f.

Orientadora: Mirian de Albuquerque Aquino  
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA

1. Ciência da Informação. 2. Memória iconográfica. 3. Imagens  
fotográficas. 4. Negros e negras – universidades públicas – Paraíba.

UFPB/BC

CDU: 02(043)

**ANA ROBERTA SOUSA MOTA**

**MEMÓRIA ICONOGRÁFICA:** uma análise da representação das  
imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado  
da Paraíba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade, linha de pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2012

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian de Albuquerque Aquino - PPGCI/UFPB  
**Orientadora**

---

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto - PPGCI/UFPB  
**Membro interno**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Cleide Calado Wanderley – UAEDUC/CDSA/UFCG  
**Membro externo**

---

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves - PPGCI/UFPB  
**Membro interno (Suplente)**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marluce da Silva Pereira – PPGL/UFPB  
**Membro externo (Suplente)**

*A Antonio Roberto Vasconcelos Mota e a  
Louisiana Sousa Mota, meus pais, educadores  
e amores incondicionais. Alicerce, degraus e  
impulso em tudo o que fiz, faço e farei.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus;

À professora Dr.<sup>a</sup> Mirian de Albuquerque Aquino, pela orientação e generosidade intelectual;

A minha família, em especial aos meus pais que, em todos os momentos, estiveram comigo, nas horas de extrema dificuldade, na dor e na locomoção;

Aos meus tios (Mottas) e minhas tias (Ribeiros), por me incentivarem sempre, nos estudos e no crescimento intelectual, pelos ensinamentos e pelo carinho;

As minhas avós Salomé Ribeiro (in memoriam) e Adalgisa Motta, por me fazer pensar no outro sempre, pelos ensinamentos, conselhos e lições de vida. A minha força vem de vocês.

A Sérgio Café, Tatiana Cavalcante, Leyde Klébia, Poliana Rodrigues, Vanessa Alves, Augusto Viana, Tatiana Ramalho, Vânia Leite, Giordano Mota e Antonio Roberto V. Mota, pelo auxílio na coleta dos dados e pela realização de inúmeras provas visando à busca da melhor imagem;

Aos professores Carlos Xavier e Edvaldo Alves, pelas ricas contribuições no momento da qualificação;

A Alba Cleide Calado Wanderley, por aceitar compor a banca e pelas contribuições;

A Jobson Minduim, pelo auxílio na descrição dos materiais usados nas placas;

A Leyde Klébia, pela amizade e pelo companheirismo nas muitas idas ao ambiente e às bibliotecas;

Ao professor Antônio Novaes, por me apresentar a autoclassificação e a heteroclassificação;

A Pró-Reitoria de Graduação da UFPB, à Pró-Reitoria de Ensino da UFCG e à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UEPB, pela disponibilização de dados para a pesquisa;

A Kelly e Thais, pelas discussões e pela troca de material sobre imagem;

À turma de 2010 do Mestrado em CI, pelo apoio e pelo coleguismo durante o Curso, especialmente a Rosilene Agapito, André, Sirleide, Débora, Kelly, Laerte,

Jonathas, Suzana, Vanessa, Thais, Maria Amélia (Mel), Laudereida, Cláudio e Aparecida (Cida);

A Antônio, pela presteza e cordialidade habitual ao atender às nossas solicitações na secretaria do Mestrado;

Aos professores Carlos Xavier, Edvaldo Alves, Gustavo Freire, Dulce Amélia, Bernardina Freire e Mirian Aquino, pelas aulas ministradas e pelo conteúdo ofertado;

Aos meus amigos e amigas, que sempre estiveram me dando força e ajudando, sempre que fosse preciso;

A Cybelle Macedo e à sua equipe da biblioteca do Espaço Cultural, por me acolherem com presteza e cordialidade;

Ao diretor do CCBS/UFCG, Dr. Paulo Montenegro, meu então chefe, pela compreensão relacionada às ausências e total apoio nessa caminhada;

Ao Geincos, pelas grandes discussões e pelo aprendizado que me ofertaram, em especial, a Leyde, Poliana, Vanessa Alves, Izabel, Sérgio, Alba Cleide, Alba Lígia, Francielle, Vânia, Tayane, Alcilene, Jobson e Thais;

As minhas companheiras de trabalho da UFCG, Mércia, Verônica, Analúcia, Salma, Amanda e Karol, por todo o apoio e incentivo;

Aos colegas de trabalho da UFPB, pela acolhida;

Ao PPGCI, por me acolher e oferecer essa oportunidade.

*Sempre parece impossível até que  
seja feito.*

*Nelson Mandela*



## RESUMO

Analisar imagens fotográficas como parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de graduação da área de saúde de três instituições, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e hospitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) se configurou com objetivo geral desse estudo. O fenômeno estudado suscitou uma abordagem mista articulando o enfoque qualitativo e o enfoque quantitativo. O universo de pesquisa abrangeu três universidades públicas do estado da Paraíba: UFPB (Centro de Ciências Médicas, Hospital Universitário Lauro Wanderley e Centro de Ciências da Saúde – Campus – João Pessoa/PB), UFCG (Ciências Biológicas e da Saúde – Campus – Campina Grande/PB) e, UEPB (Hospital Universitário Alcides Carneiro, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Campina Grande/PB). O *corpus* de análise foi constituído por 13 imagens fotográficas selecionadas dentre um total de 1.190 imagens fotográficas, extraídas de 174 placas de formatura que fazem parte da memória iconográfica desses cursos, identificados a partir do recorte histórico que abrangeu o período de 2000 a 2010. Essas imagens foram coletadas por meio de um scanner e uma câmera. Para identificação de negros/as nas imagens fotográficas utilizamos os fenótipos negroides como critério de análise. A pesquisa das imagens fotográficas foi efetuada com base no modelo de Smit (1996) para análise documentária de imagens e no referencial teórico desta dissertação. Para analisar as imagens fotográficas, foram necessários três tipos diferentes de dados coletados a partir das placas de formatura expostas nos corredores e hospitais das universidades solicitados junto às pró-reitorias competentes e responsáveis pela matrícula de candidatos/as nos cursos investigados e disponíveis nos sítios dessas universidades, com o objetivo de verificar a concorrência dos cursos considerados de alto prestígio. O material de análise é resultado de uma “heteroclassificação” atribuída pelo pesquisador com a observação e identificação dos fenótipos negroides e de uma autoclassificação (autoidentificação), atribuída pelo próprio respondente, quando lhe é perguntado, de forma espontânea. Os resultados apontam que a maioria de alunos/as e concluintes dos cursos analisados são predominantemente brancos/as, e que a desigualdade racial nos cursos de alto prestígio nas universidades públicas brasileiras, afeta negros/as, sobretudo, na Paraíba, requerendo uma mudança radical nos mecanismos de inclusão. Essa (in) visibilidade de negros/as nas universidades públicas pode ser interpretada como um fato que pouco se nota, raramente se discute, nem se deseja discutir. Considera-se que a presença inexpressiva de negros/as nessas universidades não se resolve apenas com uma ação isolada, mas com políticas públicas que beneficiem não só uma parte da população, mas toda ela, independente de cor, raça ou condição social.

**Palavras-Chave:** Memória Iconográfica. Negros/as. Imagens fotográficas. Universidades Públicas – Paraíba. Cursos de graduação. Área de Saúde.

## ABSTRACT

Analyzes images as part of the iconographic memory of graduates of undergraduate healthcare three institutions, focusing on the plates exposed graduation in the hallways and hospitals of the Federal University of Paraíba (UFPB), Federal University of Campina Grande (UFCG) and the State University of Paraíba (UEPB) was configured with general objective of this study. The phenomenon studied elicited a mixed approach articulating the qualitative and quantitative approach. The universe of the study covered three public universities in the state of Paraíba: UFPB (Health Sciences Center, University Hospital Lauro Wanderley and Health Sciences Center - Campus - Joao Pessoa / PB); UFCG (Biological and Health Sciences - Campus - Campina Grande / PB) and; UEPB (Hospital Universitário Alcides Carneiro, Center for Biological and Health Sciences - Campina Grande / PB). The corpus of analysis consisted of 13 images photographic selected from a total of 1190 images extracted from 174 plates of graduation in the iconographic memory of the 13 courses identified from the historical view of the images covering the period 2000 to 2010. Images were collected using a scanner and a camera. For identification of black people in memory of iconographic images of the courses, were used as criteria for analyzing black phenotypes. The analysis of images was performed based on the model of Smit (1996) for documentary analysis of images and the theoretical framework. To analyze the images, it took three different types of data, collected from the plates exposed for graduation in the halls of hospitals and universities, requested from the competent and pro-rectors responsible for the registration of (the) students in the courses and investigated; available on the sites of fulfilling the selection processes of the universities, in order to know the competition of the courses considered high prestige. The material for analysis is the result of a "heteroclassification" assigned by the researcher with the observation and identification of phenotypes Negroid and a self-classification (self-identification), given by the respondent, when asked spontaneously. The results indicate that the majority of (the) student (s) of the courses analyzed are predominantly white, and that racial inequality in the prestigious courses in Brazilian public universities, affect (the) black (s), especially in the Paraíba, requiring a radical change in the mechanisms of inclusion. (In) visibility of black (s) in public universities can be interpreted as a fact that little note, is seldom discussed, or if you want to discuss. It is considered that the poor presence of blacks these universities can not be solved only with an isolated action, but with public policies that benefit not only part of the population, but all of it, regardless of color, race or social status.

**Keywords:** Iconographic Memory. Black (s). Images. Public Universities – Paraíba. Undergraduate courses. Living Health.

## **LISTA DE FIGURAS**

|            |  |    |
|------------|--|----|
| Figura 1 – | Homens negros capturados de regiões da África          | 33 |
| Figura 2 – | Mulheres negras capturadas de regiões da África        | 33 |
| Figura 3 – | Negros e negras capturados de várias regiões da África | 34 |
| Figura 4 – | Negro como objeto de castigo em praça pública          | 58 |
| Figura 5 – | Castigos físicos aplicados a negros/as escravizados    | 58 |

## **LISTA DE IMAGENS**

|             |   |    |
|-------------|---|----|
| Imagem 1 -  | Placa Medicina /UFPB 2008                           | 76 |
| Imagem 2 -  | Placa Medicina/UFPB 2010                            | 76 |
| Imagem 3 -  | Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFPB)        | 80 |
| Imagem 4 -  | Concluintes do Curso de Odontologia (2003/UFPB)     | 81 |
| Imagem 5 -  | Concluintes do Curso de Enfermagem (2010/UFPB)      | 82 |
| Imagem 6 -  | Concluintes do Curso de Farmácia (2007/UFPB)        | 84 |
| Imagem 7 -  | Concluintes do Curso de Nutrição (2002/UFPB)        | 85 |
| Imagem 8 -  | Concluintes do Curso de Fisioterapia (2006/UFPB)    | 86 |
| Imagem 9 -  | Concluintes do Curso de Educação Física (2009/UFPB) | 87 |
| Imagem 10 - | Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFCG)        | 89 |
| Imagem 11 - | Concluintes do Curso de Odontologia (2006/UEPB)     | 90 |
| Imagem 12 - | Concluintes do Curso de Enfermagem (2005/UEPB)      | 91 |
| Imagem 13 - | Concluintes do Curso de Farmácia (2004/UEPB)        | 92 |
| Imagem 14 - | Concluintes do Curso de Fisioterapia (2003/UEPB)    | 93 |
| Imagem 15 - | Concluintes do Curso de Educação Física (2010/UEPB) | 94 |

## **LISTA DE TABELAS**

|            |   |    |
|------------|---|----|
| Tabela 1 - | Número de imagens fotográficas selecionadas para a análise      | 31 |
| Tabela 2 - | Concorrência de processos seletivos UFPB                        | 64 |
| Tabela 3 - | Concorrência dos processos seletivos - UEPB                     | 68 |
| Tabela 4 - | Autodeclaração de alunos/as da UFPB                             | 70 |
| Tabela 5 - | Heteroclassificação de negros/as                                | 77 |
| Tabela 6 - | Comparação dos dados de autoclassificação e heteroclassificação | 77 |

## **LISTA DE QUADROS**

|            |  |       |
|------------|--|-------|
| Quadro 1 - | Categorias definidas pela análise documentária da imagem | 36    |
| Quadro 2 - | Cursos da área de saúde da UFPB/UFCG/UEPB                | 60-61 |

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|             |   |    |
|-------------|---|----|
| Gráfico 1 - | Evolução histórica dos cursos na área de saúde das Universidades Públicas na PB   | 62 |
| Gráfico 2 - | Média das concorrências na - UFPB   | 65 |
| Gráfico 3 - | Concorrência de processos seletivos - UFCG  | 67 |
| Gráfico 4 - | Média das concorrências - UEPB  | 69 |
| Gráfico 5 - | Perfil étnico-racial de alunos/as em cursos de graduação em saúde da UFPB         | 71 |
| Gráfico 6 - | Perfil étnico-racial de alunos/as no curso de Medicina/UFCG - 2004 a 2010         | 72 |
| Gráfico 7 - | Pertencimento étnico-racial de alunos/as nos cursos de graduação em saúde da UEPB | 74 |

## **LISTA DE SIGLAS**

|         |   |
|---------|---|
| CAPES   | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior                         |
| CCA     | Centro de Ciências Agrárias   |
| CCAE    | Centro de Ciências Aplicadas e Educação   |
| CCBS    | Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  |
| CCEN    | Centro de Ciências Exatas e da Natureza   |
| CCHLA   | Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  |
| CCJ     | Centro de Ciências Jurídicas  |
| CCM     | Centro de Ciências Médicas  |
| CCS     | Centro de Ciências da Saúde   |
| CCSA    | Centro de Ciências Sociais Aplicadas  |
| CCTS    | Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde  |
| CE      | Centro de Educação  |
| CES     | Centro de Educação e Saúde  |
| CFP     | Centro de Formação de Professores   |
| CFT     | Centro de Formação de Tecnólogos  |
| CI      | Cotas de inclusão   |
| COMPROV | Comissão de Processos Vestibulares  |
| COMVEST | Comissão Permanente do Vestibular   |
| COPERVE | Comissão Permanente do Concurso Vestibular  |
| CSTR    | Centro de Saúde e Tecnologia Rural  |
| CT      | Centro de Tecnologia  |
| CU      | Cotas universais  |
| GEINCOS | Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas |
| HUAC    | Hospital Universitário Alcides Carneiro   |
| HULW    | Hospital Universitário Lauro Wanderley  |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                     |
| IES     | Instituição de Ensino Superior  |
| IFES    | Instituição Federal de Ensino Superior  |



|         |   |
|---------|---|
| MEC     | Ministério da Educação  |
| NEPIERE | Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais |
| PB      | Paraíba   |
| PPGCI   | Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação                              |
| PRE     | Pró-Reitoria de Ensino  |
| PRG     | Pró-Reitoria de Graduação   |
| PROEG   | Pró-Reitoria de Ensino de Graduação   |
| PROUNI  | Programa Universidades para Todos   |
| PSS     | Processo Seletivo Seriado   |
| SIS     | Síntese de Indicadores Sociais  |
| UEPB    | Universidade Estadual da Paraíba  |
| UFBA    | Universidade Federal da Bahia   |
| UFCG    | Universidade Federal de Campina Grande  |
| UFMA    | Universidade Federal do Maranhão  |
| UFMT    | Universidade Federal do Mato Grosso   |
| UFPB    | Universidade Federal da Paraíba   |
| UFPR    | Universidade Federal do Paraná  |
| UFRJ    | Universidade Federal do Rio de Janeiro  |
| UP      | Universidade da Paraíba   |
| URNe    | Universidade Regional do Nordeste   |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>   | 18 |
| <b>2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO</b>  | 27 |
| 2.1 IDA AO CAMPO DA PESQUISA  | 28 |
| 2.2 CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE                                   | 30 |
| 2.3 SELEÇÃO, TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS                                       | 31 |
| 2.4 PERCURSO DA ANÁLISE   | 32 |
| <b>3 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b>                         | 37 |
| 3.1 MEMÓRIAS DE NEGROS/AS: INDIVIDUAL OU COLETIVA?                                    | 42 |
| 3.2 IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO REPRESENTAÇÃO   | 46 |
| 3.4 O QUE VEMOS NAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DA ICONOGRAFIA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS?    | 50 |
| <b>4 CONFIGURAÇÃO DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS</b>            | 60 |
| 4.1 EVOLUÇÃO DOS CURSOS   | 61 |
| 4.2 CONCORRÊNCIA DE VESTIBULANDOS EM PROCESSOS SELETIVOS                              | 63 |
| 4.2.1 Universidade Federal da Paraíba   | 63 |
| 4.2.2 Universidade Federal de Campina Grande  | 66 |
| 4.2.3 Universidade Estadual da Paraíba  | 67 |
| 4.3 PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL DE DECLARANTES E NÃO-DECLARANTES                      | 69 |
| 4.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DE NEGROS/AS NA MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE | 75 |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | 98 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | 101 |
| <b>APÊNDICES</b>   | 109 |
| Apêndice A – Carta de apresentação   | 109 |
| Apêndice B – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico - UEPB  | 110 |
| Apêndice C – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFCG  | 111 |
| Apêndice D – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFPB  | 112 |
| Apêndice E – Tabela utilizada na coleta dos dados  | 113 |
| Apêndice F – Tabelas sobre o quantitativo de alunos matriculados UFPB e UEPB   | 114 |
| <b>ANEXOS</b>  | 115 |
| Anexo A – Tabela das áreas do conhecimento CAPES   | 115 |
| Anexo B – Resolução 09/2010 – Institui a modalidade de ingresso por reserva de vagas para acesso aos Cursos de Graduação da UFPB | 145 |
| Anexo C – Resolução 06/2006 – Define política de reserva de vagas para concurso vestibular da UEPB                               | 147 |

## 1 INTRODUÇÃO

A motivação inicial para este estudo mantém ligações com a nossa prática como bibliotecária atuando por mais de dez anos em universidades públicas e instituições privadas no Estado da Paraíba. Nesse período, começamos a observar nessas instituições que a presença de alunos e alunas, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, funcionários e funcionárias, de pele negra, era quase invisível. O nosso olhar sobre essa questão nos sensibilizou para observar a memória iconográfica dos cursos dessas universidades, onde ocorreu a nossa formação como aluna de Graduação em Biblioteconomia e do Mestrado em Ciência da Informação, exercendo, posteriormente, as nossas atividades profissionais como bibliotecária.

Diante de nossas percepções iniciais sobre essa memória iconográfica, o espírito investigativo foi nos incomodando para analisar, cientificamente, as representações das imagens fotográficas, que fazem parte da memória iconográfica de cursos da área de saúde dessas universidades, que já se tornaram familiares para esta pesquisadora. Somamos a isso, as experiências que vivenciamos como mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Linha de Pesquisa - Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como participante ativa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-Raciais (NEPIERE) e do Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS)<sup>1</sup> coadunaram com a pretensão de articularmos a temática étnico-racial aos interesses de pesquisa da área de Ciência da Informação.

Partimos do pressuposto de que, enquanto representação do real, a memória iconográfica contém interpretações implícitas e explícitas de um passado que se apresenta por meio de imagens congeladas e capturadas pelo olhar instigante de um fotógrafo (AZEVEDO; ISMERIO, 2007) ou desta pesquisadora. Essa memória a que nos referimos representa não apenas a (in)visibilidade de descendentes de um povo estigmatizado por mais de três séculos de escravidão criminoso, mas também revela a existência de elementos produtores de significados e influenciadores da construção de identidades,

---

<sup>1</sup> As atividades do Núcleo e do Grupo ocorrem através de oficinas, eventos, debates, discussões e reflexões sobre temas específicos e envolvem as conexões entre informação, educação e relações étnico-raciais, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mirian de Albuquerque Aquino.

sendo passíveis de ser analisados por pesquisadores e pesquisadoras das mais diversas áreas de conhecimento.

Na literatura consultada para fundamentar as discussões e reflexões neste estudo, constatamos que, pelo menos até o momento de sua conclusão, não encontramos estudos e pesquisas sobre as representações de imagens fotográficas de negros/as na memória iconográfica de concluintes de cursos da área de saúde de universidades públicas.

De um modo geral, cabe esclarecer que o aumento de estudos e pesquisas sobre a temática étnico-racial, em áreas distintas, intensificou-se a partir da realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância, em Durban (África do Sul), em 2001. Nesse evento, o Governo Federal viu-se obrigado a reconhecer o racismo contra o povo negro e sua atual situação na sociedade brasileira, passando a elaborar e implementar Políticas de Ações Afirmativas para inclusão de negros/as em quase todos setores de nossa sociedade, tornando obrigatório o ensino da cultura africana afro-brasileira nas escolas e favorecendo uma produção de conhecimento mais crítica sobre a temática étnico-racial.

Essa iniciativa fortaleceu uma antiga preocupação dos ativistas do Movimento Negro Brasileiro com vistas a combater o racismo não exclusivamente com a proposição, a promoção, a implementação e a consolidação dessas políticas, mas também com o ingresso de negros/as nas universidades, resultando numa produção de conhecimento mais crítica e reflexiva, mudança de comportamento e conscientização de alguns profissionais de áreas diversas e, sobretudo, da Ciência da Informação, tornando os pós-graduandos mais conscientes da necessidade de desenvolver estudos que abordem a organização e a representação da informação étnico-racial nos espaços de preservação da memória, tais como bibliotecas, arquivos e museus (SANTANA, 2012).

De modo que, na área da Ciência da Informação no Brasil, é possível identificar algumas pesquisas sobre a temática étnico-racial. Entretanto, elas são quase imperceptíveis, pois nenhuma contempla o foco deste estudo, carecendo, pois, de uma produção de conhecimento que possa suprir as lacunas sobre temas específicos e desconstruir o discurso de pesquisadores e pesquisadoras, bibliotecários e bibliotecárias que asseguram que a informação é organizada e representada para atender ao público em geral. Mas esse discurso não deixa claro a que público essa informação se destina. Na verdade, o profissional da informação (bibliotecário ou

indexador), quase sempre, omite certas informações que interessam a diferentes grupos e/ou etnias.

A Ciência da Informação tem um déficit com a diversidade cultural (negros, indígenas, homossexuais, deficientes, geracionais etc), negligenciando as pesquisas sobre temas específicos articulados à organização e à representação da informação e deixando claramente sua omissão sobre os valores históricos, culturais e tecnológicos do povo negro, bem como a inteligência e a criatividade dos ancestrais africanos e africanas que muito contribuíram para nosso país ser o que se tornou hoje.

A questão do silêncio em relação aos feitos históricos do povo negro é discutida por Carvalho (2003, p. 164), quando afirma: “uma parte do problema do silêncio diante [dessa temática] é a ignorância, a desinformação, resultado do fato de que a academia silenciou para a sociedade, durante mais de um século, a sua realidade interna de exclusão racial”. Ainda o silêncio focando sobre a temática étnico-racial, ele diz: “poderosos e eficientes mecanismos de silenciamento do racismo foram acionados constantemente no interior da academia. Somente agora, com a discussão das cotas, começa a abrir-se um pouco a cortina do racismo acadêmico propriamente dito” (CARVALHO, 2003, p. 164).

Nos diversos setores da sociedade brasileira e, não é diferente nas universidades públicas, essa (in) visibilidade sobre a temática étnico-racial acaba por expor o preconceito, a discriminação e o racismo contra negros/as no acesso e permanência nessas instituições. Negros/as, segundo Carvalho (2005, p. 19), estão praticamente ausentes dos cursos de “alto prestígio, como Medicina, Direito, Odontologia, Administração e Jornalismo”. Essa exclusão e desvantagem são mais acentuadas, segundo os parâmetros de hierarquia social, atualmente vigente. Em Odontologia, somente 0,7% de alunos/as que se formaram em 2000 são negros/as. Ser odontólogo ou médico no Brasil é ser branco (a) devido, principalmente, à questão da pobreza, pois se sabe que ela tem a cor negra (CARVALHO, 2005). Contudo, entendemos que o problema não está na pobreza e, sim nos mecanismos que provocam essa pobreza.

A pesquisadora Delcele Queiroz (2004) concluiu que é, sobretudo, de brancos/as o privilégio do acesso às carreiras superiores de prestígio. Nas universidades públicas “aos negros estão reservados os cursos menos valorizados socialmente, como aqueles de formação de professores, por exemplo. Ainda nesses cursos eles são, em geral,

minoritários” (QUEIROZ, 2004, p. 74). Essa realidade nos faz refletir se essas universidades estão cumprindo seu papel social ou contribuindo para o aumento da desigualdade racial. Será que elas estão preocupadas com a inserção de negros/as, também, em cursos tidos como de alto prestígio e que dão mais retorno financeiro?

O questionamento de Carvalho (2003) é muito pertinente em sua crítica ao tempo que se prolongou para implementar as cotas raciais para negros/as nas universidades públicas, deixando essas instituições embranquecidas e os filhos dos donos do poder gozando de privilégios durante muito anos.

Já é hora, portanto, de perguntar: por que, após tanto tempo, temos universidades ainda tão brancas? Isto não é resultado de uma prática racista que está na sociedade apenas: resulta de um esforço sistemático (mesmo que quase nunca verbalizado) feito pelos próprios acadêmicos (CARVALHO, 2003, p. 164).

Essa pretensão de fazer a relação da temática étnico-racial com interesses investigativos da Ciência da Informação coaduna com o pensamento de Saracevic (1996, p. 42) para quem essa área de conhecimento tem “uma participação ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação”, devendo, hoje, agregar os temas contemporâneos. A nosso ver, a participação ativa, a produção de conhecimento e a contribuição de uma área de conhecimento devem contemplar, sem acepção, os temas de interesse de diversos grupos sociais, independentemente de cor, sexo, classe, deficiência, geração, a fim de que os pesquisadores avancem ético e socialmente em relação ao seu modo de pensar, conhecer e agir sobre a informação que organiza e representa, evitando priorizar apenas os temas universais na prática de pesquisa.

Na diversidade cultural brasileira, uma grande parte de pesquisadores e pesquisadoras ainda desconhece os problemas atuais do povo negro e omite a ideia de que este grupo ainda suporta contemporaneamente o estigma de um contexto histórico permeado por acordos geopolíticos para o exercício da escravização criminosa, que se prolongou por mais de três séculos, e desencadeou fortes sentimentos de revolta no povo negro nos períodos - Colonial, Império e República. É preciso lembrar que os acordos geopolíticos dessa época fazem “parte de uma constante imposição de dominação econômica, cultural, social e política [...]” (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 3), cuja dinâmica contribuiu para perpetuar a desigualdade racial e tornou os negros/as socialmente

invisíveis e desqualificados em diversas situações do seu cotidiano. Também é importante ressaltar que esses acordos ainda existem e perduram no Brasil.

Caracteriza-se como um contexto em que não houve preocupação de evidenciar os determinantes responsáveis pela imposição silenciosa de certas ideologias que fizeram com que as pessoas permanecessem atentas ao que é dissimulado em todos os setores da sociedade brasileira (CUNHA JÚNIOR, 2008). O desconhecimento do evento posterior à Abolição, em que negros/as escravizados, libertos e alforriados foram impedidos de comemorar a tão esperada liberdade, ainda permanece vivo e ativo, e a geração de filhos ou netos foi tragada pelo mesmo processo de abandono destinado a ancestrais africanos.

Este incidente histórico revelou-se agravante porque negros/as estão sujeitos a preconceitos, discriminações e racismos nos diversos setores da sociedade brasileira. Ainda encontramos autores e autoras que negam o racismo contra o povo negro como algo concreto nas situações históricas impostas aos africanos e aos afrodescendentes. Mesmo com a ideia de construção de uma sociedade mais democrática e multicultural o racismo contra negros/as está presente em todos os setores da sociedade brasileira.

As inadequadas condições de acesso e democratização da informação submetem negros/as à “economia da informação” (CASTELLS, 1999) que cresce cada vez mais, avoluma as desigualdades sociais e raciais e contradiz o discurso das políticas públicas que veem na educação, o elemento fundamental para inclusão do povo negro nessa sociedade da informação-conhecimento- aprendizagem. Essas desigualdades atingem fortemente negros/as, resultando em um contingente de “diferentes, desconectados e desiguais” (CANCLÍNI, 2005), cuja “identidade [...] construída a partir de um povo sequestrado e escravizado”, (CASTELLS, 1999, p. 74) foi submetida ao “regime de verdade” (FOUCAULT, 2006) imposto pelo grupo dominante europeu (AQUINO; LIMA, 2009). Nessa economia da informação, negros/as ainda permanecem explorados.

Dados estatísticos apontam que negros/as representam 45% da população brasileira e 64% dos pobres do Brasil (PNUD, 2005). O IBGE (2001) mostra que analfabetos com mais de 15 anos são 7,7% brancos, 18,7% negros e 18,1% pardos. Do total que concluiu algum curso superior, 10% são brancos, 2,1 % são negros e 2,4 % pardos. Em 2010, o IBGE (2010, p. 1) divulgou através da Síntese de Indicadores Sociais que “de 1999 a 2009, houve um crescimento da proporção das pessoas que se declaravam pretas (de 5,4%



para 6,9%) ou pardas (de 40% para 44,2%), que agora, em conjunto representam 51,1% da população”.

Entretanto, a situação de desigualdade pela cor ou pela raça persiste, pois que a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade era de 13,3%, para a população de cor preta; de 13,4%, para os pardos, contra 5,9% dos brancos. Outro dado importante é o analfabetismo funcional, que envolve pessoas de quinze anos ou mais de idade com menos de quatro anos completos de estudo, que diminuiu de 29,4%, em 1999, para 20,3%, em 2009. O que se nota é que, para brancos, a taxa era de 15%, enquanto para pretos (25,4%) e pardos (25,7%) aumenta. Os dados apontam que, em 2009, a população branca de 15 anos ou mais tinha, em média, 8,4 anos de estudo, enquanto, entre pretos e pardos, a média era 6,7 anos. Continuando nessa estatística, os dados mostram que

os patamares são superiores aos de 1999 para todos os grupos, mas o nível atingido tanto pelos pretos quanto pelos pardos ainda é inferior ao patamar de brancos em 1999 (7 anos de estudos). Em 2009, 62,6% dos estudantes brancos de 18 a 24 anos cursavam o nível superior (adequado à idade), contra 28,2% de pretos e 31,8% de pardos. Em 1999 eram 33,4% entre os brancos contra 7,5% entre os pretos e 8% entre os pardos. Em relação à população de 25 anos ou mais com ensino superior concluído, houve crescimento na proporção de pretos (2,3% em 1999 para 4,7% em 2009) e pardos de (2,3% para 5,3%). No mesmo período, o percentual de brancos com diploma passou de 9,8% para 15% (IBGE, 2010, p. 1).

No Brasil, a condição social evidencia que a maioria do povo negro vive na pobreza, e poucos têm acesso à informação. A distribuição da informação, segundo Aquino (2007), é assimétrica e reforça cada vez mais as desigualdades raciais. Essa ineficiente distribuição da informação contribui para dificultar o acesso das pessoas à realidade social e reter a informação pelas fontes geradoras – cientistas, instituições, mídia etc, impedindo a partilha democrática do conhecimento (MARTELETO; RIBEIRO, 2001).

Evidentemente, as barreiras de acesso à informação, com distinção de raça ou condição social, geram prejuízo para toda a sociedade, aumentam as desigualdades entre negros/as e brancos/as e rompem com o princípio básico da Constituição Brasileira que rege, em seu artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRASIL, 1988, p. 1). A Carta Magna elenca os objetivos fundamentais e versa que se deve “construir uma sociedade livre, justa e solidária; além de promover o bem de

todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, p. 1). Esse princípio leva-nos a questionar: Esses preceitos legais estão sendo respeitados? Até que ponto essa igualdade ocorre nas relações sociais do nosso país?

Dentre as responsabilidades que cercam a Ciência da Informação no tocante à organização e representação da informação (SANTANA, 2012), devemos adotar aquelas que devem se preocupar com o público a quem a informação se destina e às necessidades de quem as usa, sem distinguir, grupos, crenças ou valores, principalmente, em um momento em que a informação e o conhecimento assumiram novos papéis impulsionados pelo avanço da globalização, das tecnologias intelectuais e da internet. Nesse contexto global e tecnológico, nota-se que negros/as convivem em um cenário de desigualdade racial onde

é difícil imaginar algum tipo de transformação para um regime mais justo, sem promover políticas (étnicas, de gênero, de regiões) que façam comunicar os diferentes, corrijam as desigualdades (surgidas dessas diferenças e das outras distribuições desiguais dos recursos) e conectem as sociedades com a informação, com os repositórios culturais, de saúde e bem-estar globalmente expandidos (CANCLINI, 2005, p. 102).

Contudo, não adianta simplesmente promover políticas informacionais para o povo negro, mas também conscientizá-lo de que a informação é uma das chaves valiosas para resolver problemas éticos (monitoramento, exclusão digital, censura, pornografia, difamação, racismo, violência, *spamming*, idiossincrasia, dentre outros), nas relações sociais entre negros/as e brancos/as. Nessa questão, Guimarães e Pinho (2006) afirmam que constituem importante ponto de reflexão as eventuais consequências danosas decorrentes de processos de organização e representação da informação, devendo também o profissional da informação pensar-conhecer-agir de forma a minimizar e neutralizar a ocorrência dos problemas que afetam a recuperação da informação de que negros/as necessitam.

Considerando os aspectos até aqui abordados, o objetivo geral deste estudo é analisar as imagens fotográficas como parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de graduação da área de saúde, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e nos hospitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especificamente pretendemos:

- a) Identificar imagens fotográficas de concluintes em placas de formatura de cursos de graduação da área de saúde;
- b) Conhecer a concorrência de candidatos/as aos processos seletivos desses cursos;
- c) Investigar o número de alunos/as negros/as matriculados nos cursos da área de saúde e;
- d) Analisar a presença/ausência de imagens de negros/as representadas na memória iconográfica das universidades públicas.

A pergunta que norteia este estudo assim se configura: De que maneira as imagens fotográficas, como parte da memória iconográfica, reforçam a (in)visibilidade de negros/as nos cursos da área de saúde de universidades públicas?

Com os resultados deste estudo, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a temática étnico-racial, sua relação com a memória e a informação, bem como o reconhecimento da importância da presença equitativa de negros/as nas imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de áreas distintas de universidades públicas. Também esperamos instigar pesquisadores e pesquisadoras a contribuírem com a produção de um novo estado de conhecimento que possa engendrar mais reflexões críticas visando minimizar as diferenças, estreitar as relações sociais entre brancos/as e negros/as e transformar as desigualdades raciais herdadas do escravismo criminoso.

O trabalho está dividido em 5 capítulos: o primeiro, intitulado introdução, aborda a justificativa para a escolha do tema, os objetivos e a pergunta da pesquisa; o segundo descreve a metodologia utilizada na pesquisa, o campo de pesquisa, o *corpus*, a seleção e o percurso de análise dos dados da pesquisa; o terceiro apresenta o referencial teórico, os autores e conceitos utilizados; o quarto capítulo refere-se ao *corpus* e à análise acerca dos cursos da área de saúde nas universidades públicas na Paraíba, dos dados de concorrência e da representação de negros/as nos cursos da área de saúde e nas placas de formatura; por fim, o quinto capítulo retrata as considerações finais acerca da pesquisa onde

vislumbramos a construção de uma sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem inovadora, justa e humana, sem distinção de cor, condição social, sexo ou quaisquer tipos de apartações, segregações e/ou exclusões.

## 2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

O fenômeno estudado que ora investigamos suscitou a abordagem mista de natureza quanti-qualitativa para analisarmos as imagens fotográficas de concluintes de cursos da área de Ciências da Saúde que compõem a memória iconográfica de universidades públicas do Estado da Paraíba, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e nos hospitais dessas instituições. O uso do enfoque qualitativo é relevante para o estudo das relações sociais numa sociedade, onde se observa pluralidade nas diversas esferas de vida (FLICK, 2009) e fornece “uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais [...]” (HAGUETTE, 1995, p. 63).

Pesquisadores e pesquisadoras qualitativos “utilizam a análise semiótica, a análise narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos e a fonêmica e até mesmo as estatísticas, as tabelas, os gráficos e os números” (DENZIN; LINCOLN, 2007, p. 20). Eles não são observadores objetivos ou politicamente neutros, que estão fora ou acima do texto. O enfoque qualitativo, para Minayo (2007), considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Autores como Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 5) afirmam que ser pesquisador qualitativo é “[...] descobrir e refinar as questões de pesquisa, utilizar coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses em seu processo de interpretação”.

Por sua vez, o enfoque quantitativo segue o pensamento de Sampieri, Collado e Lúcio (2006). Eles referem que a coleta e a análise de dados servem para responder às questões de pesquisa, testar hipóteses estabelecidas previamente e confiar na medição numérica, na contagem e, frequentemente, no uso da estatística para estabelecer com exatidão, os padrões de comportamento de uma população.

A leitura das imagens fotográficas apoia-se na abordagem semiótica proposta por Joly (2005, p. 52-53) para quem a imagem é vista como um instrumento de comunicação, um signo, entre tantos outros, que exprime ideias por um processo dinâmico de indução e de interpretação. Segundo a autora, a imagem se caracteriza pelo seu mecanismo mais do

que pela sua materialidade, o que explica, simultaneamente, a delicadeza e a justeza do emprego múltiplo do termo imagem.

Joly afirma que trabalhar sobre a imagem visual (fixa) é uma escolha, e não, uma necessidade. Portanto, o pesquisador e a pesquisadora podem trabalhar sobre a imagem sonora, a imagem verbal ou a imagem mental. Ela argumenta que não existem ícones nem imagens puros. Também assinala “que o simples fato de se optar por se exprimir pela linguagem visual é determinante para a interpretação, pois essa opção põe em jogo tipos de associações mentais e campos associativos bem específicos, tais como o analógico, o qualitativo, o racional ou o comparativo” (JOLY, 2005, p. 53). Entretanto, é a nossa visão de mundo que determina o objeto e, conseqüentemente, o método, os instrumentos, os procedimentos e a técnica de análise nesta pesquisa.

Observar, ler e interpretar uma imagem, de modo diferente do que com uma simples intenção de consumo fugaz, é fazer-lhe perguntas. Os sociólogos debruçam-se sobre as imagens de modo a perceber quais as suas utilizações. Assim, em relação à fotografia, realizaram-se investigações com o auxílio de questionários, para se saber quem pratica a fotografia, qual a sua origem e como o faz (GERVEREAU, 2007). Para o analista da imagem, a investigação estatística e o estudo dos comportamentos são instrumentos essenciais que ele pode ir buscar nessas ciências para o ajudarem na sua compreensão da imagem. Neste estudo utilizamos o programa de computador Excel para realizar as estatísticas, com a geração de percentagens, tabelas e gráficos para análise dos dados coletados

## 2.1 IDA AO CAMPO DA PESQUISA

Essa atividade de pesquisa teve como finalidade coletar os dados referentes às imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de cursos da área de Ciências da Saúde em três universidades públicas conforme assim descritas: UFPB (Centro de Ciências Médicas, Hospital Universitário Lauro Wanderley e Centro de Ciências da Saúde – Campus – João Pessoa/PB), UFCG (Ciências Biológicas e da Saúde – Campus – Campina Grande/PB) e UEPB (Hospital Universitário Alcides Carneiro, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Campina Grande/PB).

O primeiro procedimento metodológico incidiu no levantamento dos cursos da área de Medicina, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Educação Física, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia, tendo como referência a Tabela de Áreas do Conhecimento, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Anexo A) e os contatos com as coordenações desses cursos.

Em seguida, fizemos um levantamento minucioso em sítios das três Universidades e do Portal da Capes, com o objetivo de identificar os cursos especificados, o funcionamento, o histórico, a localização das placas de formatura de concluintes, o funcionamento de aulas e as coordenações. Foram identificados 23 cursos nessas três Universidades. Porém, até a data definida como limitadora do período – ano de 2010 - apenas 13 cursos concluíram suas turmas, existindo ainda placas para análise.

Dando andamento aos procedimentos metodológicos, com um *scanner* e uma câmera coletamos as imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de concluintes dos cursos. Esses instrumentos nos permitiram gravar detalhadamente os dados, proporcionando-nos uma apresentação mais abrangente, holística de estilos e condições de vida, o transporte de artefatos, a sua apresentação, a disseminação e a ruptura das barreiras do tempo e do espaço (MEAD, 1963).

Ao fotografarmos as placas de formatura expostas nos corredores dessas universidades, seguindo o fluxo da coleta de dados, percebemos que as imagens fotográficas, que fazem parte da memória iconográfica de cursos das universidades pesquisadas, apresentavam uma incidência de luminosidade. Durante o dia, havia uma incidência do sol que refletia diretamente nos vidros das placas e provocava reflexos. E, durante a noite, as lâmpadas fluorescentes geravam o mesmo problema. Esses obstáculos inviabilizaram o uso dessas imagens coletadas para compor o corpus da análise. Isso implica dizer que essas universidades não estão preocupadas em zelar para preservar a memória iconográfica de seu patrimônio memorialístico.

Diante das dificuldades encontradas na coleta de dados para constituição do corpus de análise decidimos solicitar a ajuda de um profissional da área de fotografia. A partir desse contato, o problema foi resolvido parcialmente com o uso de câmeras profissionais, filtros, tripés, lentes, luxímetro, lonas pretas e outras alternativas para impedir a passagem da luz. Porém, as imagens coletadas não ficaram a contento. Logo, pensamos em

digitalizar por meio de um *scanner* de mão as imagens fotográficas dos concluintes nas placas. Para reiniciarmos a coleta de dados, adquirimos esse equipamento, além de uma escada e produtos para limpeza da maioria das placas que estavam envolvidas por insetos, poeira e teias de aranha. Esse descaso demonstra o desprezo dessas instituições pela memória iconográfica dos cursos da área de saúde.

## 2.2 CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Para o semiólogo Roland Barthes (1974), o *corpus* é uma coleção finita de dados, determinada pelo analista com a arbitrariedade que decide pesquisar. Porém, contrariando essa ideia a partir da Análise de Discurso, Orlandi (2002, p. 63) afirma que a “constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise do discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar a sua compreensão”.

O *corpus* desta análise foi constituído por 13 imagens selecionadas de um total de 1.190 imagens fotográficas extraídas de 174 placas de formatura expostas nos corredores e hospitais dos cursos dessas universidades. Para a seleção das imagens a serem analisadas, atribuímos os seguintes critérios: 1) representatividade dos cursos e universidades investigadas (Tabela 1); 2) qualidade da imagem; 3) fotografias de negros/as e; 4) características comuns e repetitivas na maioria das imagens.

O recorte histórico das imagens fotográficas da memória iconográfica desses cursos compreendeu o período de 2000 a 2010. A escolha desse período teve, também, como base a observação das placas de formatura. Essa opção comunga com a ideia de que “pesquisar, só é possível mediante um recorte da realidade, a fim de que se possa proceder à construção de um objeto de estudo, que deve ser abordado na perspectiva de um corpo teórico específico” (GONDIM, 1999, p. 9). Percebemos que, durante os últimos dez anos até a data inicial desta pesquisa (2010), a incidência de imagens fotográficas de concluintes é algo que se repete em quase todas as placas de formatura que compõem a memória iconográfica nos corredores das universidades.



Tabela 1 – Número de imagens fotográficas selecionadas para a análise

| Instituição | Curso           | Placas | Número de imagens |
|-------------|-----------------|--------|-------------------|
| UFPB        | Medicina        | 16     | 1                 |
|             | Educação Física | 12     | 1                 |
|             | Enfermagem      | 09     | 1                 |
|             | Farmácia        | 21     | 1                 |
|             | Fisioterapia    | 16     | 1                 |
|             | Nutrição        | 08     | 1                 |
|             | Odontologia     | 13     | 1                 |
| UFCG        | Medicina        | 13     | 1                 |
| UEPB        | Educação Física | 13     | 1                 |
|             | Enfermagem      | 12     | 1                 |
|             | Farmácia        | 12     | 1                 |
|             | Fisioterapia    | 18     | 1                 |
|             | Odontologia     | 11     | 1                 |
| Total       | 13              | 174    | 13                |

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A Tabela 1 mostra as três instituições, o total de imagens fotográficas, o total de 13 cursos da área de saúde e o total de 174 placas de formatura encontradas nos corredores das universidades investigadas.

### 2.3 SELEÇÃO, TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

O *corpus* da análise constou da seleção das placas de formatura observadas e escaneadas nos corredores das universidades e nos hospitais dessas instituições. Com o acesso aos sítios e às informações das Pró-Reitorias de Ensino e Graduação, selecionamos e ordenamos as fontes de informação referentes ao pertencimento étnico-racial de alunos/as para compreendermos as imagens fotográficas e a autoidentificação de alunos/as tanto no ato de inscrição do processo seletivo quanto no ato da matrícula.

Em seguida, selecionamos as imagens fotográficas coletadas para análise e contextualizamos no tempo e no espaço, entendendo que a identidade racial dos brasileiros e os sistemas de classificação praticados em nosso país são temas muito debatidos entre os estudiosos interessados nas questões étnico-raciais. Compartilhando dessa discussão, Telles (2003) afirma que três grandes sistemas de classificação racial são atualmente utilizados para caracterizar a maioria dos brasileiros de um conjunto de cores do branco ao negro, sendo que cada sistema tem um conjunto de categorias que varia em

número e em grau de ambiguidade. Ele enfatiza que os censos lidam com as categorias branco, preto e pardo ao longo de um conjunto contínuo. Enquanto o discurso popular utiliza categorias múltiplas, inclusive o termo moreno. Porém, o movimento negro brasileiro cada vez mais adota as categorias negro e negra e branco e branca.

Neste estudo, como critério de análise, identificaremos negros/as nas imagens fotográficas da memória iconográfica de concluintes dos cursos da área de saúde, utilizando os fenótipos negroides. Em termos conceituais, Moore (2007, p. 22) afirma que o fenótipo é um elemento objetivo concreto que não confunde. “É nele [...] que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social, servindo de linha de demarcação entre os grupos sociais e com ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações raciais”. Os fenótipos são características físicas - “cor da pele, textura dos cabelos, forma dos lábios e do nariz, dentre outras características que normalizam tanto os comportamentos quanto o lugar social de cada um” (MOORE, 2007, p. 252).

## 2.4 PERCURSO DA ANÁLISE

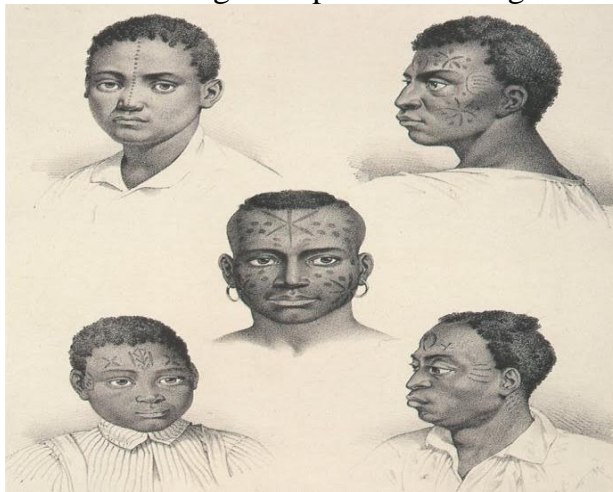
A análise das imagens fotográficas da memória iconográfica de cursos da área de saúde, de três universidades públicas investigadas, tem como base o modelo elaborado por Smit (1996) para análise documentária de imagens e o referencial teórico deste estudo. Esta análise trata-se de um processo que pode ser descrito como uma dissecação seguida pela articulação ou intelecto, somado ao objeto, e cujo objetivo é tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para que o leitor compreenda a imagem (BAUER; GASKELL, 2008) fotográfica da memória desses cursos, podendo, talvez, ser uma forma diferente da visão desta pesquisadora.

Para melhor identificarmos quem é negro ou negra nessas imagens fotográficas da memória iconográfica dos cursos já mencionados, tomamos como base os fenótipos inerentes a negros/as, desenraizados de regiões da África para submetê-los ao escravismo no Brasil, cujas imagens foram extraídas da obra, intitulada “A travessia da Calunga Grande: três séculos de imagens do negro no Brasil”, da autoria de Moura (2000).

Na Figura 1, expomos imagens de negros/as trazidos da região de Moçambique para serem escravizados no Brasil. Nessa imagem, observamos as características típicas de

fenótipos negroides, tais como: cor da pele escura, cabelo crespo, nariz núbio e boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora, que utilizaremos para identificação dos negros nesta análise.

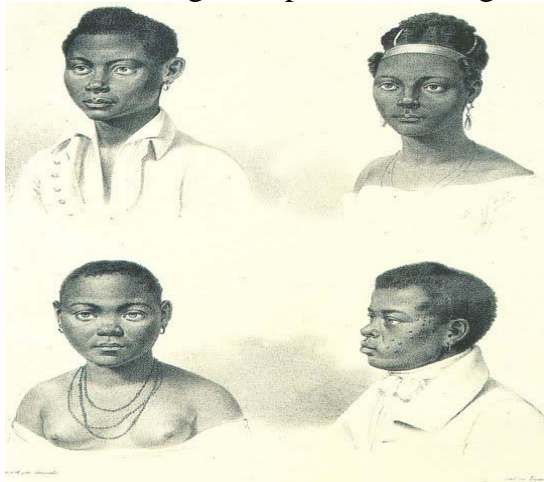
Figura 1 – Homens negros capturados de regiões da África



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura  
(2000, p. 193)

Na Figura 2, vemos mulheres negras trazidas das regiões de Benguela e do Congo para o Brasil. Nessa imagem, podemos ver nitidamente os fenótipos de negras.

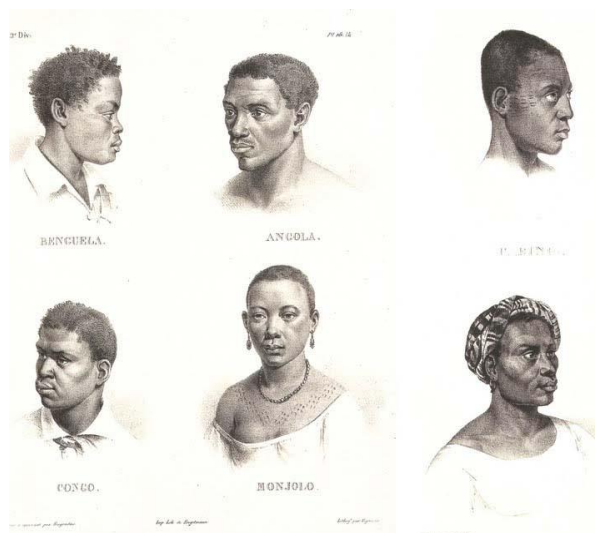
Figura 2 – Mulheres negras capturadas de regiões da África



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura  
(2000, p. 194)

A Figura 3 apresenta negros capturados nas regiões de Benguela, Angola, Congo e Monjolo. Observamos os fenótipos tomados como modelo para identificarmos negros nas imagens fotográficas das placas de formatura dos cursos.

Figura 3 – Negros e negras capturados de várias regiões da África



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 198)

O material de análise é resultado de uma heteroclassificação racial atribuída por esta pesquisadora por meio da observação, identificação dos fenótipos negroides. A heteroclassificação racial foi realizada a partir da observação das imagens fotográficas, presentes na memória iconográfica desses cursos, coletadas nas placas de formatura. A autoclassificação (autoidentificação) racial foi atribuída pelo próprio respondente (aluno ou aluna), de forma espontânea, quando perguntamos sobre a sua cor. A autoclassificação racial é decorrente dos dados de matrícula, fornecidos pelas instituições, no momento em que alunos/as efetuaram a sua matrícula nesses cursos.

No Brasil, estudos sobre a atribuição de cor/raça contam com publicações relevantes, notadamente os trabalhos de Pinto (1996), Queiroz (2004) e Guimarães (1999). Em estudos epidemiológicos realizados por Dias da Costa et al (2007) e Almeida Filho et al (2005), a combinação das estratégias de autoclassificação e de heteroclassificação serviram para determinar a cor/raça dos indivíduos participantes da pesquisa. Essa atribuição de cor/raça baseia-se na observação externa vista como heteroclassificação e na autoclassificação que se baseia numa auto-observação.

Seguindo a prática internacional, no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) forma entrevistadores e entrevistadoras para que registrem a raça nos censos decenais segundo a declaração do entrevistado ou entrevistada (TELLES, 2003). Já para análise das imagens fotográficas, trabalhamos com materiais diversificados:

- a) Informações extraídas de placas de formatura expostas nos corredores das universidades e dos hospitais;
- b) Informações fornecidas pelas pró-reitorias competentes e responsáveis pela matrícula de alunos/as nos cursos investigados;
- c) Informações disponíveis nos sítios das realizadoras dos processos seletivos das universidades, com o objetivo de saber a concorrência dos cursos considerados de alto prestígio.

No primeiro momento da coleta do material para análise, com a finalidade de identificar o número de negros/as nas placas de formatura, utilizamos a heteroclassificação, com a realização de uma pesquisa de campo e a coleta de imagens nas placas nos períodos de 25 a 27 de janeiro de 2011; 21 a 23 de fevereiro de 2011; 26 a 29 de setembro de 2011; 01 a 10 de outubro de 2011; 03 a 21 de fevereiro de 2012 e 08 a 23 de março de 2012. Nessa fase, utilizamos câmeras compactas, semiprofissionais e profissionais, filtros, tripés, lentes, luxímetro, lonas pretas para minimizar os reflexos acarretados pelos vidros que se sobrepõem às fotografias de alunos/as.

Em algumas situações, esses reflexos de luminosidade não foram minimizados. Sendo assim, optamos pelo uso de um *scanner* de mão, material de limpeza, uma escada, além de uma carta de apresentação (Apêndice A), emitida pela orientadora desta pesquisa, para justificar a nossa presença em alguns locais das universidades pesquisadas. Concomitantemente, anotamos a localização geográfica das placas de formatura e o número de concluintes nas placas por meio de uma tabela (Apêndice E).

Em seguida, realizamos a coleta do material para análise relacionada ao pertencimento étnico-racial no ato da matrícula de alunos/as nos cursos investigados. Protocolamos as solicitações (Apêndices B, C e D) nas universidades pesquisadas, para ter acesso ao material de análise relacionado ao pertencimento étnico-racial de alunos/as, no

período de 2000 a 2010. Esse material foi informado espontaneamente por alunos/as (autoclassificação) no ato de suas matrículas.

Prosseguindo, visitamos os sítios da Comissão Permanente do Concurso Vestibular (COPERVE) da UFPB, disponíveis em: <http://www.coperve.ufpb.br/>; o da Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV) da UFCG, disponível em: <http://www.comprov.ufcg.edu.br/>; e o da Comissão Permanente de Vestibular (CONVEST) da UEPB, disponível em: <http://comvest.uepb.edu.br/> para coletar o material relacionado à concorrência às vagas dos Cursos investigados nos processos seletivos no período de 2000 a 2010.

Depois de coletar o material para ser analisado, fizemos uma descrição das imagens fotográficas com base no esquema apresentado por Smit (1996) e nas categorias sugeridas para a análise documentária de imagens: **Quem, Onde, Quando, Como e O que**, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias definidas pela análise documentária da imagem

| <b>CATEGORIAS</b> | <b>REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS</b>  |
|-------------------|---|
| QUEM              | Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais etc.  |
| ONDE              | Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p.ex. São Paulo ou interior de danceteria)  |
| QUANDO            | Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p.ex. 1996, noite, verão).  |
| COMO / O QUE      | Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p.ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII). |

Fonte: Smit, (1996, p. 32).

Ao descrevermos as imagens fotográficas, indagamos: Quem é o sujeito da imagem fotográfica? Onde ela está espacialmente localizada? Qual a sua localização temporal? Como e em que circunstâncias essa imagem foi criada? O que está sendo mostrado nela? Para que finalidade a imagem será exposta? Como essa imagem está sendo exposta?

Com base nessas questões, analisamos as imagens fotográficas interagindo com o material quantitativo (matrícula, concorrência e número de negros/as nas placas) oriundos da heteroclassificação e autoclassificação e utilizamos o referencial teórico para aprofundar a discussão sobre as representações) e as (in) visibilidades de negros/as na memória iconográfica nas universidades públicas.

### 3 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O processo de industrialização e urbanização no século XIX alterou o ritmo das pessoas e dos objetos e contribuiu fortemente para a nova expansão do capitalismo. Na sociedade contemporânea estamos impregnados por imagens que nos “manipulam e atuam sobre nós de determinada forma” (JOLY, 2002, p. 202) e mudam contundentemente os modos de vida atuais. Essas imagens atravessam diversos meios como a televisão, os computadores, as redes sociais, a publicidade etc, e ultrapassam a cultura literária predominante anteriormente.

As imagens, os artefatos e as identidades da modernidade ocidental, produzidos pelas indústrias culturais das sociedades “ocidentais” (incluindo o Japão) dominam as redes globais. A proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no "centro" do sistema global do que em suas periferias. Os padrões de troca cultural, desigual e familiar, desde as primeiras fases da globalização, continuam a existir na modernidade tardia (HALL, 1997).

Elas estão em todos os lugares, e os enredos dos meios de comunicação de massa produzem um "real" (ou hiper-real) que substitui a vida pelo que ocorre a partir dos monitores. Na perspectiva de Burke (2004), as imagens testemunham o passado ainda mais valioso, porque revelam não apenas artefatos do passado, mas também sua organização. Os testemunhos do passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementam e apoiam as evidências dos documentos escritos e oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não oferecem. As imagens do outro são impregnadas de preconceitos e de estereótipos e se comportam de variadas formas entre as estruturas sociais

É importante que se perceba que a cultura da sociedade irá influenciar a produção dessas imagens, e seu significado é percebido de acordo com a função social que a imagem produz numa determinada época e contexto. Os antecedentes do conceito de sociedade da imagem surgem na França, na década de 1960, através das formulações pioneiras do visionário, cineasta, filósofo, militante e político Guy Debord (1997).

Para Debord, a onipresença dos meios de comunicação de massa e suas encenações espetaculares ampliavam a coisificação e a reificação. Debord (1997) afirmou que a

imagem é a forma final da reificação ou derradeira realização do capital, fundamento da sociedade da imagem ou do espetáculo. Ele postula que “toda a vida nas sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção [e interpretação] se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (DEBORD, 1997, p. 3).

A estetização da realidade promove a colonização do inconsciente e da natureza pelo mercado. Esse processo indissociável do pós-modernismo é considerado por Jameson (1996) como a lógica cultural do capitalismo tardio. O pós-modernismo revela uma nova dinâmica da sociedade:

O que ‘tardio’ geralmente transmite é mais um sentido de que as coisas são diferentes, que passamos por uma transformação de vida que é, de algum modo, decisiva, ainda que incomparável com as mudanças mais antigas da modernização e da industrialização, menos perceptíveis e menos dramáticas, porém mais permanentes, precisamente por serem mais abrangentes e difusas (JAMESON, 1996, p. 24).

Para Jameson, “[...] o cultural e o econômico se fundem desse modo um no outro e significam a mesma coisa, eclipsando a distinção entre base e superestrutura, o que, em si mesmo, sempre pareceu para muitos ser uma característica significativa do pós-moderno [...]” (JAMESON, 1996, p. 25).

Comentam Santaella e Nöth (2008) que o mundo das imagens tanto pode ser visto como representações visuais (desenhos, fotografias, pinturas etc.) quanto como representações mentais (imaginações, fantasias etc.). Assim, as imagens nascem daquilo que está representado em nossas mentes, enquanto as representações mentais se originam no mundo concreto visual. Existe uma relação muito íntima e variada entre a imagem e seu contexto verbal. A imagem pode ilustrar um texto verbal, ou o texto pode elucidar a imagem na forma de um comentário.

Essas autoras enunciam que as imagens não precisam ser verbais, mas podem funcionar como contextos de imagens. Para a semiótica, não há signo sem contexto, pois a existência de um signo já indicia seu contexto. Portanto, a relação entre imagem e texto se processa de forma polissêmica, interativa e contextualizante. Usados em conjunto, texto e imagem facilitam a compreensão e a dinamização do proposto. Quando mostradas de forma isolada, as imagens são passíveis de análises e têm diversas funções.



Sobre as funções das imagens, Aumont (2009, p. 80) propõe três modos de abordá-las. No “modo simbólico”, elas também serviram de símbolos religiosos vistos como capazes de dar acesso à esfera do sagrado, por meio da manifestação mais ou menos direta de uma presença divina. No “modo epistêmico”, as imagens trazem informações visuais sobre o mundo que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais. A natureza dessa informação varia (um mapa rodoviário, um cartão-postal ilustrado, uma carta de baralho, um cartão de banco são imagens cujo valor informativo não é o mesmo), mas essa função geral de conhecimento foi também muito cedo atribuída às imagens. Por fim, no “modo estético”, a imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações específicas.

Nos estudos de semiótica plástica, frequentemente, a palavra “imagem” é polissêmica. Em decorrência, gera ambiguidades indesejáveis no discurso científico. Fala-se em imagem da fotografia, da pintura, da escultura, da arquitetura etc., o que sugere que a “imagem” se refere a qualquer manifestação numa semiótica plástica. Quando a palavra “imagem” aparece em estudos de semiótica aplicada a esse domínio da expressão, ela é entendida como aquilo que se pode ver (PIETROFORTE, 2008).

A imagem também serve para rememorar e usar um instrumento que, para Aumont (2009), é chamado de “esquema” e definido como estrutura relativamente simples, memorizável como tal, além de suas diversas atualizações. Ele ressalta que “deve ser mais simples, mais legível do que aquilo que esquematiza. Tem, obrigatoriamente, um aspecto cognitivo, até mesmo didático” (AUMONT, 2009, p. 260). Na sua visão, a imagem se define como um objeto produzido pela mão do homem, em determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real.

As imagens contêm uma relação referencial explícita: elas sugerem, indicam, designam situações que são marcadas por uma historicidade que lhes é própria, ou seja, pertencem a um microcosmo cujas referências não se encontram nos padrões dominantes e socialmente definidos pelos grupos privilegiados. Ser negro, na sociedade brasileira, tem representado, assim, uma constante luta pela sobrevivência e pela superação de obstáculos e preconceitos (SILVA FILHO, 2005, p. 15).

Retomando o pensamento de Santaella e de Nöth (2008, p. 157), esses autores aludem a três paradigmas no processo evolutivo de produção da imagem: o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico. O primeiro nomeia todas as imagens que

são produzidas artesanalmente. São imagens feitas à mão, que se inserem desde as imagens nas pedras, o desenho, a pintura e a gravura, até a escultura. O segundo se refere a todas as imagens que são produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível; são imagens que dependem de uma máquina de registro, o que implica, necessariamente, a presença de objetos reais preexistentes. O terceiro paradigma diz respeito às imagens sintéticas ou infográficas, inteiramente calculadas por computação.

Retomando a discussão sobre as imagens, podemos considerá-las como artefatos culturais cujo significado dependentemente do contexto não tem um significado único, fixo, intocável. Entendemos por artefatos culturais toda a produção humana que envolve objetos materiais (vídeos, livros com ilustrações, fotografias, placas, instrumentos, imagens, histórias em quadrinhos, música), ideologias, crenças etc. O artefato representa a materialidade da cultura e instiga o indivíduo a buscar mais informações sobre os elementos que o compõem e o que ele irá representar diante de um determinado grupo e contexto social. Podemos pensar em imagens fotográficas como artefatos da memória, tendo a capacidade de despertar lembranças. E estas lembranças constituem a memória.

A informação é um artefato, afirma Pacheco (1995). Este autor assim expõe: “[...] ela foi criada num tempo, espaço e forma específicos, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração” (PACHECO, 1995, p. 21). Em seu diálogo com Popper (1972), ele assevera que “a informação é um bem cultural, um artefato”. Pacheco (1995) acrescenta que, para os arqueólogos, os artefatos seriam qualquer objeto confeccionado pelo homem. A propósito, a informação é descrita, segundo Marteleto (2007, p. 15), como um “artefato material e simbólico de produção de sentidos, fenômeno da ordem do conhecimento e da cultura”. A imagem contém informação e produz sentidos. Dependendo do contexto e da concepção de mundo do pesquisador e/ou pesquisadora, a imagem pode produzir vários significados, objetivos e subjetivos.

A conexão do artefato com a informação nos aproxima de Manini (2002) que segundo esse autor o modo como a fotografia reúne informação é representando coisas, eventos e pessoas da maneira como eles foram, e não, através de símbolos convencionados, como acontece com o texto escrito ou com a pintura. É importante enfatizar que não só a maneira de reunir

informações é diferente, mas também as informações apresentadas pela imagem fotográfica diferem da mesma informação quando apresentadas verbalmente.

Os artefatos, em formato de imagens fotográficas, podem privilegiar determinado grupo em detrimento do outro. Sendo assim, a memória iconográfica das universidades que analisamos, muitas vezes, encontra-se materializada em um conjunto de placas de formatura constituídas por diferentes elementos, e fixadas nas paredes das praças e nos corredores dessas instituições. Frequentemente, essas placas trazem imagens fotográficas que representam a memória iconográfica de professores e professoras, reitores e reitoras, alunos/as como parte da elite branca, deixando (in) visíveis negros/as. Essa (in) visibilidade histórica revela que a dominação branca, exercida pelas instituições de ensino, favoreceu/favorece apenas a elite branca da sociedade brasileira numa relação institucional que exclui negros/as.

As imagens são artefatos da cultura que não se deslocaram suficientemente do critério da universalidade<sup>2</sup> e do eurocentrismo<sup>3</sup>, para agregar a cultura de grupos específicos, mas ainda permanecem aprisionadas a um conceito de cultura e de ciência que inclui alguns grupos e exclui outros. Esses artefatos da cultura, segundo Dorneles (2010, p. 3) com base nas ideias de Jodelet (2001), articulam “diversos elementos, principalmente os afetivos, mentais e sociais, pois, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, esses elementos afetam as representações e a realidade material, social e ideal (das ideias) sobre a qual as próprias vão intervir”. Não se pode ignorar que “cada pessoa possui raízes culturais ligadas à herança, à memória étnica, constituídas por longos e sutis processos de socialização” (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 13).

Vale ressaltar que “toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução, o que varia é a importância de cada fase, segundo as situações” (CUCHE, 2002, p. 137), os contextos e os grupos. A cultura também pode ser entendida como o conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o que facilita, ordena, limita e potencia os intercâmbios sociais, as produções

---

<sup>2</sup> Qualidade ou caráter de universal; generalidade (DICIONÁRIO..., 2012).

<sup>3</sup> Corresponde a uma expressão que emite a ideia no mundo como um todo de que a Europa e seus elementos culturais são referência no contexto de composição de toda sociedade moderna (MUNDO..., 2012).

simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado (PÉREZ GÓMEZ, 2001).

Esses elementos acabam construindo identidades por meio de sentidos que circulam entre e através desses sentimentos, pensamentos e relacionamentos. Essa construção e circulação das identidades podem ser intencionais ou não, mas sempre vão operar transformações nas “arenas culturais”, onde o significado é negociado, e as hierarquias são estabelecidas, porque, dessa forma,

[...] a representação envolve produzir significação forjando elos entre três diferentes ordens das coisas: o que podemos geralmente chamar de o mundo das coisas, pessoas, eventos e experiências; o mundo conceitual – os conceitos mentais que levamos em nossa mente; e os signos, arranjos nas línguas que ‘significam’ ou comunicam esses efeitos (HALL, 1997, p. 61).

Diante dessas questões, entendemos que a situação de exclusão de negros/as, na memória iconográfica das universidades públicas, mesmo pós-implementação das Políticas de Ação Afirmativas, aumentou a responsabilidade ético-social de pesquisadores e pesquisadoras da Ciência da Informação, que se debruçam sobre a informação e exigem deles não apenas que exerçam sua função de “produtores do conhecimento” (UNGER; FREIRE, 2006), mas também que atuem como críticos reflexivos de artefatos que, muitas vezes, não representam igualmente negros/as e brancos/as e tornam cada vez mais desigual o acesso do povo negro às universidades públicas.

### 3.1 MEMÓRIAS DE NEGROS/AS: INDIVIDUAL OU COLETIVA?

A discussão empreendida por Bergson (1975) mostra que toda a matéria e o nosso próprio corpo se resumem a imagens. Nesse contexto, o universo é o conjunto das imagens; o mundo material, um sistema de imagens solidárias e bem ligadas. As imagens estão entrelaçadas e interligadas. Na metafísica bergsoniana, o único tempo real é o vivido, e os tempos relativos (dependentes do meio e do ambiente onde o vivido humano se deixa ver) são meras aparências.

Para ele, existem duas formas de memórias tecnicamente diferentes e independentes: uma sob a forma de imagem-hábito (eu superficial) e outra sob a forma de imagem-lembrança (eu profundo) (BERGSON, 1990). As imagens estão em todo lugar,

no hábito cotidiano, nas lembranças. É por meio delas que rememoramos o que está contido em nossa memória, através das lembranças ou de um ato realizado cotidianamente.

Ele afirma, categoricamente, que “não há percepção que não é rica em memórias” (BERGSON, 1987, p. 81). O que vivemos, hoje, nossos sentidos imediatamente interligam as experiências vividas no passado, às imagens e às lembranças, comparam e nos fazem recordar. Muitas vezes tomamos decisões que, se no passado não deram certo, no presente com a lembrança ao termos um novo desempenho, o resultado eficaz surgirá. A memória tem o poder de fazer com que evoluamos através do tempo, cometamos menos erros e levemos a experiência passada para uma sequência de acertos.

Ao parecer um fenômeno individual, a memória é vista como algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Contudo, Halbwachs (2006), nos anos 20-30, já havia entendido que a memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Essa característica flutuante e mutável da memória, tanto individual quanto coletiva, faz com que nos lembremos de que, na maioria das memórias, existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Além disso, a memória é constituída por pessoas, personagens e imagens.

A memória alimenta a identidade. Na construção da identidade negra, a memória é um elemento essencial para lembrar as raízes, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2005). Essa compreensão de identidade, no sentido mais superficial, refere-se ao sentido da imagem de si, para si e para os outros. É a imagem que uma pessoa adquire, ao longo da vida, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, entendendo a sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros da maneira como quer.

A memória pode ser entendida como um elemento que constitui o sentimento de identidade, individual ou coletiva, pois é um importante ativador do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Na linha de raciocínio de Azevedo Netto (2011, p. 110-111), a memória é um “conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem

experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto”. É constituída, também, por lembranças. É difícil encontrar lembranças que nos levem a momentos em que nossas sensações não se misturem com as imagens e os pensamentos que nos ligam a outras pessoas ou grupos com os quais convivemos.

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente. A memória pode ser histórica, mas não é histórica por si só. É vestígio. Apesar de indomável, esforça-se em assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado, a capacidade de viver o já inexistente. A memória é, então, também o lugar das permanências (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420).

Além dos acontecimentos e das personagens, existem lugares da memória que estão ligados a uma lembrança e podem ser uma lembrança pessoal que, comumente, não tem apoio no tempo cronológico. Compreendendo que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

Halbwachs (2006) avança em relação a Bergson (1975; 1987; 1990), ao afirmar que reconhecer por imagens é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que, com elas, formam um conjunto e uma espécie de quadro. É reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos. A evocação tratada se assemelha à lembrança. Quando nos lembramos de algo, estamos evocando uma lembrança que, muitas vezes, estava escondida no passado. Assim, criamos nossos novos conceitos e percepções.

As reflexões de Halbwachs (2006) sobre memória coletiva nos aproximam e trazem à lembrança o sofrimento de um grupo espoliado, explorado e humilhado, em um longo período de toda a sua história, e hoje, ainda guarda na memória imagens dessas situações recuperadas através de vários tipos de artefatos. Halbwachs (2006) compreende a memória coletiva como um “processo social de reconstrução do passado vivido e

experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade [...]”, subjugados pelo regime de escravidão criminosa na sociedade brasileira.

O processo de construção de uma memória dominante acerca da inferioridade do negro está ligado a marcas do sistema escravocrata, que não se restringiram somente à dor no corpo do escravizado, imposto ao trabalho servil e desumano. Era um corpo, calejado e principalmente vitimado pela presença e força também de uma memória dominante, oriunda de teorias raciais de ordem teológica, social e científica, que fora solidificada ao longo de décadas, e naturalizada no imaginário coletivo brasileiro. São marcas de dor, de exclusão, de preconceitos, de dilemas que se comprimem não só no corpo do negro escravizado, mas também no imaterial, ou seja, no imaginário do negro e da sociedade escravocrata uma condição de subalternidade da etnia negra na estrutura social à época (SOUZA; ROCHA, 2012, p. 133).

Essas imagens estão intrinsecamente ligadas à memória, seja nas lembranças ou nas evocações, nos lugares ou na construção de identidade do indivíduo, na comunidade ou coletividade. Camargo (1999, p. 7) afirma que “encontrar a origem das imagens é encontrar nossas próprias origens. Ser humano constitui-se em identificar, nas representações culturais que criamos e articulamos, o sentido de nossa existência”. Essas imagens são capazes de cumprir funções específicas, independentemente de seus conteúdos.

Camargo (1999) argumenta que uma mesma imagem pode atender a interesses variados e servir em diversas situações. Em sua função representativa, elas reproduzem algo que existe ou que tenha a possibilidade de existir. Como função informativa, as imagens traduzem com segurança os dados sobre o que reproduz ou projeta. Na função simbólica, elas representam os anseios, as crenças e as intuições de um grupo social e, dessa forma, dão-lhes sentido.

As imagens se preocupam em registrar e traduzir, com grande proximidade, a fonte da qual se originaram e as condições em que foram realizadas. Elas contêm, em si, um alto grau de verificação, de ser verdadeira. Na função expressiva, as imagens informam o estado estético em que ou para o qual foram realizadas de acordo com o pensamento de Camargo (1999). O sentido mais evidente e prioritário nessas imagens é o poético<sup>4</sup>. Finalmente, em

---

<sup>4</sup> Entendendo poético, nesse caso, como originário do *poien* grego, que se refere ao fazer, ao construir considerando todas as estratégias criativas necessárias à expressão artística, como a invenção e a experimentação.

sua função pedagógica, Camargo (1999) afirma que as imagens indicam, orientam, instruem, informam, descrevem, narram e, em suma, ensinam.

O que é mais importante para se perceber é como as imagens fotográficas se comportam nas estruturas sociais, sabendo-se que a cultura da sociedade influencia diretamente na produção delas, e sua significação é percebida de acordo com a função social da imagem, na época, e no contexto em que está inserida. Corroboramos a fundamentação de Kossoy (2002, p. 132) que “a memória do homem e as suas realizações têm se mantido sob as diferentes formas e meios, graças a um sem-número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 160 anos”.

### 3.2 IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO REPRESENTAÇÃO

Propor uma discussão sobre imagens fotográficas significa abordar formas de representações sociais de imagens na sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem. Significa recorrer a um contexto histórico em que Joseph Nicephore Niepce, em 1826, depois de dez anos de experiências, consegue imprimir, através da ação direta da luz, o panorama que via da janela do sótão de sua casa, em Charlonssur-Saône. Tratava-se do resultado de um processo longo, que teve início com as primeiras experiências com litografia e, depois, com papel tratado com cloreto de prata. Ele usou também betume aplicado sobre vidro e óleos para fixar a imagem (COSTA, 2005).

Para Joly (2005), a técnica e seu processo mecânico da fotografia fazem aparecer uma imagem de maneira automática, objetiva e quase natural, sem intervenção direta da mão no artista. A fotografia “é memória enquanto registro da aparência de cenários, personagens, objetos, fatos: documentos vivos ou mortos é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2002, p. 131). O autor assevera que não importa qual seja o objeto de representação, porquanto a questão recorrente é a preservação da memória coletiva ou individual.

As fotografias, aqui entendidas como imagens fotográficas, são registros da experiência humana, vestígios do passado, acontecimentos do presente, lembranças para serem vistas no futuro. Elas fazem parte da memória iconográfica e são consideradas uma imitação quase perfeita da realidade. Essas fotografias podem ser concebidas como imagens produzidas para dizer algo, ilustrar conceitos, vender produtos e ideologias nas



sociedades atuais. As imagens fotográficas estão “[...] coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros, sob forma de cartazes, impressas em livros, latas de conservas, camisetas” (FLUSSER, 2002, p. 22), corredores e salas de reuniões das empresas, do governo e das universidades.

Que significam tais fotografias? [...], significam conceitos programados, visando programar magicamente o comportamento de seus receptores. Mas não é o que se vê quando para elas se olha. Vistas ingenuamente significam cenas que se imprimiram automaticamente sobre superfícies. Mesmo um observador ingênuo admitiria que as cenas se imprimissem a partir de um determinado ponto de vista. Mas o argumento não lhe convém. O fato relevante, para ele, é que as fotografias abrem para o observador visões do mundo. Toda filosofia da fotografia não passa, para ele, de ginástica mental para alienados (FLUSSER, 2002, p. 22).

O dispositivo da imagem fotográfica é diferente do dispositivo do texto escrito. Conceitualmente, “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação como o mundo, semelhante ao conhecimento e, portanto, ao poder” (SONTAG, 2004, p. 14). As fotos são, para ela, artefatos. Barthes (1984) concebe que a foto, ao contrário da pintura, remete não somente a um objeto “possivelmente real”, mas também a um objeto “necessariamente real”, e não se pode negar que “o objeto exista”. A foto é uma “emanação do referente” e testemunha um “aconteceu assim”.

A imagem fotográfica “não é a realidade, mas, pelo menos, sua perfeita analogia, e é exatamente essa perfeição analógica que geralmente define a fotografia” (BARTHES, 1961, p. 128). Sua interpretação situa-se no âmago da interrogação semiológica que, embora comece por se inquirir quanto ao significado das imagens como intenção da obra chega, necessariamente, ao ponto de interrogar sobre o que se passa com essa significação, quando filtrada pela leitura e pela interpretação, ou seja, pela interpretação do leitor (JOLY, 2002).

Os estudos das representações sociais servem para discutir a relação das imagens com a representação. Segundo Moscovici (2010), esses estudos não deveriam permanecer restritos a um mero salto do nível emocional para o intelectual. Toda cognição, motivação e comportamento só existem e têm repercussões se significarem algo, e significar implica, por definição, que, pelo menos, duas pessoas compartilhem uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns.

Para Moscovici, estudar representações sociais requer que retornemos aos métodos de observação. Exige-se que a observação preserve algumas das qualidades do experimento, ao mesmo tempo em que nos liberte de suas limitações. É necessário delinear hipóteses e verificá-las em laboratório é a palavra de ordem. Logo, devem-se descrever os fenômenos e tentar descobrir regularidades para poder fundamentar uma teoria geral.

Para ele, compreensividade consiste no acúmulo de dados à sua disposição, e o significado das regularidades revela qual teoria seguir. As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância, desde o dia em que a mãe, com todas as suas imagens e conceitos, começa a ficar preocupada com seu bebê (MOSCOVICI, 2010).

As imagens fotográficas são formas de representar e expressar determinados fenômenos sociais, como as conversações e outras circunstâncias como as ciências, as religiões e as ideologias.

As representações são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades [...]. Como símbolos construídos coletivamente por uma sociedade, as representações sociais, são explicadas através de termos como ideias, espírito, concepções, mentalidade, nascendo daí a noção de visão de mundo. Para se manter, cada sociedade necessita ter concepções de mundo 'abrangentes e unitárias', como o modo de encarar o tempo, o espaço, o trabalho, a riqueza, o sexo, os papéis sociais, etc. Para chegar a tal concepção é fundamental a exteriorização das ideias e das diferentes visões, portanto, é nesse momento que as sociedades chegam ao processo de representação da realidade (LIMA; SILVA, 2002, p. 2).

As representações devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que já sabemos. Elas ocupam uma posição curiosa, em alguns pontos entre conceitos, com o objetivo de abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que o reproduzam de uma forma significativa. Têm sempre duas faces interdependentes: a face icônica e a face simbólica.

Para Moscovici (2010), representação é o mesmo que imagem/significação. Para ele, “a teoria das representações sociais toma como ponto de partida a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade” (MOSCOVICI, 2010, p. 79). Esse autor afirma que as representações sociais têm duas

funções: uma delas é a de tornar convencional os objetos, as pessoas e os acontecimentos que se encontram numa forma definitiva, localizando-as em uma determinada categoria e, gradualmente, colocando-as como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. A outra é que as representações são também prescritivas porque nos impõem uma força irreversível. Essa força é a combinação de uma estrutura presente, antes mesmo que nós comecemos a pensar, e de uma tradição que determina o que deve ser pensado.

Os artefatos culturais, denominado neste estudo como imagens fotográficas encravadas em placas confeccionadas de vários materiais, são objetos da ciência produzidos na academia e/ou universidade. Sobre essa questão, Machado, em conversações com Foucault, salienta que esses objetos das ciências são resultados da produção humana, representações que eles fazem sobre a vida, o trabalho e a linguagem dando sentido às palavras e às coisas, geralmente, e deixando marcas negativas.

A representação que o homem se faz a partir deles não é um aprofundamento daquilo que são esses objetos mas, pelo contrário, seu avesso, sua marca negativa. Os homens, pelo fato de viverem, trabalharem e falarem, constroem representações sobre a vida, o trabalho e a linguagem: essas representações são justamente os objetos das ciências humanas. As ciências humanas estudam o homem enquanto ele se representa na vida na qual está inserida, sua existência corpórea, a sociedade em que se realiza o trabalho, a produção e a distribuição, e o sentido das palavras (MACHADO, 1982, p. 145).

Em estudo sobre uma imagem, Kossoy (2002) destaca que o pesquisador busca pela interpretação iconográfica, a decifração da realidade interior da representação fotográfica, desvelando sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade e sua verdade iconográfica. Assim, podemos aceitar o argumento de que a iconografia é uma fonte de pesquisa de considerável valor histórico para as diferentes culturas. Sua riqueza “é capaz de nos transmitir convenções socialmente criadas; sentimentos e motivos de uma época; elementos componentes de uma ideologia; utopias regressivas ou progressivas; mitos e ideias capazes de estimularem uma atividade social etc.” (HIRATA, 2003, p. 1).

Hirata assinala que a iconografia abrange esculturas, pinturas, placas, medalhas, selos postais, imagens, fotos, personalidades etc. Proveniente do grego “*eikon*”, termo “Iconografia” significa imagem e “*graphia*”, escrita, “escrita da imagem”. É descrita como uma forma de linguagem que agrega imagens na representação de determinado tema. Situa-se numa

área de estudo que investiga sobre a origem das imagens. A iconografia significa a imagem registrada e a sua representação por meio da imagem, que “não é a própria realidade, mas torna-se emblemática, um ícone, a partir do instante em que é escolhida para uma representação” (ANDRADE, 1990, p. 2).

Panofsky (1995) evidencia que existem diferenças entre os termos iconografia e iconologia. Para ele, iconografia é o estudo do tema ou assunto, enquanto iconologia é o estudo do significado. Ele toma como exemplo um homem levantando um chapéu e afirma que esse ato de retirar o chapéu da cabeça representa a iconografia, e quando levanta o chapéu educadamente, tem-se a iconologia. Esse gesto é “resquíio do cavalheirismo medieval: os homens armados costumavam retirar os elmos<sup>5</sup> para deixarem claras suas intenções pacíficas”. Assim, enfatiza a importância dos costumes cotidianos para que possamos compreender as representações simbólicas.

Para González e Arillo (2003), “a imagem transmite informação, refletindo objetos, coisa que não faz um texto, portanto são importantes em sua análise e diferenciam o seu tratamento em relação aos textos”. Eles argumentam que, na imagem, iremos nos deparar com três níveis de significação: 1) O que é evidente (descrição pré-iconográfica, na classificação de Panofsky) – identificação primária ou formal do tema; 2) O que é contextual (análise iconográfica para o historiador da arte) – imagens cuja história ou alegoria exige familiaridade com determinados conceitos e temas culturais para ser compreendidas e; 3) O que é intrínseco e simbolicamente explicativo (interpretação iconográfica) – o que você interpreta ao ver a imagem.

### 3.4 O QUE VEMOS NAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DA ICONOGRAFIA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS?

A informação imagética mostra negros/as apartados de suas raízes e trazidos acorrentados em navios negreiros para o Brasil, sobrevivendo em cativeiro e condições desumanas que perduraram por mais de três séculos. Na literatura, muitas mostram que, desde a migração forçada para submetê-lo ao processo de escravização, o povo negro foi marcado por profundas formas de segregação e empurrado para locais como mocambos, comunidades rurais e favelas.

---

<sup>5</sup> Espécie de capacete que protegia a cabeça nas armaduras antigas.

[...] Os escravos eram *mãos e pés* do senhor. Só o escravo trabalhava e produzia. Era ele que fazia tudo [...] Durante o período escravista, na cidade ou no campo, ele estava presente em todos os setores sociais, desempenhando as mais diversas funções, proporcionando o ócio dos senhores (SILVA, 2004, grifo do autor) <sup>6</sup>.

Destinados ao escravismo, é certo que negros e negros conviveram com a produção de imagens diferenciadas do escravismo criminoso: uma benevolente e outra violenta e a outra em que aparecem exaustivamente retratados em cenas de trabalho pesado (CHAUÍ, 2000). Sua condição social e econômica não mudou devidamente com o período pós-abolição. Vários fatores, segundo Silva (2004), como “particularidades regionais, conjuntura econômica, proporção em relação à população geral, concorrência no mercado de trabalho” contribuíram para que eles se espalhassem pelas zonas rurais e passassem a sobreviver com economias de subsistência e monoculturas.

As relações sociais e os espaços ocupados por negros/as estavam à margem da sociedade. Eles viviam e ainda vivem em baixíssimas condições de sobrevivência que geram muitas dificuldades de ter acesso à educação e à saúde. É um povo que constituiu um modo de vida próprio, com uma cultura particular, e desenvolveu seus problemas históricos e sociais marcados pelas desqualificações impostas pela sociedade dominante. No entanto, foi esse modo de vida que permitiu a realização de ideias e formas de sobrevivência e convivências próprias (CUNHA JÚNIOR; RAMOS, 2007). Contudo, não podemos falar mais em modos de vida unitários, em cultura unitária, porque foge à globalização.

Embora esses dados estatísticos mencionem que negros/as representam 43,1% e brancos/as representam 47,7%, nota-se que uma grande parte do povo negro ainda se encontra alocada nas periferias e nas favelas de todo o País. O Censo 2010 mostra que, “entre os mais de 191 milhões de brasileiros, 91 milhões se declaram brancos (47,7%), 15 milhões, pretos (7,6%), 82 milhões, pardos (43,1%), 2 milhões, amarelos (1,1%), e 817 mil, indígenas (0,4%). Somando-se negros e pardos, são 97 milhões” (IBGE, 2010).

No Brasil, os territórios do povo negro são áreas cuja análise histórica mostra como as desigualdades sociais e os processos de dominação afetam o desempenho social, cultural, político, psíquico e econômico (CUNHA JUNIOR; RAMOS 2007). Demonstram

---

<sup>6</sup> Documento eletrônico, sem paginação.

as deficiências das políticas públicas, ao longo dos anos, e já transita por mais de um século a situação de vida de negros/as. Para André (2008, p. 36), “o lugar ideologicamente constituído que lhe foi dado é o de um ser inferior em todos os aspectos do desenvolvimento – intelectual, emocional, econômico e social, - que foi reafirmado pelas várias ciências” e, principalmente, na área de educação. Contudo, essa imposição dominante construiu um poder de tática de defesa/sobrevivência do povo negro.

Na educação superior, segundo Guimarães (2008), no Brasil, as múltiplas causas da pequena absorção de negros/as pelas universidades públicas também têm uma relação estreita com a pobreza, com o número escasso na escola pública, com a preparação insuficiente e a pouca persistência. São fatores que refletem a falta de apoio ou de recursos familiares e comunitários e a forma como os processos seletivos ocorrem nessas instituições. Nota-se que

a persistência da desigualdade racial, no sistema educacional brasileiro, configura-se como limitador de acesso a oportunidades sociais para a população negra, ao mesmo tempo em que restringe a construção e uma sociedade mais equânime e mais democrática (SILVA et al, 2009, p. 76).

No sistema educacional, alguns problemas indicadores da desigualdade racial, nesses últimos 20 anos, são: acesso e taxa de escolarização; permanência e distorção idade – série; desigualdades e desafios; desigualdade de renda e mercado de trabalho (SILVA et al, 2009).

As imagens fotográficas de jovens negros/as são cotidianamente reveladas, constituindo um grande problema, pois essas “vêm limitando suas oportunidades sociais, restringindo o desenvolvimento de suas capacidades e as chances de construção de uma trajetória ascendente” (SILVA et al, 2009, p. 181). Eles têm sido sub-representados nas universidades públicas, e suas oportunidades de trabalho são precárias em relação aos jovens brancos. Além disso, os “jovens negros são, assim, ainda mais que os brancos, submetidos a um contexto social marcado por violências com profundos impactos em seu cotidiano, em sua visão de mundo e em suas possibilidades concretas de construção de futuro” (SILVA et al, 2009, p. 181).

Mesmo com as Políticas de Ações Afirmativas que possibilitaram o ingresso de negros/as no Ensino Superior, nas instituições públicas e em bolsas de estudos para instituições privadas, através do Programa Universidade para Todos (PROUNI), em 2004,

as imagens fotográficas analisadas mostram que uma grande parte ainda não conseguiu ter acesso às universidades. Como afirmam Silva et al (2009, p. 182), “o acesso e permanência da juventude negra no ensino superior referem a uma população que termina o ensino médio com aproximadamente 18 anos e que, muitas vezes, leva até cinco anos para ingressar no ensino superior”.

Na sociedade brasileira, é nítido que negros/as estão submetidos ao ressurgimento “de velhas desigualdades sociais [e raciais] dentro das diversidades de ambientes” (FLICK, 2009, p. 21) e desembocam não só para a exclusão de acesso e uso da informação, mas também para a inserção dos temas de seu interesse na produção científica dessas instituições. Há um forte desconhecimento de que a universidade é importante para negros/as não simplesmente “porque aí constroem suas carreiras, mas porque, nesse espaço, operam a transformação da própria consciência, possibilitando um processo de mudança e transformação dos sujeitos, alunos, professores, funcionários e o que mais que seja” (GUSMÃO et al, 2009, p. 192).

Essa (in) visibilidade de negros/as nas imagens fotográficas da memória iconográfica das universidades públicas interfere na construção da identidade negra. Essas imagens quase sempre ignoram o caráter da luta negra, comprometida consigo mesmo e com a coletividade, que anseia por ser conhecida por suas características, por suas qualidades e propriedades, para ser e viver plenamente reconhecidas na memória iconográfica das universidades públicas. Essas instituições deveriam propiciar as condições para

abrir as mentes, compreender, militar, ensinar e educar [já que] possibilita um caminho na construção de um diálogo possível e da visibilidade de [negro/a] brasileiro e na reflexão crítica e propositiva das ‘lacunas e incompreensões’ referentes à questão negra (GUSMÃO et. al, 2009, p. 196).

Em suas pesquisas, Carvalho (2006) concebe que a segregação racial, no meio universitário, jamais foi imposta no Brasil legalmente, mas sua prática concreta tem sido a realidade do nosso mundo acadêmico, através de mecanismos que esse próprio mundo acadêmico tem feito muito pouco por analisar, tampouco tem mostrado interesse, até recentemente, em desativá-los. Historicamente, pontua o pesquisador que as universidades públicas

expandiram seus contingentes de alunos e professores inúmeras vezes ao longo do século XX, mas não tomaram nenhuma iniciativa para corrigir a exclusão racial que as caracteriza desde sua fundação. *Ou seja*, havia uma política abertamente racista na hora de iniciar a distribuição dos benefícios do ensino superior; todavia, não houve nenhum protesto ou ação antirracista posterior por parte dos acadêmicos brancos contra os privilégios que receberam em virtude desse racismo estrutural. Pelo contrário, houve grande hostilidade e rejeição à presença de vários quadros negros importantes nos postos docentes (CARVALHO, 2006, p. 99).

Ele argumenta que intelectuais renomados, como Guerreiro Ramos (que mudou o pensamento sociológico tradicional brasileiro), Édison Carneiro, Clóvis Moura e Pompílio da Hora, preteridos por sua condição racial, ficaram fora das universidades públicas dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. No caso de Abdias do Nascimento, ele só conseguiu inserir-se nas universidades americanas e nas africanas por estar exilado durante os anos da ditadura. No retorno ao Brasil, ele não foi acolhido por nenhuma universidade pública, enquanto quase todos os acadêmicos brancos/as, que foram exilados, conseguiram retomar seus postos anteriores ou foram realocados em outros. O resultado dessa segregação racial, que já atravessou quatro gerações de universitários, é uma prática quase nunca submetida à crítica de acadêmicos brancos/as, que falam sempre entre brancos/as, quando, na verdade, pretendem falar por todos e para todos (CARVALHO, 2006).

Em sua pesquisa na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Castro (2004) verificou que, em 686 pastas de alunos/as dos cursos de Nutrição, Medicina e Enfermagem, havia fotografias somente em 32% das pastas, e a classificação foi de 43% pardos, 25% brancos, 21% mulatos e 11%, negros/as. Na iconografia desses cursos e desses sujeitos, notamos uma (in) visibilidade de negros/as em relação às demais raças classificadas. Essa distinção apresenta sérias relações com a teoria do embranquecimento.

Em suas teses sobre a teoria do branqueamento, Hofbauer (2006) analisa vários argumentos de autores que teceram ideias sobre as relações entre brancos/as e negros/as.

A persistência da ideologia do branqueamento no Brasil está relacionada às relações de poder patrimonialista que têm marcado profundamente a história do país. A ideologia do branqueamento traz em si um enorme poder de abafar, inibir reações coletivas da parte dos ‘não-brancos’, uma vez que os induz a aproximar-se do padrão hegemônico. E ao induzi-los a negociar individualmente certos privilégios (por exemplo, a carta de alforria, um melhor salário), contribui para que os poucos ‘negros’ que conseguem ascender socialmente se afastem da maioria dos ‘não-brancos que não tiveram tanta sorte como eles’ (HOFBAUER, 2006, p. 408).



A crítica de Hofbauer (2006, p. 410) acerca da ideologia do branqueamento repousa sobre o argumento de que ela “atua no sentido de dividir aqueles que poderiam se organizar em torno de uma reivindicação comum e faz com que as pessoas procurem se apresentar no cotidiano o mais ‘brancas possível’”. Ele defende que não se trata de uma ideologia ou teoria, mas uma adaptação das teorias raciais clássicas aplicadas à realidade brasileira. Em sua visão, a ideologia do branqueamento sofreu questionamentos e transformações em razão tanto das mudanças na concepção de mundo quanto nos contextos sociais históricos específicos. É exatamente na década de 1950 que essa ideologia perde “sua legitimidade moral”, pois coube à UNESCO perceber que a contribuição de negros/as não era mais necessária para construir a sociedade brasileira, mas o núcleo da questão era saber qual seria a posição social dos descendentes da ancestralidade africana e como entender as relações entre negros/as e brancos/as.

Tendo em vista esse panorama, surgiram novos conceitos de raça e de grupo étnico ganhando terreno junto à elite acadêmica e política do país. Como registra Hofbauer (2006, p. 410), “ao essencializar categorias de negro e branco, usando tipologias étnico-raciais, foi possível detectar a existência de desigualdades e de tendências de discriminação e, dessa forma, denunciar a democracia racial como mito social que encobre a realidade”. A partir desse momento surgem novos estudos que irão apontar as desigualdades sociais que afetam negros/as. Esse autor ressalta que, mesmo com os processos de modernização econômica e social, ainda é possível perceber a força do poder patrimonial fundamentado em “redes pessoais de proteção e de dependência”.

Ele afirma que com a globalização, “os conceitos de negro e branco e de raça estão sendo reavaliados por novos interesses políticos, novas forças ideológicas, novas tendências acadêmicas e idéias científicas” (HOFBAUER, 2006, p. 411) influenciados pelas diferenças, multiculturalismo, pan-africanismo, afrocentrismo, novo nacionalismo ou por posturas como *Black is beautiful*, politicamente correto ou forças radicais que pregam a supremacia branca.

Hofbauer (2006) admite que com as transformações e adaptação aos novos contextos, a atuação política do Movimento Negro Brasileiro vem ganhando nova qualidade, uma vez que uma parte dos ativistas, “sem perder a raiz”, (GOMES, 2008) se profissionalizou e atua em órgãos governamentais e nas universidades públicas, mesmo assim ainda prevalecem as discriminações raciais contra negros/as nesses setores, necessitando de um discurso crítico e mais políticas para acesso e permanência.

Estudando essa questão, Maria Aparecida Silva Bento (2012) revela que “no Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”. Para Hufbauer (2006), a força da ideologia do branqueamento é tão forte que muitos negros/as não se autoclassificam como tais, preferindo utilizar outras categorias que embranquecem. Há também aqueles e aquelas que evitam opinar sobre a categoria ‘negro’. Como afirma o autor, “tudo indica que a ideologia do branqueamento continua funcionando como uma espécie de pano de fundo ideológico sobre o qual outros discursos, outras concepções de negro e branco vão se sedimentando” (HOFBAUER, 2006, p. 411). Nas universidades públicas, principalmente nos cursos de alto prestígio, o branqueamento está arraigado na memória iconográfica, na qual a representação de negros/as é praticamente invisível.

Pesquisas realizadas no final da década de 1970 mostraram que, no Brasil, negros/as foram minimamente representados nas ilustrações e nas iconografias.

[...] os brancos foram muito mais representados nas ilustrações, tendo seu lugar garantido em praticamente todas as posições de destaque; prevaleceram nas representações os contextos e valores da cultura europeia; ocorreram poucas representações de negros nas iconografias; os negros foram em muitos casos, identificados nos textos apenas pela etnia e não pelo nome próprio, e representados em diversas ilustrações com traços estereotipados; a aparição de negros em contexto familiar ou em família não constituída de pessoas pobres foi bastante reduzida; os negros foram associados a um número limitado de atividades profissionais e representados principalmente em posições de menor prestígio; foi recorrente nas obras a associação de crianças negras a animais pretos e/ou à figura dos meninos de rua; foi realizada uma descrição dos negros como meros coadjuvantes das ações e dos processos históricos [...] (LUIZ; SOUZA, 2010)<sup>7</sup>.

Esses autores mostram que, na década de 1990, esse quadro foi sendo modificado lentamente, nas instituições educativas, onde negros/as aparecem nas coleções, rompendo

significativamente com visões estereotipadas tidas sobre eles, aparecendo em funções sociais diversificadas: representações de negros com poder aquisitivo; humanização do tratamento das crianças negras, crianças negras, feições positivas, em ambientes esportivos, de lazer ou escolares; utilização de nomes próprios para caracterização de personagens negros;

---

<sup>7</sup> Documento eletrônico, sem paginação.

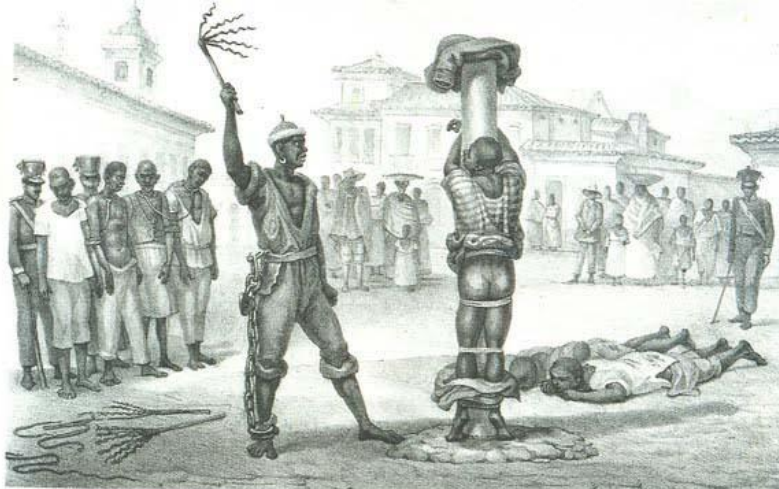
representações de famílias negras; tratamento de temas históricos antes relegados e que contaram com intensa participação negra; maior inclusão dos negros como participantes dos processos históricos; representação positiva de ícones da resistência negra; representação positiva de caracteres fenótipos dos negros etc. (LUIZ; SOUZA, 2010).

A literatura que analisa a relação entre negros/as e brancos/as, em livros didáticos, assinala que os textos e as ilustrações apresentam um padrão de discriminação baseado na supremacia de brancos/as em detrimento de negros/as (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003). Negros e negras ainda aparecem exaustivamente retratados como sujeitos sofrendores no seu processo de captura na África, no transporte para o Brasil e no castigo nos engenhos (VAZ; MENDONÇA; ALMEIDA, 2002). Nas atividades laborais, como observou Silva (2008), os personagens negros/as desempenharam um número limitado de profissões, em relação a brancos/as. Os personagens brancos ainda têm uma tendência de se concentrar em profissões mais valorizadas socialmente, enquanto negros/as, em profissões menos valorizadas. Nas iconografias dos museus, dos arquivos e das bibliotecas, as imagens de negros/as são mais associadas ao trabalho escravo e acabam contribuindo para reforçar a ligação da imagem desses sujeitos com a escravidão.

Estudos críticos mostram que a representação de negros/as não está restrita apenas à violência e ao sofrimento, conforme ilustrado nas Figuras 4 e 5, visto que também aparecem como “sujeitos de resistência” e “escrevem a própria história”, mesmo que os livros prefiram não destacar isso quando apresentam imagens pejorativas (VAZ; MENDONÇA; ALMEIDA, 2002).

A Figura 4 mostra um dos castigos comumente executados em praça pública durante o período da escravidão. Negros/as eram amarrados e chicoteados/as, muitas vezes, até à morte. Os castigos eram aliados ao excesso de trabalho e ao alimento insuficiente, além de condições de moradia precárias e sem higiene.

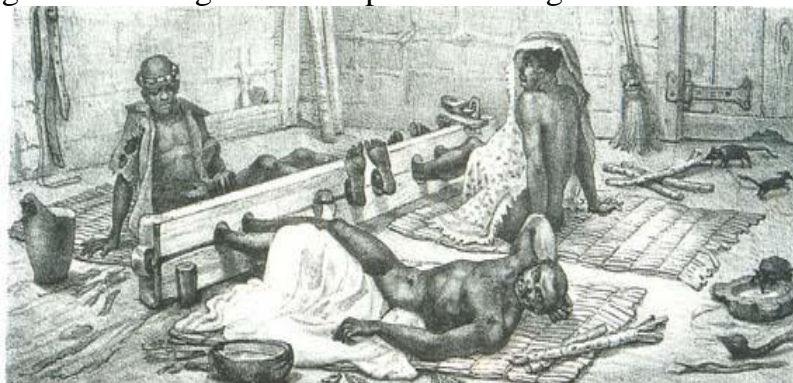
Figura 4 – Negro como objeto de castigo em praça pública



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 337).

Outro tipo de castigo físico é mostrado na Figura 5. Como pode ser observado, negros/as escravizados eram amarrados pelos pés e passavam dias e noite de forma precária e desumana, sem comida suficiente e sem suas vestes. Várias formas e instrumentos eram utilizados para castigá-los e mantê-los obedientes e temerosos. Santos (2009) elenca, como instrumentos destinados à captura e à contenção de cativos, as correntes (entre as correntes estão a gonilha ou golilha, a gargalheira), o tronco, o vira-mundo, as algemas, os machos, o cepo e a peia.

Figura 5 – Castigos físicos aplicados a negros/as escravizados



Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2000, p. 337)

Tais estudos mostram que, no Brasil, o dilema racial é de caráter estrutural. Para corrigi-lo, afirma Fernandes (2007), é preciso mudar a estrutura de distribuição de renda, do prestígio social e do poder e estabelecer um mínimo de igualdade econômica, social e cultural entre brancos/as e negros/as. Essa demanda implica mudar a mentalidade das

pessoas, criar medidas e implementar ações afirmativas, visando diminuir o preconceito e a desigualdade como um dos objetivos fortes de militantes e das entidades defensoras da promoção da igualdade. “Trata-se de medidas que surgem para superar as expressões contemporâneas do racismo e da discriminação racial, e também reparar os fatores que impediram a plena emancipação da população negra no período pós-abolição” (SANTOS, 2009, p. 7).

Avanços são observados com o estabelecimento de programas, políticas, secretarias e leis, que tentam minimizar anos de desigualdade e de discriminação. Porém, as mudanças são poucas e a resistência da tolerância pela sociedade é latente. Um exemplo disso é a política de cotas adotada em algumas universidades e bastante criticada pela sociedade. Muito ainda não foi feito e há de ser realizado para que mudanças profundas aconteçam em nosso país.

#### 4 CONFIGURAÇÃO DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS

O corpus de análise constituído pelo material disponibilizado pelas Pró-Reitorias de Ensino e Graduação das Universidades do estado da Paraíba e coletado nos sítios oficiais das universidades investigada suscitou uma análise quantitativa do fenômeno, pois contém material de análise sobre os centros, os cursos, os locais de funcionamento e a concorrência de candidatos/as ao vestibular, o que serve para subsidiar a análise qualitativa de imagens fotográficas constitutivas da memória iconográfica de concluintes de cursos dessas universidades.

Iniciando pelo Quadro 2, é possível observar a configuração de cursos dessas instituições, tais como os centros, os locais de funcionamento e a data de criação de cada um deles. A UFPB agrega um curso que se encontra vinculado ao Centro de Ciências Médicas (CCM), e oito, ao Centro de Ciências da Saúde (CCS). A UFCG agrega oito cursos, distribuídos no Centro de Ciências Biológicas da Saúde (CCBS), no Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), no Centro de Educação e Saúde (CES) e no Centro de Formação de Professores (CFP), com oito cursos: Medicina (02), Enfermagem (03), Farmácia (01), Nutrição (01) e Odontologia (01). A UFPB acolhe seis cursos distribuídos nos CCBS e nos CCTS, porém cinco dos mencionados estão localizados no Campus I, em Campina Grande, e um, no Campus de Araruna. O curso de Odontologia foi criado recentemente.

Quadro 2 - Cursos da área de saúde da UFPB/UFCG/UEPB

| Instituição | Curso               | Centro | Cidade         | Ano de criação |
|-------------|---------------------|--------|----------------|----------------|
| UFPB        | Medicina            | CCM    | João Pessoa    | 1950           |
|             | Odontologia         | CCS    | João Pessoa    | 1951           |
|             | Enfermagem          |        |                | 1954           |
|             | Farmácia            |        |                | 1958           |
|             | Nutrição            |        |                | 1976           |
|             | Educação Física     |        |                | 1976           |
|             | Fisioterapia        |        |                | 1980           |
|             | Fonoaudiologia      |        |                | 2009           |
|             | Terapia Ocupacional |        |                | 2009           |
| UFCG        | Medicina            | CCBS   | Campina Grande | 1965           |
|             | Enfermagem          |        |                | 2010           |
|             | Odontologia         | CSTR   | Patos          | 2009           |
|             | Farmácia            | CES    | Cuité          | 2005           |
|             | Enfermagem          |        |                | 2005           |
|             | Nutrição            |        |                | 2008           |
|             | Medicina            | CFP    | Cajazeiras     | 2007           |

|      |                 |      |                |      |
|------|-----------------|------|----------------|------|
|      | Enfermagem      |      |                | 2007 |
| UEPB | Odontologia     | CCBS | Campina Grande | 1976 |
|      | Fisioterapia    |      |                | 1977 |
|      | Farmácia        |      |                | 1978 |
|      | Enfermagem      |      |                | 1978 |
|      | Educação Física |      |                | 1978 |
|      | Odontologia     | CCTS | Araruna        | 2010 |

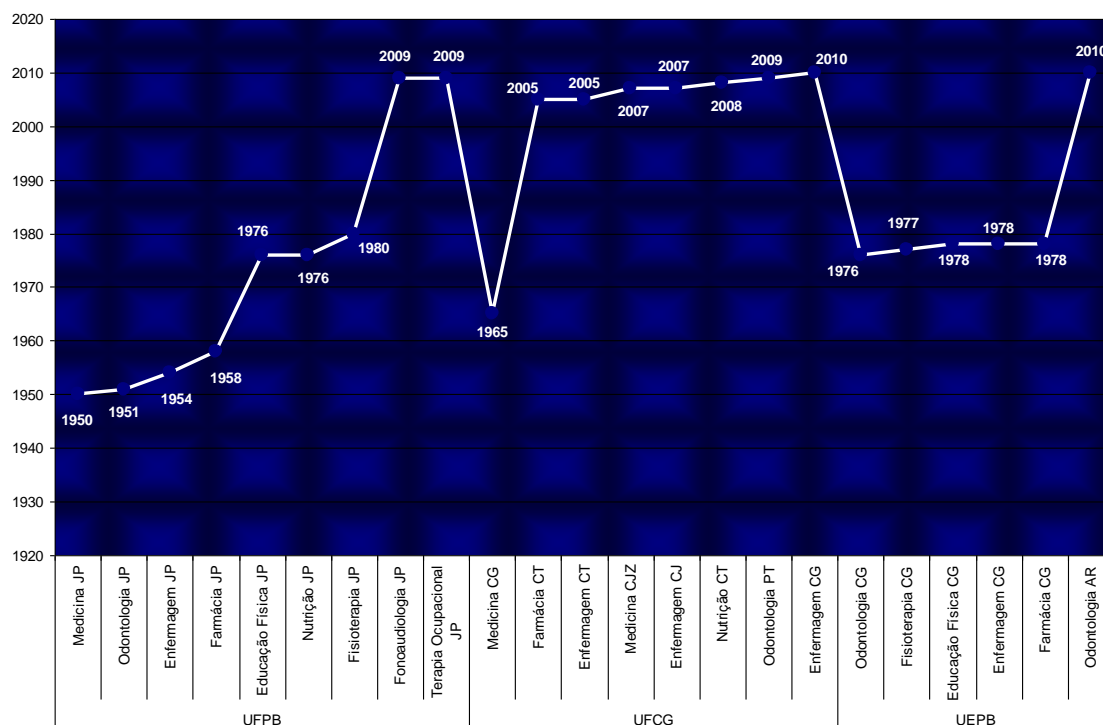
Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A data de criação de uma parte desses cursos não coincide com a data de sua implantação, pois alguns foram criados e somente após alguns anos houve a implantação de fato. Os cursos da UEPB, denominada, anteriormente, de Universidade Regional do Nordeste (URNe) - teve sua estadualização sancionada em 1986, pelo governo da época, quando se criou a Universidade Estadual da Paraíba. De forma análoga, o Curso da Medicina da atual UFCG, antes vinculado à Faculdade de Medicina, teve a Sociedade Médica de Campina Grande como mantenedora. Em 1979, ela passa a ser incorporada à UFPB. Em 2002, o Curso de Medicina passa a fazer parte da UFCG. É importante destacar que os cursos de Farmácia e Enfermagem, campus de Cuité, começaram a funcionar dois anos depois de criados.

#### 4.1 EVOLUÇÃO DOS CURSOS

O Gráfico 1 mostra que, no Estado da Paraíba, o processo de criação de cursos surge na UFPB a partir dos anos 50, quando o de Medicina (1951) foi criado, seguido de Odontologia (1954); Enfermagem e Farmácia (1958). Assim, deu-se início ao estudo profissional nessas áreas, antes não contempladas com cursos superiores no estado da Paraíba. Nos anos 70 e 80, surgem novos cursos: Educação Física e Nutrição (1976) e Fisioterapia (1980). Encerrando por um período de 29 anos a criação de Cursos nessa área. Em 2009, com a expansão, criaram-se cursos de Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, e, até a presente data, a criação de cursos na área de saúde nessa Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) foi encerrada.

Gráfico 1 – Evolução histórica dos Cursos na área de saúde das Universidades Públicas na PB



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Na UFCG, conforme demonstra o Gráfico 1, o ano de 1965 é o marco da criação do curso de Medicina. Porém, o Campus localizado em Campina Grande pertencia à UFPB, e só foi desmembrado em 2002, com a criação da UFCG. A partir dessa data, esse curso foi incorporado à UFCG. Com a criação dessa instituição, o antigo Campus II/UFPB passou a ser denominado de Campus I/UFCG. A partir de 2005, inicia-se o processo de expansão, com a criação dos cursos de Farmácia e Enfermagem na cidade de Cuité. Em 2007, criaram-se os seguintes Cursos: Em Cajazeiras: Medicina e Enfermagem (2008); em Cuité: Nutrição (2008); em Patos: Odontologia (2009) e em Campina Grande: Enfermagem (2010). Até o presente, está encerrada a fase de expansão dos Cursos nessa área na UFCG.

O Gráfico 1 mostra a UEPB como uma instituição que surgiu como uma nova opção de formação de mão de obra especializada no interior do Estado. Os primeiros cursos, criados no Campus I, na cidade de Campina Grande, tiveram seu marco inicial nos anos 70. Nessa instituição, encontramos os seguintes cursos: Odontologia (1976), Fisioterapia (1977), Educação Física, Enfermagem e Farmácia (1978). Em 2010, com o surgimento de novos campi, surge o



primeiro curso de Odontologia, na cidade de Araruna. Até agora, não foram criados outros cursos nessa instituição.

## 4.2 CONCORRÊNCIA DE VESTIBULANDOS EM PROCESSOS SELETIVOS

Com a finalidade de analisar a presença de negros/as nas imagens fotográficas de concluintes em placas de formatura de cursos de graduação, na área de saúde que serviram como campo, para esta pesquisa, contextualizaremos as três universidades e a concorrência de candidatos/as para ingressarem nessas instituições.

### 4.2.1 Universidade Federal da Paraíba

Essa instituição, antes denominada Universidade da Paraíba (UP), é uma autarquia de regime especial de ensino, pesquisa e extensão, vinculada ao Ministério da Educação e criada, em 1934, a partir da primeira escola de nível superior, a Escola de Agronomia do Nordeste, na cidade de Areia. Na década de 1950, o estado da Paraíba registra o aparecimento de várias Escolas Superiores e a criação da própria Universidade, além do surgimento dos cursos na área de saúde. A UFPB era estruturada da seguinte forma: Campus I, na cidade de João Pessoa; Campus II, em Campina Grande; Campus III, em Areia; Campus IV, na cidade de Bananeiras; Campus V, em Cajazeiras; Campus VI, na cidade de Sousa, e o Campus VII, em Patos. Em 2002, com a criação da UFGC, houve um desmembramento, a UFPB ficou com os campi de João Pessoa, Areia, Rio Tinto e Mamanguape, e a UFCG, com os campi de Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras.

A UFPB, atualmente, está estruturada da seguinte forma: no Campus I, na cidade de João Pessoa, há os seguintes Centros: o Centro de Ciências Exatas e da Natureza - CCEN; o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA; o Centro de Ciências da Saúde - CCS; o Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA; o Centro de Educação - CE; o Centro de Tecnologia - CT - e o Centro de Ciências Jurídicas - CCJ; no Campus II, na cidade de Areia, tem-se o Centro de Ciências Agrárias - CCA; o Campus III, localizado em Bananeiras, abrange o Centro de Formação de Tecnólogos - CFT - e o Campus IV, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, com o Centro de Ciências Aplicadas e Educação - CCAE. A área de saúde conta com nove cursos (Medicina, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia, Educação Física,

Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional), porém apenas sete têm turmas concluídas (Medicina, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia e Educação Física).

Os dados (Tabela 2) mostram que Medicina, em 2001, foi o mais concorrido da área de saúde, visto que alcançou um percentual de 41,25 candidatos/as para cada vaga oferecida pela instituição. Essa concorrência oscila, diminuindo e aumentando ao longo dos anos. Para Odontologia, em 2001, a concorrência era de 17,43 candidatos/as por vaga. Ao longo dos dez anos, essa concorrência diminuiu e, em 2007, chegou a nove candidatos/as por vaga. Em Enfermagem, a concorrência se manteve entre 10 candidatos/as por vaga, com picos de 15 candidatos/as para cada vaga.

Fisioterapia oscila entre 16 e 10 candidatos/as por vaga, enquanto Educação Física contabilizou uma concorrência de cinco candidatos/as por vaga em 2001. A concorrência duplicou o número de candidatos/as e se manteve entre 10 e 12, por vaga, nos últimos anos. A partir de 2001, Farmácia apresentou uma concorrência de 10 candidatos/as para uma vaga, o que demonstra uma tendência decrescente, com redução de seis candidatos/as por vaga no período de 10 anos. Por fim, entre 2001 e 2010, Nutrição oscilou significativamente, ao longo de 10 anos, mas sempre com valores bem próximos, que não ultrapassaram cinco candidatos/as por vaga e ficou entre oito e 13 candidatos/as para cada vaga.

Tabela 2 – Concorrência de processos seletivos UFPB

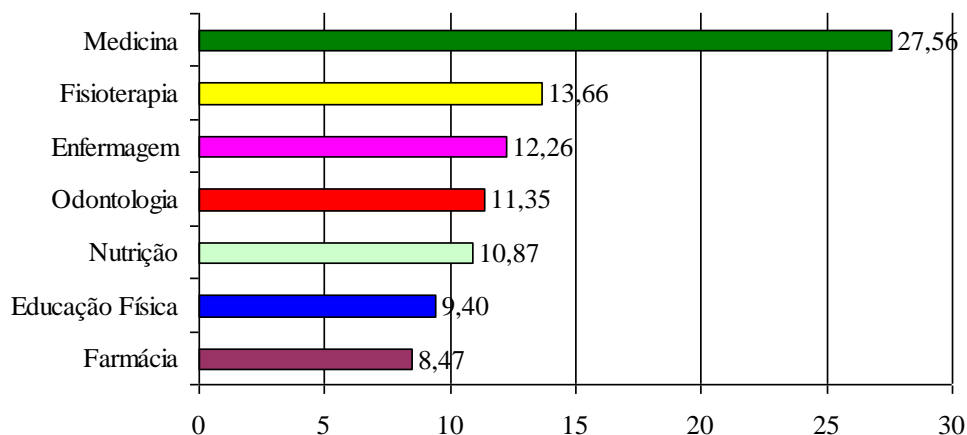
| <b>Curso</b>    | <b>Ano</b> | <b>2001</b> | <b>2002</b> | <b>2003</b> | <b>2004</b> | <b>2005</b> | <b>2006</b> | <b>2007</b> | <b>2008</b> | <b>2009</b> | <b>2010</b> |
|-----------------|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Educação Física |            | 5,5         | 7,4         | 9,09        | 10,28       | 8,65        | 10,38       | 9,11        | 11,58       | 12,6        | 9,4         |
| Enfermagem      |            | 10,48       | 15,92       | 15,46       | 15,14       | 10,93       | 14,28       | 10,73       | 10,01       | 9,3         | 10,3        |
| Farmácia        |            | 10,52       | 10,54       | 10,33       | 8,6         | 8,2         | 8,3         | 7,92        | 7,2         | 6,6         | 6,5         |
| Fisioterapia    |            | 15,98       | 15,29       | 16,63       | 14,65       | 11,73       | 15,63       | 12,27       | 12,44       | 10,3        | 11,7        |
| Medicina        |            | 41,15       | 28,47       | 31,45       | 22,04       | 23,05       | 38,39       | 22,56       | 21,47       | 19,4        | 27,6        |
| Nutrição        |            | 8,59        | 10,77       | 13,81       | 12,04       | 9,27        | 11,53       | 9,89        | 11,03       | 11,1        | 10,7        |
| Odontologia     |            | 17,43       | 14,05       | 11,58       | 9,89        | 9           | 12,13       | 9,44        | 9,86        | 9,5         | 10,6        |

Fonte: Tabela elaborada a partir de dados disponíveis em: <http://www.coperve.ufpb.br>, 2012

Na UFPB, a média de concorrência dos cursos da área de saúde, no período de 10 anos (2001 a 2010), é observada no Gráfico 2. Observamos que Medicina apresenta uma média de 27,56 candidatos/as ao longo do período estudado, e Fisioterapia não se configura como dos mais concorridos, se compararmos com os de Medicina, com uma média de 13,66 por vaga. Em seguida, Enfermagem vem com 12,26 por vaga. Em 2001, a concorrência de Odontologia foi de

17,43 candidatos/as por vaga, o qual apareceu em quarto lugar, com uma média de 11,35. Já Nutrição surge numa posição posterior, com 10,87 por vaga, seguido pelo de Educação Física, com 9,4 candidatos/as. Finalmente, Farmácia apresenta uma média de 8,47 por vaga nos 10 anos investigados.

Gráfico 2 – Média das concorrências na UFPB



Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados disponíveis em: <<http://www.coperve.ufpb.br>>, 2012.

Os dados apresentados na Tabela 2 e no Gráfico 2 demonstram que os cursos aludidos são os mais procurados por candidatos/as para ingressarem na UFPB. A área tem uma média de 13,36 candidatos/as por vaga ofertada. Além disso, esses cursos são vistos como de alto prestígio social. Em 2010, a UFPB publicou a resolução 09/2010 (Anexo B), que institui a Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas para acesso aos cursos de Graduação. Essa resolução versa sobre o preenchimento das vagas que deve ser feito observando a reserva para negros/as, pardos e pardas e indígenas, na proporção da participação desses grupos na população do estado da Paraíba, e de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constantes do Censo 2000.

É importante salientar que os cursos da área de saúde são considerados de alto prestígio social (QUEIROZ, 2004). Segundo essa autora, esse prestígio está ligado ao valor das profissões no mercado de trabalho. Em nossa pesquisa, consideramos que todos os cursos investigados são de alto prestígio social, principalmente pela grande procura de candidatos/as para ocuparem as vagas oferecidas por essas universidades. Esse processo de discriminação racial em relação aos cursos de prestígio social já se inicia no vestibular. Por conta dos mecanismos de barreiras ao

acesso a esses cursos, os estudantes das classes mais pobres, principalmente os negros, geralmente fazem suas opções “para cursos considerados de menor prestígio, tentando garantir o acesso à educação superior” (SCHWARTZMAN, 1989, p. 99). Caminhando nessa direção, Carneiro (2010) afirma em sua pesquisa:

As políticas de ações afirmativas subvertem essa ordem, promovendo o empoderamento desses estudantes e a consequente entrada deles nesses Cursos de alto prestígio. A democratização do acesso à educação superior incita a diversidade ao propor a convivência de grupos sócio-economicamente distintos, no entanto o cotidiano na universidade mostra que essa diversidade não está sendo garantida nas suas diversas formas (CARNEIRO, 2010, p. 60).

No que diz respeito a essa questão da (in) visibilidade de negros/as, nas universidades públicas, Carvalho Netto e Sá (2004) também apontam que os docentes resistem à presença desses alunos dentro da Academia, fazem questão de ignorar a diversidade e mantêm as mesmas práticas de ensino. Segundo os cotistas, eles são bem mais exigentes na avaliação de suas turmas.

#### 4.2.2 Universidade Federal de Campina Grande

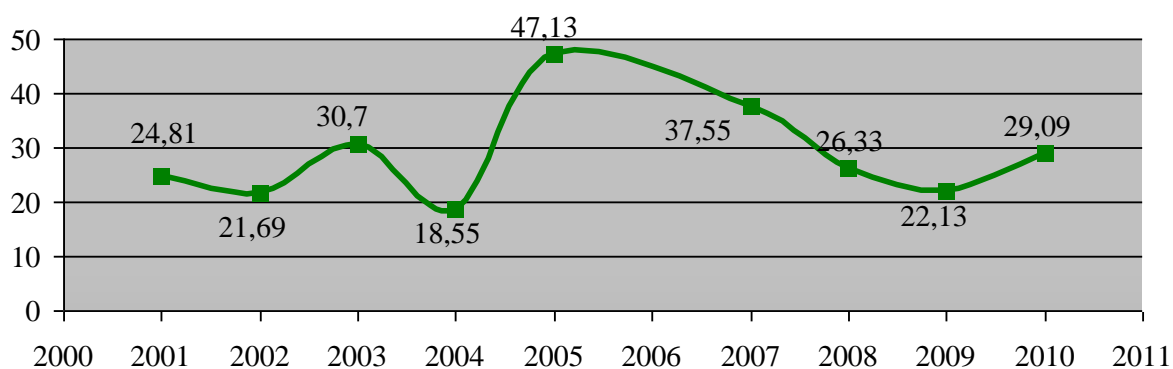
Essa instituição foi criada pela Lei 10.419 de 09 de abril de 2002. Com o desmembramento da UFPB, sua sede foi para a cidade de Campina Grande e abrangeu seis centros e sete cursos na área de saúde - dois cursos de Medicina (Campina Grande e Cajazeiras). Porém, Medicina, localizado em Campina Grande, é o único com concluintes. A UFCG é a única universidade pública que oferece o curso de Medicina na região do Agreste Paraibano (CAMPINA, 2012), Campina Grande é a segunda maior cidade da Paraíba, com cerca de 400 mil habitantes. É considerada a maior cidade do interior do Nordeste e lidera geograficamente cerca de 60 municípios que a circundam.

O processo seletivo da UFCG é realizado pela Comissão de Processos Vestibulares – COMPROV - e regulamentado pela Câmara Superior de Ensino do Conselho Universitário. Na forma de acesso do candidato ou candidata à universidade, no período dessa pesquisa as denominações utilizadas foram o Vestibular e/ou Processo Seletivo Seriado (PSS). Sobre essa questão, os dados coletados acerca da concorrência de alunos ao vestibular referem-se ao curso de Medicina, no período de 2001 a 2010. No momento de realização da coleta, os dados da

concorrência referentes ao ano de 2006 não estavam disponíveis no sítio dessa instituição. Portanto, analisaremos apenas os de concorrência do vestibular referentes a nove anos.

O Gráfico 3 aponta que o curso de Medicina da UFCG é extremamente concorrido e visto como de alto prestígio, por se tratar de uma área de conhecimento à qual poucos têm acesso, e o ganho salarial está acima da média, se comparado com as áreas de Humanas e Ciências Sociais. Em 2005, a procura pelo curso alcançou a 47,13 candidatos/as, por vaga, e a média geral, em nove anos investigados, é de 28,66 candidatos/as por vaga, o que demonstra um elevado índice de procura pelo curso.

Gráfico 3 - Concorrência de processos seletivos - UFCG



Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados disponíveis em: <<http://www.comprov.ufcg.edu.br/>>, 2012

#### 4.2.3 Universidade Estadual da Paraíba

Essa universidade tem como mantenedor o Governo do estado da Paraíba, e os v cursos ofertados na área de saúde datam da década de 1970. Caracterizam-se por ser oferecidos gratuitamente no interior do estado, na região do Agreste Paraibano e abrangem também 60 municípios que circundam a cidade de Campina Grande e atingem estados fronteiriços da Paraíba, como o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

A Comissão Permanente de Vestibular – COMVEST - é o órgão responsável pelos processos seletivos no âmbito da UEPB. Os dados apresentados na Tabela 3 referem-se aos anos de 2003 a 2010. Em 2009, essa instituição iniciou seu processo seletivo para ingresso de candidatos/as aos cursos ofertados pela instituição através das cotas universais<sup>8</sup> (CU) ou cotas de

<sup>8</sup> Vagas disponíveis para ampla concorrência.

inclusão<sup>9</sup> (CI), cujo objetivo é de dar acesso a cidadãos de baixo poder aquisitivo, atendendo ao que regulamenta a Resolução 06/2006 e define a política de reserva de vagas para o concurso vestibular da UEPB.

A cota de inclusão é uma norma regulamentada pela Resolução 06/2006 da UEPB (Anexo C) e versa que 50% das vagas de cursos de graduação devem ser destinadas aos concorrentes aprovados no vestibular da UEPB que tenham realizado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas do estado da Paraíba.

Tabela 3 - Concorrência dos processos seletivos - UEPB

| Curso           | Ano |       |       |       |       |       |       |            |            |            |            |
|-----------------|-----|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------------|------------|------------|------------|
|                 |     | 2003  | 2004  | 2005  | 2006  | 2007  | 2008  | 2009<br>CU | 2009<br>CI | 2010<br>CU | 2010<br>CI |
| Educação Física |     | 8,9   | 10,58 | 8,49  | 9,63  | 13,15 | 11,98 | 22,64      | 32         | 25,08      | 26,34      |
| Enfermagem      |     | 19,91 | 27,74 | 20,43 | 21,45 | 16,08 | 13,68 | 25,63      | 26,75      | 26,79      | 24,56      |
| Farmácia        |     | 17,11 | 16,07 | 19,49 | 13,57 | 11,53 | 11,07 | 18,14      | 13,29      | 20,02      | 12,93      |
| Fisioterapia    |     | 19,1  | 23,12 | 21,48 | 18,45 | 13,1  | 15,65 | 26,02      | 25,88      | 29,65      | 25,53      |
| Odontologia     |     | 18,08 | 20,88 | 20,52 | 19,1  | 15,98 | 17,52 | 27,55      | 15         | 29,17      | 13,67      |

Fonte: Tabela gerada a partir de dados disponíveis em: <<http://comvest.uepb.edu.br/vestib.htm>>, 2012.

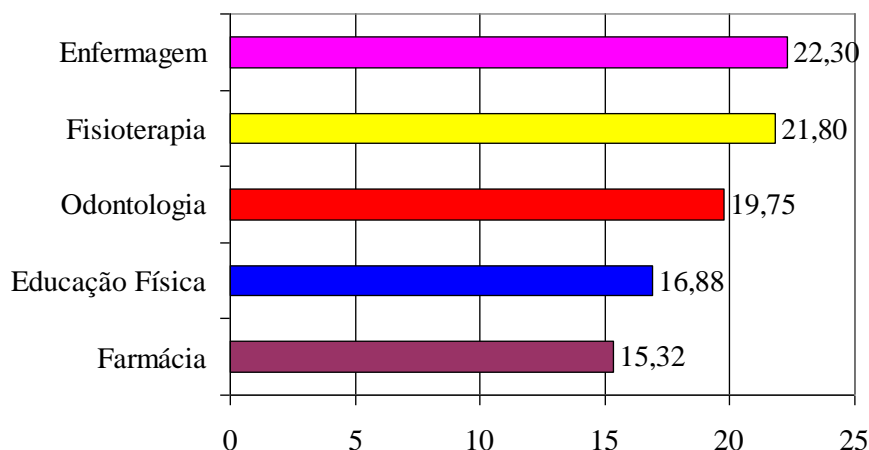
Os dados coletados no sítio da COMVEST publicizam o período de 2003 até os dias atuais. Portanto, apresentaremos o período de oito anos referentes ao período de 2003 a 2010. A Tabela 3 mostra que uma das maiores concorrências registrada nesses oito anos refere-se ao curso de Fisioterapia, com 29,65 candidatos/as por vaga, em 2009, para as vagas reservadas concernentes à cota universal para ampla concorrência.

Em 2003, houve um grande crescimento na concorrência para Educação Física, com aproximadamente nove candidatos/as por vaga. Em 2009, esse número cresceu para 22 candidatos/as, para a CU, e 32, para as CI. Outra observação importante refere-se aos cursos de Farmácia e de Odontologia que, no processo seletivo para as vagas oriundas de CI, apontam para uma diminuição na concorrência, se compararmos com as vagas disponibilizadas por meio da CU. Enfermagem foi um dos cursos mais procurados pelos candidatos/as, no ano de 2003, com uma concorrência de 19,91 candidatos/as por vaga, e em 2010, foram 26,79 candidatos/as por vaga em 2010.

<sup>9</sup> Vagas destinadas a quem tenha realizado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas do estado da Paraíba.

Na média de concorrência de candidatos/as, durante os processos seletivos para ingresso nos cursos de graduação da área de saúde na UEPB (Gráfico 4), constatamos que o Enfermagem, em média, foi o mais concorrido, durante todo o período investigado nesta pesquisa. Em seguida, aparecem Fisioterapia, Odontologia, Educação Física e Farmácia.

Gráfico 4 – Média das concorrências - UEPB



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponíveis em: <http://comvest.uepb.edu.br/vestib.htm>, 2012

Na UEPB, a área de saúde caracteriza-se como de concorrência alta, haja vista a média estar acima de 10 candidatos/as por vaga e, em alguns cursos, esse número é duas vezes maior, o que aponta uma grande procura da sociedade pelos cursos oferecidos pela UEPB na área de saúde, em Campina Grande/PB.

#### 4.3 PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL DE DECLARANTES E NÃO-DECLARANTES

Os dados da matrícula referentes ao período de 2010 a 2011, para identificarmos o pertencimento étnico-racial de alunos/as, visando à geração de gráficos e de tabelas, foram disponibilizados por email, quando solicitados formalmente às Pró-Reitorias (Apêndices B, C e D). Na Tabela 4, identificamos o quantitativo de declarantes e não declarantes da UFPB. A partir da análise desses dados, constatamos que, em todos os cursos, a maioria dos respondentes autodeclarou seu pertencimento étnico-racial em todas as categorias (amarela, branca, indígena, negra, parda e outras).

Na UFPB, constatamos que a autodeclaração do pertencimento étnico-racial por parte dos respondentes é maior no curso de Medicina, com 70,23%, seguido pelos cursos de Nutrição, Educação Física, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia, e Farmácia, conforme ilustra a Tabela 4.

Tabela 4 – Autodeclaração de alunos/as da UFPB

| <b>Curso</b> | <b>Total de alunos /as</b> | <b>Declarou</b> | <b>Declarou %</b> | <b>Não declarou</b> | <b>Não declarou %</b> |
|--------------|----------------------------|-----------------|-------------------|---------------------|-----------------------|
| Ed. Física   | 1590                       | 1007            | 63,33             | 583                 | 36,67                 |
| Enfermagem   | 1806                       | 1127            | 62,40             | 679                 | 37,60                 |
| Farmácia     | 2474                       | 1392            | 56,27             | 1082                | 43,73                 |
| Fisioterapia | 927                        | 557             | 60,09             | 370                 | 39,91                 |
| Medicina     | 991                        | 696             | 70,23             | 295                 | 29,77                 |
| Nutrição     | 1040                       | 671             | 64,52             | 369                 | 35,48                 |
| Odontologia  | 1232                       | 769             | 62,42             | 463                 | 37,58                 |

Fonte: Tabela gerada a partir de dados disponibilizados pela PRG/UFPB, 2012

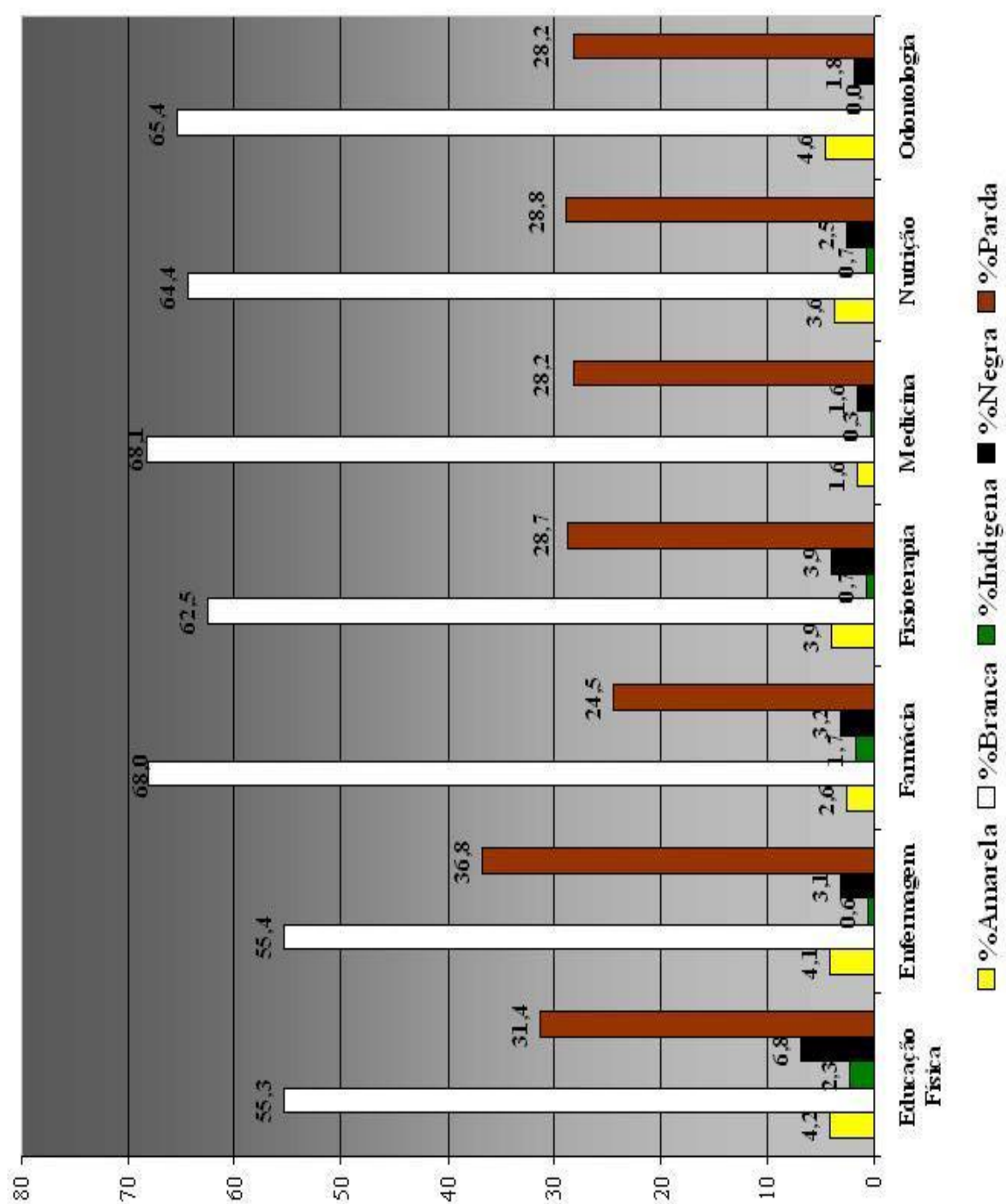
A Tabela 1 (Apêndice F) mostra que 62,5% de alunos/as matriculados declararam ser de raça branca, 29,6%, parda, 3,5%, amarela, 3,4%, negra, e 1%, indígena, o que confirma a preponderância de alunos/as brancos em cursos da área de saúde da UFPB.

No Gráfico 5, utilizamos as cores para representar o pertencimento étnico-racial. A cor branca serviu para (brancos); preta (negros), amarela (amarelos), marrom (pardos) e verde (indígenas), para representar a classificação do pertencimento étnico-racial de alunos/as. Em Medicina, por exemplo, identificamos uma ocorrência maior do número de alunos/as que se autoclassificaram como brancos (68,1%) e negros/as (6%).

A incidência de negros/as aumenta em Educação Física consideravelmente, visto que 6,8% são negros/as, e 55,3%, brancos. Em Odontologia, o percentual foi de 1,8%, negros/as, e 65,4%, brancos. Em relação a Nutrição, 64, 4% se declararam brancos, e apenas 2,5% se declararam negros/as. Por sua vez, em Farmácia, 68% de alunos se declararam brancos, e 3,2%, negros/as; a representação de Fisioterapia indica 3,9%, para negros/as, e 62,5%, brancos; em Enfermagem 55,4% se declararam brancos e 3,1%, negros/as.



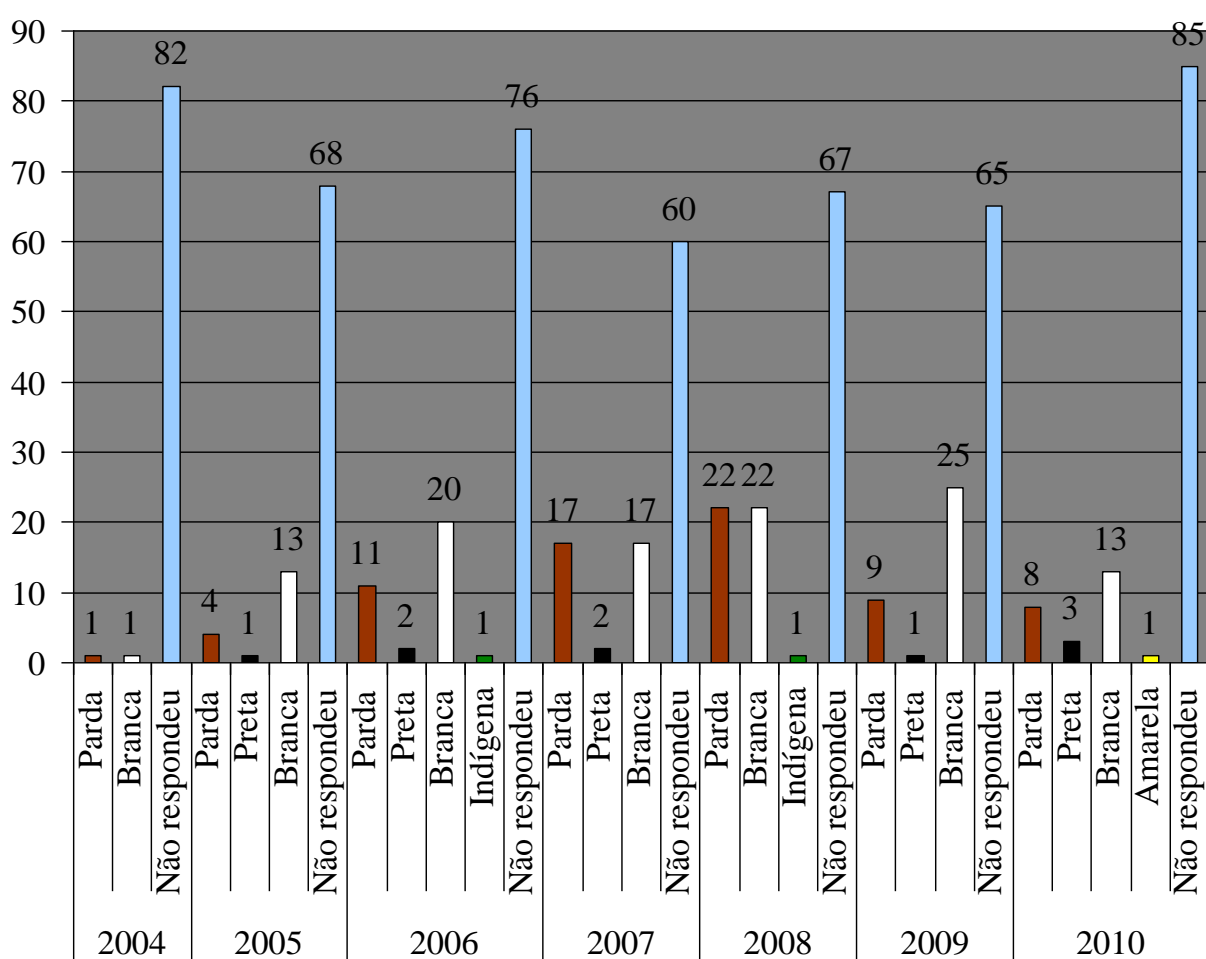
Gráfico 5 – Perfil étnico-racial de alunos/as em cursos de graduação em saúde da UFPB



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponibilizados pela PRG/UFPB, 2012

Em relação ao pertencimento étnico-racial de alunos/as da UFCG, essa instituição diferencia-se das demais já analisadas, uma vez que os dados sobre a autotransclassificação só foram inseridos na ficha de matrícula de alunos/as a partir de 2011 mesmo já tendo informações sobre essa questão desde 2004. Em razão disso, uma grande parte de alunos/as não declaravam a sua cor. Sendo assim, a UFCG só adota a inserção do pertencimento étnico-racial como requisito obrigatório apenas em 2011, respeitando as exigências do Ministério da Educação (MEC).

Gráfico 6 – Perfil étnico-racial de alunos/as no curso de Medicina/UFCG - 2004 a 2010



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponibilizados pela PRE/UFCG, 2012

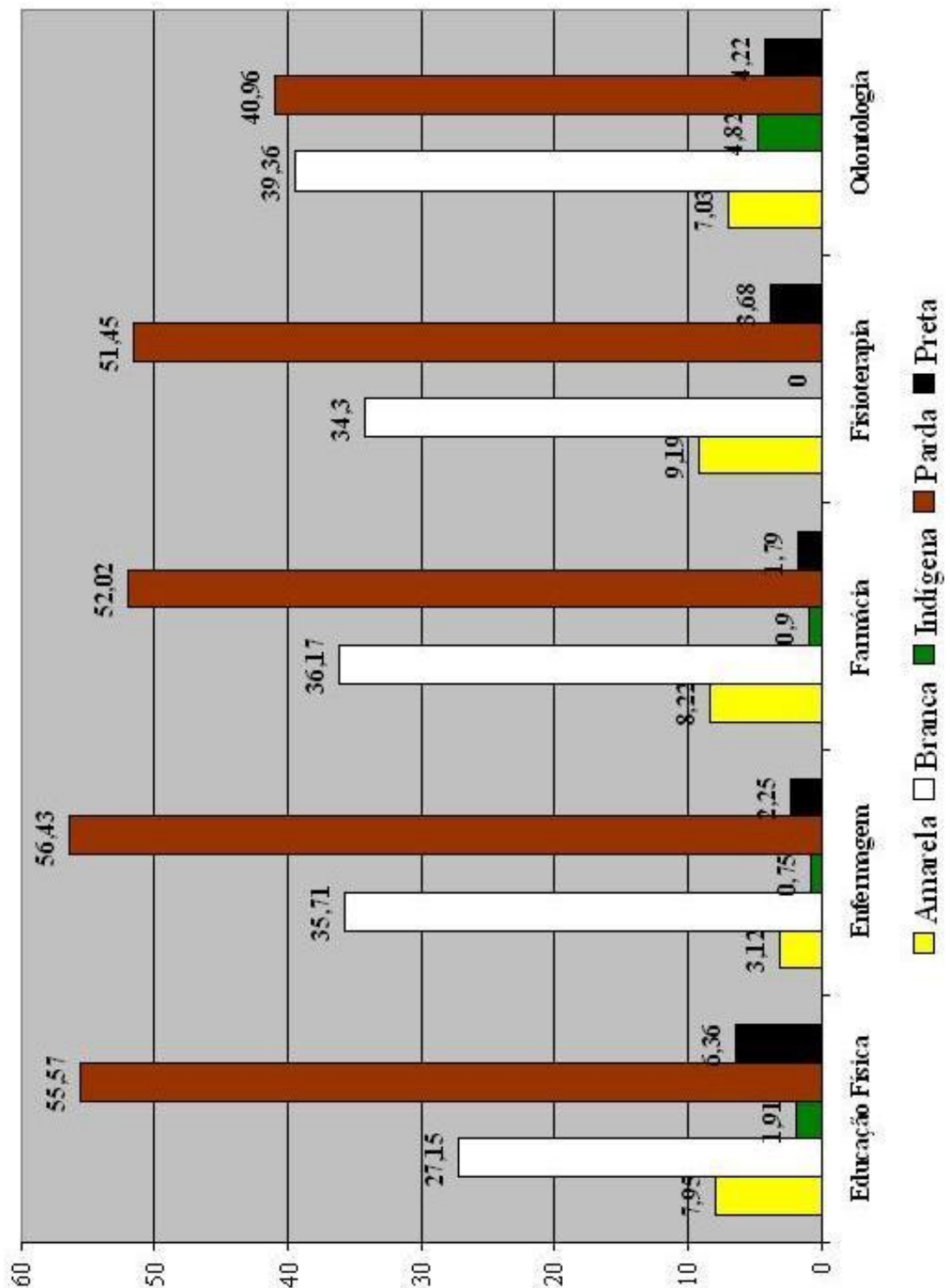
No Gráfico 6, é perceptível a insuficiência de dados relacionados a “cor” de alunos/as dessa Universidade. No período de 2004 a 2010, dentre um total de 503 alunos/as matriculados em Medicina, apenas 195 se autotransclassificaram em um grupo étnico-racial. Desses apenas nove declararam ser negros/as, representando 4,6% do universo de respondentes. Outro aspecto a ser destacado é que essa instituição ainda não discutiu as

políticas de ações afirmativas que visem minimizar as discrepâncias sociais e/ou raciais referentes ao acesso e à permanência de negros/as nas universidades públicas. À luz da análise de Carvalho (2005, p. 37), vemos que as “nossas universidades públicas não estão cumprindo bem seu papel social ao contribuir com a exclusão sistemática da população negra das suas carreiras tidas como mais importantes e que possibilitam alto retorno financeiro”.

Os dados relacionados ao pertencimento étnico-racial de alunos/as, disponibilizados por meio de planilhas de Excel e enviados pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), facilitaram a construção do Gráfico 7, que nos proporciona uma melhor visibilidade da cor de alunos/as em cursos da área de saúde da UEPB.

Na Tabela 2 (Apêndice F), percebemos que apenas 12,24% de alunos/as responderam a questão sobre seu pertencimento étnico-racial, enquanto 87,76% não disponibilizaram essa informação. Já no Gráfico 7, construído com base nas respostas sobre a mesma questão, podemos observar que, nos cursos da UEPB, a maioria de alunos/as se autoclassificaram como pardos, supera os 40% enquanto brancos ficam acima dos 27% de todos os cursos investigados; seguida de amarelos (3,1%), negros/as (1,7%) e indígenas (0,6%). Uma particularidade identificada na UEPB está relacionada ao percentual da cor amarela, pois identificamos um maior número de alunos/as que se declaram como amarelos, quando comparado os demais grupos raciais.

Gráfico 7 – Pertencimento étnico-racial de alunos/as nos cursos de graduação em saúde da UEPB



Fonte: Gráfico gerado a partir de dados disponibilizados pela PROEG/UEPB, 2012

Os dados da autoclassificação (classificação espontânea) revelam a (in) visibilidade de negros/as nos cursos de alto prestígio das universidades analisadas. Nessas instituições, negros/as representam menos de 10% nos cursos analisados, e na maioria deles, esse

percentual não ultrapassa 3%. Tem razão Carvalho (2005, p. 37), ao afirmar que “o quadro de desigualdade racial no ensino superior é ainda mais dramático se analisarmos que a pequena parcela de negros[as] incluída está concentrada nos cursos ditos de baixo prestígio, ou de baixa demanda [...]”.

#### 4.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DE NEGROS/AS NA MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE

As representações das imagens fotográficas na memória iconográfica de concluintes de cursos da área de saúde de três universidades públicas do Estado da Paraíba evidenciam o esforço empírico desta pesquisa no que concerne à identificação da presença/ausência de negros/as no ensino superior. Sendo assim, concebemos a memória iconográfica como um artefato cultural formado por um conjunto de imagens fotográficas de concluintes que representam a desigualdade racial de negros/as nessas instituições investigadas, cujos ditos e não ditos estão implícitos ou explícitos na sociedade brasileira e refletido no contexto acadêmico das universidades públicas.

Essas imagens fotográficas estão encravadas nas placas de formatura e expostas nos corredores e nos hospitais dessas instituições, contendo informações sobre Centros, Departamentos, Cursos, Professores, Patronos, Paraninfos, Homenageados, Epígrafes e Nomes de concluintes de cada ano, e servindo como registro da passagem de uma vida estudantil para uma nova fase profissional e adentrando a memória iconográfica da UFPB, UFGC e UEPB. Essa memória iconográfica é materializada em placas confeccionadas com a utilização de materiais como mármore, granito, madeira, vidros e inox, conforme mostram as imagens 1 e 2. Uma parte dessas placas chamam a nossa atenção pela suntuosidade do material utilizado. Em alguns casos, as placas de formatura chegam a dois metros de comprimento e um metro de altura.

Imagem 1 – Placa Medicina /UFPB 2008



Fonte: Imagens fotografadas (Dados da pesquisa, 2011)

Imagem 2 – Placa Medicina/UFPB 2010



Fonte: Imagens fotografadas (Dados da pesquisa, 2011)

Para identificarmos a presença ou ausência de negros/as nessas imagens fotográficas, utilizamos a heteroclassificação com base nos estudos realizados por Pinto (1996), Queiroz (2004) e Guimarães (1999). Essa identificação foi realizada em dois momentos. No primeiro, computamos o número de concluintes, o número de placas e o número de imagens de negros/as presentes nas placas. O segundo momento centrou-se na observação das imagens fotográficas de concluintes.

A partir da utilização de uma tabela como instrumento de pesquisa (Apêndice E), computamos o número de concluintes e aplicamos a heteroclassificação para realizar a identificação das imagens fotográficas de negros/as nas placas de formatura. Em seguida, consolidamos os dados, quantificamos e geramos os percentuais, empregando a seguinte fórmula:

$$\frac{T_n}{T_c} \cdot 100$$

Onde: Tn = Total de negros/as

Tc = Total de concluintes

Logo: número total de negros/as dividido pelo número total de concluintes multiplicado por 100 geram os percentuais descritos na Tabela 5.

Tabela 5 – Heteroclassificação de negros/as

| Instituição | Curso           | Placas | Concluintes | Negros/as | Negros/as % |
|-------------|-----------------|--------|-------------|-----------|-------------|
| UFPB        | Medicina        | 16     | 731         | 04        | 0,5         |
|             | Educação Física | 12     | 372         | 34        | 9,1         |
|             | Enfermagem      | 09     | 247         | 06        | 2,4         |
|             | Farmácia        | 21     | 666         | 13        | 2,0         |
|             | Fisioterapia    | 16     | 305         | 05        | 1,6         |
|             | Nutrição        | 08     | 187         | 06        | 3,2         |
|             | Odontologia     | 13     | 485         | 10        | 2,1         |
| UFCG        | Medicina        | 13     | 497         | 11        | 2,2         |
| UEPB        | Educação Física | 13     | 405         | 17        | 4,2         |
|             | Enfermagem      | 12     | 403         | 07        | 1,7         |
|             | Farmácia        | 12     | 271         | 10        | 3,7         |
|             | Fisioterapia    | 18     | 402         | 09        | 2,2         |
|             | Odontologia     | 11     | 272         | 04        | 1,5         |

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Os resultados apontados na Tabela 5 comprovam a nossa inquietação inicial: se compararmos com os demais grupos, é certo que negros/as estão (in)visibilizados nas Universidades Públicas da Paraíba. Na UFPB, os percentuais mostram que o curso de Medicina, considerado por pesquisadores e pesquisadoras como de maior prestígio da área, apresenta o menor número de negros/as com um percentual de 0,5% demonstrando que a cor da ciência é branca e acentuando cada vez mais as desigualdades raciais. Alguns cursos da área de saúde mantêm uma média entre 1% e 3% e, dentre eles, destacamos: Enfermagem (2,4%); Farmácia (2%); Fisioterapia (1,6%); Nutrição (3,2%) e; Odontologia (2,1%). Apenas o curso de Educação Física apresenta um percentual elevado (9,1%) de negros/as.

Na UFCG, apenas 2,2 % de concluintes do curso de Medicina são negros/as, conforme mostram os dados. Na UEPB, a (in) visibilidade de negros/as é percebida, de forma explícita, nas placas de formatura. Os percentuais apresentam os seguintes resultados: Enfermagem 1,7%, Farmácia 3,7%, Fisioterapia 2,2% e Odontologia 1%. Apenas Educação Física apresenta um percentual elevado de 4,2% negros/as.

Tabela 6 – Comparação dos dados de autoclassificação e heteroclassificação

| Curso        | Autoclass.<br>UFPB | Heteroclass.<br>UFPB | Autoclass.<br>UEPB | Heteroclass.<br>UEPB | Autoclass.<br>UFCG | Heteroclass.<br>UFCG |
|--------------|--------------------|----------------------|--------------------|----------------------|--------------------|----------------------|
| Ed. Física   | 6,8%               | 9,1%                 | 6,3%               | 4,2%                 | -                  | -                    |
| Enfermagem   | 3,1%               | 2,4%                 | 2,2%               | 1,7%                 | -                  | -                    |
| Farmácia     | 3,2%               | 2%                   | 1,8%               | 3,7%                 | -                  | -                    |
| Fisioterapia | 3,9%               | 1,6%                 | 3,7%               | 2,2%                 | -                  | -                    |
| Odontologia  | 1,8%               | 2,1%                 | 4,2%               | 1,5%                 | -                  | -                    |
| Medicina     | 1,6%               | 0,5%                 | -                  | -                    | 4,6%               | 2,2%                 |
| Nutrição     | 2,5%               | 3,3%                 | -                  | -                    | -                  | -                    |

Fonte: Dados da pesquisa, 2011–2012.

Para fins de comparação dos dados relacionados à autoclassificação (classificação espontânea) e à heteroclassificação (classificação atribuída), conforme indicou-nos Queiroz (2004), reunimos os dados (Tabela 6) que representam o número de negros/as identificados nesta pesquisa. Em seguida, identificamos algumas peculiaridades: nos cursos de Medicina da UFPB e da UFCG ( $1,6 > 0,5$ ;  $4,6 > 2,2$ ); Fisioterapia da UFPB e UEPB ( $3,9 > 1,6$ ;  $3,7 > 2,2$ ); e Enfermagem da UFPB e da UEPB ( $3,1 > 2,4$ ;  $2,2 > 1,7$ ). Nesses cursos, alunos/as autoclassificaram-se em um número maior do que identificamos nas placas de formatura. Também encontramos nem Educação Física (UFPB e UEPB) ( $6,8 < 9,1$ ;  $6,3 > 4,4$ ) e de Odontologia (UFPB e UEPB), ( $1,8 < 2,1$ ;  $4,2 > 1,5$ ) uma inversão no número dos dados pelo menos em duas instituições. Na UFPB, a classificação de negros/as apresenta-se maior nas placas do que na autoclassificação de alunos/as.

Na UEPB, alunos/as se autoclassificaram em um maior número do que a classificação que fizemos, com base na observação das imagens fotográficas expostas nas placas de formatura. Em Farmácia da UFPB e da UEPB, ( $3,2 > 2$ ;  $1,8 < 3,7$ ). Observamos que os dados coletados na UFPB apontam para um número maior de negros/as autoclassificados em relação aos que classificamos, enquanto que, na UEPB, ocorreu o inverso. Os dados decorrentes da autoclassificação indicam um percentual menor do que atribuímos. Percebemos que os dados de autoclassificação são menores que os de heteroclassificação no curso de Nutrição ( $1,8 < 2,1$ ) da UFPB. Porém, essa diferença é mínima no número identificado nos critérios de classificação.

Com base nas reflexões de Carvalho (2002, p. 83), é possível afirmar que “a classe universitária brasileira ainda não parou para pensar a sua condição branca excludente. Porque a academia se espelha na Europa e nos Estados Unidos, a imagem que fazemos de um acadêmico não inclui um negro e não temos nenhuma imagem da academia na África”.

Na representação de concluintes negros/as em placas de formatura da memória iconográfica de curso da área de saúde das universidades públicas investigadas, tomamos como base os elementos de identificação reconhecidos como **quem, onde, quando, como, o que e para que**. Quem é o sujeito representado nas imagens fotográficas? Onde a imagem fotográfica está localizada geograficamente? Quando é a localização temporal das imagens fotográficas? Como e onde podemos descrever a ação realizada nas imagens fotográficas? O que é a descrição de detalhes que a imagem mostra? Para que finalidade as imagens fotográficas estão expostas?

A análise crítico-interpretativo apoiada no referencial teórico serve para interagir com o corpus da pesquisa e nos conduz a evidenciar a ausência ou presença de negros/as na



memória iconográfica e a (in) visibilidade de negros/as nos cursos da área de saúde de universidades públicas. Assim, a partir da heteroclassificação, constataremos se as características relacionadas aos fenótipos negroides nas imagens fotográficas permitem identificar a presença ou ausência de negros/as nessa memória iconográfica.

As imagens fotográficas de concluintes do curso de Medicina, expostas nas paredes do Hospital Universitário Lauro Wanderley, apresentam um total de 16 placas, com 731 concluintes, nas quais identificamos a presença de apenas quatro negros/as, o que correspondeu a um percentual de 0,5%. Essa (in) visibilidade marcada pela maioria é impactante nos cursos de alto prestígio.

Na Imagem 3, vemos uma placa de formatura exposta no corredor da entrada principal do Hospital Universitário Lauro Wanderley, na qual concluintes do ano de 2009 estão trajados de calça e sapatos pretos e jaleco branco, sorrindo, em cima de degraus de escada, comemorando o sucesso com espumante e posando para a imagem fotográfica que irá compor mais uma memória iconográfica de concluintes dessa área de conhecimento. Dentre 46 concluintes apresentados nessa imagem fotográfica, não identificamos a presença de nenhum negro (a).

Essa memória iconográfica, que mostra um número maior de brancos/as, evidencia o alto poder aquisitivo de concluintes de Medicina, se comparado com concluintes de cursos em que os “negros [as/] concentram-se nas licenciaturas, nas Letras, Humanidades e nas artes” (CARVALHO, 2005, p. 37). Outro aspecto peculiar nesse curso está relacionado ao número de placas expostas nos corredores das universidades, o que confirma o número superior de concluintes característico dessa área de conhecimento. Aprofundando essa análise, a literatura mostra que, no século XIX a criação das faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Engenharia não abriu espaço para a questão racial ser discutida. Isso “[...] confirmou-se, pela ausência de questionamento, de que estaria destinada a educar a mesma elite branca que a criou, contribuindo assim para sua reprodução enquanto grupo” (QUEIROZ, 2002, p. 81). Essa memória iconográfica retrata o que mais se repete nas universidades públicas: a ausência de negros/as em cursos de alto prestígio.

Imagem 3 – Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFPB)



Fonte: Imagem fotográfica (dados da pesquisa, 2011)

Na UFPB, constatamos que esse curso ocupa o primeiro lugar na área de saúde em concorrência, durante os processos seletivos (média de 27,5 candidatos/as por vaga). Ao investigar os dados da matrícula de alunos/as, observamos que apenas 1,6% dos respondentes se autotransclassificaram como negros/as, confrontando com 0,5% de concluintes contabilizados durante o momento em que observamos as placas de formatura. Esses números nos fazem refletir acerca do que Queiroz (2004, p. 19) afirma: “além dos meros atributos físicos que diferenciam os indivíduos da espécie humana, a raça é um critério construído para demarcar fronteiras, marcar limites, estabelecer distinções e privilégios entre grupos na sociedade”. Assim, podemos reafirmar que o curso de Medicina da UFPB, igualmente ao da UFCG, faz parte de uma área de conhecimento em que raramente negros/as conseguem se incluir.

Na Imagem 4, a placa de formatura exposta no Centro de Ciências da Saúde (Elefante Branco) mostra que concluintes do curso de Odontologia (UFPB) de 2003, trajados de calça, sapato e camisa brancos, e os homens de gravata vermelha, ordenados de pé, nos degraus de escada, estão fazendo pose para a imagem fotográfica que comporá a memória. Do total de 40 concluintes, identificamos apenas a presença de uma aluna negra, destacada por um círculo na Imagem 4. Como podemos observar, a concluinte, em destaque apresenta os fenótipos bem nítidos (cor da pele escura, cabelo crespo (apesar de estar escovado), boca com lábios

carnudos e arcada dentária para fora), assemelhando-se aos fenótipos, conforme sugere Moura (2000).

Imagem 4 – Concluintes do Curso de Odontologia (2003/UFPB)



Fonte: Imagem fotográfica escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Durante os processos seletivos, apontados nesta pesquisa, a média de concorrência em Odontologia na UFPB é de 11,3 candidatos/as por vaga. Do total de candidatos/as que adentraram a UFPB, apenas 1,8% se autotranscrituraram como negros/as, enquanto que 2,1% estão nas placas de formatura. Os dados revelam um crescimento de negros/as nesse curso, se comparado ao que Carvalho (2005) aponta em sua pesquisa realizada em 2000. Segundo esse autor, na Odontologia, somente 0,7% dos alunos que se formaram são negros/as. Esse mesmo autor diz que, no Brasil, ser dentista ou médico é ser branco.

A Imagem 5, localizada no corredor do Centro de Ciências da Saúde (Elefante Branco), exibe a placa de formatura de concluintes do curso de Enfermagem (UFPB) referente ao ano de 2010, na qual estão usando calça, blazer ou paletó preto, camisa branca, e os homens de gravata azul, ordenados de pé, nos degraus de uma escada, fazendo pose para compor as imagens fotográficas constitutivas da memória iconográfica de cursos da área de saúde.

Imagem 5 – Concluintes do Curso de Enfermagem (2010/UFPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Essa imagem é constituída por 39 concluintes, entre os quais, destacamos apenas a presença de duas negras, conforme está marcado por um círculo, gerando um percentual de 5%. Com base na análise, podemos afirmar que a insuficiência de negros/as nas universidades públicas revela um silêncio histórico de sua exclusão (QUEIROZ, 2002). Sobre essa questão, nosso ponto de vista coaduna com a pesquisa realizada por Castro (2005), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que concluiu que a presença negra no curso de Enfermagem (UFMT) ainda é muito pequena, posto que chega somente a 9% do total de alunos/as matriculados. Como podemos constatar, a insuficiência de negros/as na UFPB é mais complexa, porque são raros os que conseguem entrar nas universidades públicas e, principalmente, em cursos da área de saúde.

Ainda na Imagem 5, as concluintes classificadas como negras apresentam os fenótipos negroides (pele escura, cabelo crespo, nariz núbio, boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora) bem definidos. Outra observação importante, nessa imagem fotográfica, faz refletir sobre o local de destaque que as negras estão ocupando perante

o grupo. Uma delas encontra-se acima, um pouco mais escondida, e outra, no centro da imagem, levando o “leitor” a percebê-la imediatamente ao olhar para a imagem.

Na UFPB, o curso de Enfermagem é considerado de grande demanda social. Tem uma média de 12,2 candidatos/as por vaga nos processos seletivos. Esse número ainda não atinge, a contento, negros/as. O corpus da análise mostrou que 3,1% de alunos/as se autoclassificaram negros/as, enquanto a identificação que fizemos apresenta 2,4% de negros/as. A imagem fotográfica 5 reforça os argumentos já comprovados em diversos estudos de que poucos negros/as chegam aos cursos de maior demanda e prestígio social. O patamar de 3% ainda é ínfimo, se compararmos com o total de negros/as que pleiteiam acesso e permanência nas universidades públicas.

Na visão de Queiroz, “os poucos negros[as/] que escreveram sobre a exclusão do negro na educação superior não conseguiram se inserir eles próprios nas instituições universitárias” (QUEIROZ, 2002, p. 82). Os números apresentados por esta autora mostram que, na Universidade Federal da Bahia, em 1997, 9,1% eram negros/as; na Universidade Federal do Maranhão, em 2000, esse número era de 3,3%; e na Universidade Federal do Paraná, em 2000, não foram encontrados negros/as no curso de Enfermagem.

Analizando o curso de Farmácia da UFPB, constatamos que, em um universo de 666 imagens fotográficas de concluintes, negros/as representa apenas um total de 13 sujeitos na identificação realizada nas placas de formatura. Dentre o total de placas de cursos das três universidades pesquisadas, encontramos o maior número de, totalizando 21 placas de formatura.

A Imagem 6 retrata os fenótipos negroides (pele escura, cabelo crespo, nariz núbio, boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora) que usamos para classificar os negros/as nesta pesquisa. Na UFPB, o concluinte do curso de Farmácia, do ano de 2007, é representado na memória iconográfica, exposta na placa de formatura localizada no CCS. Ele encontra-se sentado, trajando uma beca típica desse e posando, individualmente, para compor as imagens fotográficas da placa de formatura de sua turma.



Imagem 6 – Concluinte do Curso de Farmácia (2007/UFPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Na UFPB, Farmácia concentra a maioria das suas placas em dois prédios do CCS (Elefante branco e prédio da direção do centro). Apesar de ser reconhecido como um curso de menor média de concorrência nos processos seletivos (8,4%), as turmas são numerosas, e o número de placas, além do ordenamento, revela uma preocupação de concluintes em eternizar o momento vivido.

A Imagem 7 retrata concluintes do curso de Nutrição do ano de 2009. As placas de formatura encontram-se localizadas no Centro de Ciências da Saúde (Elefante Branco), e a imagem representa a placa de formatura de concluintes. Nessa imagem fotográfica, a composição da placa mostra detalhes em inox, fotografias brasão e informações impressas em adesivo e aplicadas ao vidro.

Imagem 7 – Concluintes do Curso de Nutrição (2002/UFPB)



Fonte: Imagem fotografada (dados da pesquisa, 2011)

As imagens fotográficas analisadas mostram concluintes posando para fotos individuais e coletiva externa. Eles estão ordenados de pé, em cima de degraus de uma escada, com blusa e camisa brancas, calça, blazer e sapatos pretos e gravata cinza claro. Em destaque (círculos pretos), apontamos dois concluintes que classificamos como negros/as na memória iconográfica.

O curso de Nutrição, da UFPB, apresenta uma média de concorrência de 10,8 candidatos/as por vaga durante os processos seletivos. Por ser um curso de grande demanda social, constatamos que 2,5% se autotranscritaram negros/as, enquanto 3,3% concluintes são negros/as. Nas universidades públicas do Estado da Paraíba, a situação de negros/as difere do que Castro (2005) apresenta em sua pesquisa realizada na Universidade Federal do Mato Grosso. Ele constatou que 10,5% de pretos, no curso de Nutrição, revelaram um aumento no número de negros/as em cursos de grande demanda social na área de saúde.

A Imagem 8 apresenta concluintes do curso de Fisioterapia exposta no Centro de Ciências da Saúde (Bloco de Educação Física e Fisioterapia) mostra que concluintes referentes ao ano de 2006 posam para foto, trajando calça preta e bata branca, ordenados de

pé, em degraus de uma escada, com a finalidade de registrar o momento de formatura para eternizar o término da conclusão de seu curso. Nessa imagem, não identificamos negros/as com base para identificarmos os fenótipos utilizados em nossa pesquisa.

Imagem 8 – Concluintes do Curso de Fisioterapia (2006/UFPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Nos processos seletivos do curso de Fisioterapia da UFPB, a média de concorrência, é de 13,6 candidatos/as por vaga, demonstrando uma grande demanda para este curso. Na UFPB, identificamos 16 placas e 305 concluintes, com um percentual de 1,6% de negros/as nesse curso. Nos dados relacionados à matrícula, 3,9% de candidatos/as/as se classificaram como negros/as. Entretanto, os dados coletados em nossa pesquisa confirmam uma realidade vivida no Brasil e, principalmente, nas universidades onde o acesso é mais difícil, conforme afirma Queiroz (2002, p. 16): “estão entre [negros/as] as maiores proporções de pessoas não alfabetizadas; a participação [de negros/as] no sistema educacional vai diminuindo à medida que aumentamos os anos de escolaridade”.

A Imagem 9 mostra concluintes do curso de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde (Bloco de Educação Física), na qual observamos um modelo de fotografias, imagens e informações impressas em adesivo e aplicadas ao vidro. Com a finalidade de comemorar e tornar o momento de formatura público, concluintes do ano de 2009 posam para fotos individuais e em conjunto em um studio. Estão ordenados numa escada, usando calça, blusa ou camisa pretas, gravata ou echarpe verde e sapatos pretos. Na Imagem 9, em destaque, os



círculos pretos mostram que, de um total de 32 concluintes, identificamos a presença de nove negros/as, sendo sete mulheres e dois homens.

Imagem 9 – Concluintes do Curso de Educação Física (2009/UFPB)



Fonte: Imagem fotografada (dados da pesquisa, 2011)

A presença ou a ausência de negros/as no curso de Educação Física nos surpreendeu. A média de concorrência é de 9,4 candidatos/as por vaga, apresentando um número maior de acesso e permanência de negros/as. Percebemos que 6,8% se autoclassificam como negros/as, enquanto que, em nossa pesquisa *in loco* nas placas, atribuímos o pertencimento étnico-racial de cor negra a 9,1% das imagens fotográficas observadas de concluintes.

É importante salientar que esse foi o maior percentual de negros/as identificado na pesquisa, tanto no processo de autoclassificação quanto na heteroclassificação. Contudo, esse percentual ainda é considerado desigual, se o compararmos com o número de negros/as que ainda não conseguiram ter acesso aos cursos da área de saúde nas universidades públicas.

Queiroz (2002) mostra (in)visibilidade de negros/as em quatro Universidades Públicas Brasileiras: a Universidade Federal da Bahia – UFBA; a Universidade Federal do Maranhão – UFMA; a Universidade Federal do Paraná - UFPR e a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Essa pesquisadora afirma que, durante o desenvolvimento desta pesquisa, os negros/as representavam, na UFBA, 8,1%, na UFMA, 12,1%, na UFPR, 0,9%, e na UFRJ, 2,4%.

Como foco desta análise, escolhemos apenas o curso de Medicina da UFCG por ser o único da área de saúde que possui turmas que já concluíram. A Imagem 10 apresenta a placa de formatura de concluintes desse curso, localizada no Hospital Universitário Alcides Carneiro (Bloco de Aulas – CAESE), na cidade de Campina Grande. Essa placa mostra os concluintes do ano de 2009, trajados com calça e sapato preto, camisa branca ou blusa preta, gravata preta e bata branca, sorrindo, ordenados de pé em um gramado. Nesse tipo de imagem predomina a roupa branca que se repete em muitas outras placas expostas nessa Instituição.

Nessa placa aparece apenas um negro que, à primeira vista, parece misturar aos demais pelo fato de sua cor de sua pele não ser tão escura quanto aos demais colegas. Porém, utilizando os fenótipos, vemos que possui pele escura, cabelo crespo, nariz núbio, boca com lábios carnudos e arcada dentária para fora, o que nos conduz a heretoclassificá-lo como negro. Essa imagem, assim como as demais, tem a finalidade de expor o momento de formatura do curso de Medicina.

Imagem 10 – Concluintes do Curso de Medicina (2009/UFCG)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

A concorrência nos processos seletivos do curso de Medicina (UFCG) apresenta uma média de 28,6 candidatos/as por vaga. Tal panorama caracteriza uma grande demanda da sociedade para o curso mencionado. À luz de alguns pesquisadores, o curso de Medicina é de “alto prestígio” (QUEIROZ (2002); (CASTRO, 2005); (CARVALHO, 2005), constituindo uma barreira para poucos negros/as nele ingressarem. Em nossa pesquisa, identificamos apenas 2,2% de negros/as concluintes desse curso, e 4,6% de alunos/as se autoidentificaram com o pertencimento étnico-racial, demonstrando o acesso e permanência de negros/as em cursos de “alto prestígio” e impedindo a ascensão social desse segmento em nossa sociedade.

Dados ainda mais expressivos foram elencados por outros pesquisadores em cinco Universidades Públicas do Brasil. Castro (2005), por exemplo, apontou 3% de negros/as no curso de Medicina da UFMT, enquanto Queiroz (2002) mostrou uma diferença ainda maior nas regiões do Sul e do Sudeste do país. Na UFPR, nenhum negro ou negra ingressou no curso de Medicina no ano 2000, e na UFRJ, no mesmo ano, apenas 0,6 % eram negros/as.

Aprofundando esta análise, a seletividade de candidatos/as no ensino superior, principalmente no curso de Medicina, segundo Serpa (1992), resultou na criação do sistema educacional, no início do século XX, cuja expansão das vagas nas universidades que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970 não teve a competência para mudar essa característica de manutenção dos privilégios nem para ampliar o acesso de todos os grupos desencadeando um

processo de democratização da participação nas áreas e cursos no interior das universidades públicas. Privilegiou-se grupos bem sucedidos economicamente. “sem priorizar o efeito de outros elementos como a cor e o gênero que, assim como o status, são responsáveis pela exclusão de considerável parcela da população”.

Na UEPB, identificamos cinco cursos (Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física) com apenas cinco turmas já concluídas cuja característica peculiar diz respeito à organização das placas de formatura, as quais se encontram expostas nos blocos onde ocorrem as aulas, separadas por curso, de maneira ordenada, demonstrando preocupação em preservar a memória desses artefatos culturais e, conseqüentemente, uma parte da memória daquela instituição.

A Imagem 11 mostra os concluintes do curso de Odontologia da UEPB na placa de formatura exposta no CCBS (Bloco de Odontologia) e referente ao ano de 2006. Eles trajam calça e sapatos pretos, camisa branca e/ou blusa preta, gravada preta e bata branca e sorriem, ordenados de pé, em cima dos degraus de uma escada, com a finalidade de registrar a memória do momento da conclusão do curso. Nessa Imagem, dentre 29 concluintes, identificamos apenas uma negra (círculo preto) que se destaca dos demais concluintes pela cor da pele, e isso nos levou a observá-la mais detalhadamente e perceber os fenótipos.

Imagem 11 – Concluintes do Curso de Odontologia (2006/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)



Em Odontologia, a concorrência média nos processos seletivos foi de 19,7 candidatos/as por vaga, configurando-se um percentual maior do que na UFPB. Dentre aqueles que se autoclassificaram no pertencimento étnico-racial, 4,2% responderam que eram negros/as. Contraditoriamente, em 11 placas expostas e 272 imagens de concluintes, identificamos a presença de apenas 1,5% de negros/as. Ainda sobre a UEPB, os números apontados nos fazem corroborar com Carvalho (2005), que confirma a presença pouco expressiva de acadêmicos negros/as nos quadros das universidades brasileiras. Esse fato nos convoca a produzir conhecimento e reflexão sobre a questão negra.

A Imagem 12 mostra concluintes do curso de Enfermagem dessa Instituição referentes ao ano de 2005. Nas placas de formatura, localizadas no CCBS, os concluintes posam para a imagem fotográfica, usando calça preta, camisa e/ou blusa preta e bata branca. Eles estão sorrindo, ordenados de pé em cima de degraus de uma escada, com o propósito de comemorar e tornar pública a conquista do término do curso. Em destaque, notamos a presença de uma única negra entre 36 concluintes desse curso, destacando-se dos demais, principalmente pela cor da pele escura e por estar no centro da imagem.

Imagem 12 – Concluintes do Curso de Enfermagem (2005/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

Enfermagem é o curso mais procurado por candidatos/as que pretendem ingressar na área de saúde da UEPB. A média de concorrência é de 22,3 candidatos/as por vaga. Em 12 placas de formatura expostas no corredor do 1º andar do CCBS/UEPB, identificamos 403 concluintes, dando 07 (sete) negros/as, representando 1,7% de concluintes desse curso. Porém, ao analisarmos os dados relacionados a autoclassificação de alunos/as, esse percentual eleva-se para 2,2%.

A Imagem 13 apresenta concluintes de Farmácia concernente ao ano de 2004. Usando calça, sapato brancos, camisa e/ou blusa branca, sorrindo, e ordenados sobre os degraus de uma escada, posam para uma fotografia, com o objetivo de celebrar o término do curso. Considerando os fenótipos adotados nesta pesquisa, dentre 20 concluintes desse curso não encontramos negros/as.

Imagem 13 – Concluintes do Curso de Farmácia (2004/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012)

A concorrência desse curso nos processos seletivos apontou 15,3 candidatos/as por vaga. Isso nos indica que esse curso não é tão procurado por candidatos/as que pretendem neles ingressar. Dos candidatos/as/as matriculados nesse curso, apenas 1,8% se autotranscreveram como negros/as. Na identificação de negros/as, encontramos 3,7% de concluintes com características correspondentes aos fenótipos negroides. Nos cursos de Farmácia da UEPB e da UFPB encontramos menos de 4% de negros/as em toda a população de concluintes investigada. Sendo assim, esses dados revelam que as universidades paraibanas têm espaços fortemente seletivos e marcados pela desigualdade racial. Como podemos inferir, é certo que negros/as estão em posição de extrema desvantagem e que se configurará como uma desigualdade racial no mercado de trabalho, pois, se não conseguem ingressar nesse curso, dificilmente teremos farmacêuticos negros/as no Estado da Paraíba.

A Imagem 14 apresenta concluintes do curso de Fisioterapia da UEPB, do ano de 2003. Na placa de formatura exposta no CCBS/UEPB, concluintes aparecem trajados de calça e camisa pretas, com nome do curso e da instituição em letras brancas, e todos sorrindo. As mulheres estão em pé, e os homens acorados nos degraus da escada, expressando a alegria por concluir uma importante etapa de suas vidas. Em destaque, observa-se, em círculo preto, a presença de uma negra entre 19 concluintes. Apesar de ter os cabelos loiros, os demais fenótipos são bem marcantes, razão por que a classificamos como tal.

Imagem 14 – Concluintes do Curso de Fisioterapia (2003/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (dados da pesquisa, 2012).

Essa imagem leva-nos a refletir e a comungar com o pensamento de (GOMES, 2006) ao afirmar que o cabelo de negro, visto como “ruim”, é uma expressão do racismo e da desigualdade racial. Essa postura de rotular o cabelo de negro ou negra como “ruim” e o de branco ou branca como “bom” expressa um conflito. Por isso, ao mudar o cabelo, essas pessoas procuram sair de um lugar de inferioridade, e sua introjeção pode representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. Nessa



imagem, apesar de identificá-la como negra, percebemos que a concluinte tenta se misturar com os demais. Sua posição, na imagem, induz-nos a não percebê-la como negra, devido à cor do cabelo. Porém, os fenótipos negroides são bem marcantes em sua face.

Prosseguindo a análise, percebemos que a concorrência em Fisioterapia é alta com 21,8 candidatos/as e candidatas por vaga. Porém, os candidatos/as que conseguem adentrar nesse curso, apenas 3,7% autotranscreveram-se como negros/as. Contudo, a classificação apontou que 2,2% de negros/as concluíram esse curso. Do mesmo modo que ocorre no curso de Fisioterapia da UFPB, constatamos que, na UEPB, os percentuais são inexpressivos, demonstrando que negros/as são “invisíveis” nessas instituições. Corroborando com Queiroz (2004), é possível afirmar que nessas instituições há um processo perverso de exclusão com a finalidade de discriminá-los sutil, contínuo e invisível.

A Imagem 15 mostra concluintes do curso de Educação Física, da UEPB, referente ao ano de 2010. Eles aparecem nas placas de formatura, sorrindo e trajando beca e sapatos pretos, em cima de degraus de escada e exibindo alegria e felicidade por terem concluído sua jornada universitária. Em destaque, o círculo preto serve para revelar que, do total de 32 concluintes, apenas três foram caracterizados com base nos fenótipos negroides nesse curso.

Imagem 15 – Concluintes do Curso de Educação Física (2010/UEPB)



Fonte: Imagem escaneada (Dados da pesquisa, 2011)

Este curso caracteriza-se pela alta concorrência por vagas (18,6 candidatos/as por vaga) e um número elevado de negros/as autotranscritos (6,3%) e heterotranscritos (4,2%) dentre os demais cursos dessa Instituição. De modo que evidenciamos um número



maior de negros/as em relação aos demais cursos da área de saúde na UFPB e UEPB, Contudo, os percentuais não podem ser considerados adequados em relação aos dados estatísticos de pesquisas já realizadas, as quais mostram que negros/as são majoritários em nossa sociedade. Além disso, a desigualdade racial em cursos de alto prestígio nas universidades públicas brasileiras afeta negros/as, sobretudo, na Região Nordeste.

Por essa razão, requeremos uma mudança radical nos mecanismos de acesso e permanência desse segmento nas universidades públicas. Concordamos com Gomes (2004, p. 41) na consideração de que “a universidade pública brasileira precisa refletir, em seu interior, sobre a diversidade étnico-racial da população. Essa diversidade precisa estar contemplada nos mais diferentes cursos e não somente nos noturnos”. É preciso, ainda, que essa consciência alcance não só os cursos historicamente elitizados, mas também todos aqueles que compõem as universidades públicas estaduais e federais. É importante lembrar que a concepção de universidade “como modelo de inovação e de integração do país consigo mesmo e com o continente latinoamericano, ainda não absorveu mais que 1% de acadêmicos negros[/as]” (CARVALHO, 2006, p. 21).

Observando esse contexto, os cursos de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia também não podem perder de vista que a apropriação da informação e do conhecimento é a chave para o desenvolvimento de nações, sociedades, das comunidades, grupos e indivíduos. Essa área da informação deve considerar que “indivíduos desprovidos de competências para criar e processar a informação e o conhecimento” (LIMA; SANTIAGO; AQUINO, 2010, p. 79) não terão condições de competir numa sociedade em que a educação superior apresenta níveis altíssimos de exclusão de negros/as em relação ao acesso e permanência nos cursos elitizados de universidades públicas.

É importante ressaltar que as reações contrárias às Políticas de Ações Afirmativas para ingresso de negros/as nas universidades públicas significa trazer à memória a desumanização do povo negro que, durante mais de três séculos de escravidão, contribuiu ricamente para a formação da sociedade brasileira. É importante ressaltar que a implementação e a consolidação dessas políticas são uma das formas de reparação histórica de descendentes de africanos e africanas que, desde o período da Abolição, não obtiveram oportunidades econômicas, educacionais e informacionais em nosso País.

A consolidação dessas políticas nas universidades públicas brasileiras “apresenta-se como importante mecanismo social com características ético-pedagógicas para os diferentes grupos vivenciarem o respeito às diversidades nessa sociedade multicultural” (SILVÉRIO, 2007, p. 21). Sem essas oportunidades, negros/as não poderão competir nas mesmas

condições de igualdades com brancos/as no desenvolvimento dos diversos setores do nosso País. Também não podemos perder de vista que a Constituição Brasileira, em seu artigo 205, reza que o acesso à educação superior é um “direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (FERREIRA, 2011, p. 3).

Desde 2001, algumas universidades públicas brasileiras vêm implementando essas políticas com vistas a promover o acesso de negros/as ao ensino superior “como um importante mecanismo de democratização do acesso ao ensino superior e de ampliação do acesso da juventude negra às universidades” (SILVA et al, 2009, p. 44). Entretanto, nossa pesquisa mostrou que, pelo menos, uma das universidades públicas federais analisadas ainda não assumiu nem discutiu as políticas de ações afirmativas.

No caso da UEPB, os dados levantados sobre a implementação dessas políticas mostram que essa Instituição aplica as cotas sociais para estudantes oriundos de escolas públicas (municipais, estaduais ou federais), sem demonstrar ainda qualquer pretensão de implementar concretamente as cotas raciais. “Esse sistema, entretanto, não permite aferir os resultados da inclusão da juventude negra, uma vez que essa não é uma variável considerada na efetivação da medida” (SILVA et al, 2009, p. 45). Com isso, a (in)visibilidade de negros/as nessa universidade pode ser interpretada como um fato que pouco se nota, raramente se discute, nem se deseja discutir.

Desde a nossa infância até ao ingresso nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, escutamos histórias narradas com personagens belos, inteligentes e brancos. Como relatou Santos (2001), em nosso cotidiano, sempre escutamos que o lado bom da vida não deve ser negro. Certamente, negros/as tem recebido alguns significados pejorativos relacionados a sujo, lúgubre, funesto, sinistro, maldito, perverso, triste, nefando etc. Segundo Hofbauer (2006, p. 407), é uma carga simbólica de procedência Ocidental. Ele enfatiza que: “enquanto o branco tem representado o bem, o bonito, a inocência, o puro, o divino, o negro tem sido associado ao moralmente condenável, ao mal, às trevas, ao diabólico, à culpa”.

Embora o racismo permaneça interditando o acesso e a permanência de negros/as nas universidades públicas, como afirmou o sociólogo Guerreiro Ramos, “o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira” (RAMOS, 1995, p. 219). As universidades públicas, em suas pesquisas, sempre usaram o negro-tema como uma coisa examinada, olhada, vista, “mas

esqueceu que o negro-vida é [...] algo que não se deixa imobilizar” (RAMOS, 1995, p. 219), pois ele resiste.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora desta pesquisa levou-nos a analisar as imagens fotográficas que fazem parte da memória iconográfica de concluintes de cursos de graduação da área de saúde, tendo como foco as placas de formatura expostas nos corredores e nos hospitais de três universidades públicas do Estado da Paraíba. No decorrer do percurso, operacionalmente propusemo-nos a identificar e selecionar as imagens fotográficas de concluintes desses cursos, conhecer a concorrência de candidatos/as nos processos seletivos desses cursos, identificar o número de negros/as matriculados e analisar a presença/ausência de imagens de negros/as na memória iconográfica, visando à (in)visibilidade do povo negro nas universidades públicas.

O material que constituiu o *corpus* da análise permitiu perceber que o surgimento da fotografia em placas de formatura de universidades públicas do Estado da Paraíba, ocorre no final dos anos 90. Anteriormente, essas placas eram confeccionadas em bronze ou aço metal, com impressão em alto relevo, utilizando-se ácido ou em baixo relevo. Hoje, essas placas trazem outra configuração na utilização de materiais, tais como vidros, adesivos, madeiras, fotografias em papel, materiais como inox, plástico e acrílico. Entretanto, o emprego desses novos materiais tem prejudicado a preservação das imagens fotográficas da memória iconográfica, uma vez que as impressões adesivadas têm uma vida reduzida.

Em decorrência do material utilizado e da exposição ao sol, muitas informações contidas nas placas têm sido apagadas pelas intempéries do tempo e a negligência na higienização. Uma grande parte dessas placas não permitiu a identificação de alguns concluintes porque estavam mofadas, envoltas pelas traças e aranhas ou simplesmente caídas nas paredes dos corredores onde estavam penduradas.

Essa situação das placas de formatura demonstra que não existe um cuidado com a preservação desses artefatos na cultura acadêmica. A preservação da memória iconográfica de concluintes dos cursos da área de saúde permanece esquecida na sociedade da imagem. Assim, é possível afirmar que há mais uma preocupação com a espetacularização das placas de formatura do que com a memória coletiva de concluintes que se formaram e fizeram história nessas instituições públicas ao longo dos anos. Essa questão nos preocupa, como pesquisadora deste estudo e mestranda, durante dois anos, vinculada à linha de pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação do PPGCI/UEPB e profissional da informação, ao constatar que as

informações registradas na maioria dessas placas de formatura, para preservar a memória, estão sendo apagadas. O mais agravante é que se não cuidarem, em um curto espaço de tempo, a memória de concluintes poderá ser extinta da iconografia dessas instituições.

Outro ponto que nos interessa destacar é que as imagens fotográficas da memória iconográfica, dos cursos da área de saúde analisados, ainda não são igualmente distribuídas entre negros/as. Sua (in)visibilidade pode estar relacionada às dificuldades históricas de acesso e permanência aos cursos de alto prestígio, as quais têm sido denunciadas constantemente nos atuais estudos e pesquisas desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras, que assumem uma postura crítica acerca do contexto acadêmico brasileiro e por reivindicações dos movimentos negros.

Esta análise apontou expressivas e consistentes desigualdades raciais no ensino superior, principalmente nos cursos de grande demanda social e elevada concorrência nos processos seletivos. A maioria dos cursos da área de saúde forma profissionais para o desenvolvimento das ciências avançadas no ramo da Genética, Nanotecnologia, Robótica etc. Sem dúvida, negros/as são minoria nos cursos de alto prestígio. Sabemos que o mundo do trabalho carece de mão de obra especializada e gera uma enorme oferta de empregos para profissionais formados na área dos cursos que analisamos.

É verdade que negros/as ainda continuam em desvantagem em relação a brancos/as. O nosso estudo demonstra que a maioria de alunos/as dos cursos analisados são brancos/as, na UFPB e na UFPB, e pardos/as, na UEPB. O maior número de negros/as está nos cursos de Educação Física. Porém, não ultrapassa 6,8%, denotando uma insuficiência de negros/as nos cursos de alto prestígio da área de saúde. Percebemos que, nessas universidades, não há lugar para negros/as, pois, em nenhuma delas, eles representam sequer 10% de alunos/as concluintes.

Outro aspecto importante que não podemos deixar de mencionar se refere à elite dominante que consegue adentrar as universidades. Se os percentuais de negros/as identificados são inexpressivos em relação ao contingente de brancos/as, quantos conseguirão permanecer nelas, manter e ter sucesso em sua profissão? Se os concluintes de Medicina são brancos/as, quem atenderá negros/as?

Dados de pesquisas mostram que homens, mulheres, jovens e crianças não são atendidos qualitativamente. Os cuidados têm sido negligenciados não só no âmbito da saúde, mas também nos âmbitos econômicos, políticos e simbólicos, como observou Muniz Sodré Cabral (1999). Nesse sentido, a formação de médicos/as, odontólogos/as,

nutricionistas, farmacêuticos/as, fisioterapeutas, enfermeiros/as, educadores físicos/as negros/as “é uma necessidade democrática” (CUNHA JÚNIOR, 2003), bem como pesquisadores e orientadores que atendam aos interesses do povo negro nas universidades públicas. Para esse pesquisador, “um país que forma seis mil doutores por ano, menos de 1% é de negros [/as/]”.

As barreiras para implementação das políticas de ações afirmativas impedem o acesso à população menos favorecida na UFCG que podem ser um entrave para a inserção de negros/as em cursos de alto prestígio, como o de Medicina, por exemplo. Em nossa pesquisa, ainda não percebemos se as ações afirmativas implementadas na UFPB e na UEPB, que visam garantir uma igualdade de oportunidades, independentemente de sua cor ou condição social, têm conseguido minimizar as discrepâncias identificadas entre negros/as e brancos/as. Porém, acreditamos que essas ações podem se tornar um importante mecanismo para a mudança do quadro que apresentamos neste estudo.

Do nosso ponto de vista, a presença inexpressiva de negros/as nessas universidades não se resolve apenas com uma ação isolada, mas com políticas públicas que beneficiem a todos os grupos, independentemente de cor, raça ou classe social.

É fato que as universidades públicas paraibanas, especificamente na área de saúde, estão marcadas pela desigualdade racial. Os espaços que deveriam ser de todos e para todos servem a uma elite dominante de cor predominantemente branca. Pesquisadores e pesquisadoras como Queiroz (2004), Carvalho (2006) e Castro (2005) reafirmam a (in)visibilidade de negros/as nos cursos da área de saúde das universidades públicas federais de nosso País.

Com este estudo na área da Ciência da Informação, pretendemos contribuir para dar visibilidade à realidade das universidades públicas da Paraíba, muitas vezes silenciadas e desatentas à problemática do povo negro. O que se espera é que negros/as, igualmente a brancos/as, possam ser devidamente representados na memória de todas as instituições, sobretudo, na memória iconográfica das universidades públicas do estado da Paraíba analisadas nesta dissertação. A memória iconográfica dos cursos da área de saúde carece de uma presença mais representativa de negros/as, pois que as imagens fotográficas de concluintes que aparecem nas placas de formatura demonstram a predominância de brancos/as. E quanto maior a concorrência nos processos seletivos, menos acesso têm negros/as nas universidades públicas da Paraíba, do Nordeste e do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO Naomar Monteiro de et al. Social inequality and alcohol consumption-abuse in Bahia, Brazil - interactions of gender, ethnicity and social class. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.**, v. 40, n. 3, p. 214-222, mar. 2005.
- ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. **Sob o signo da imagem**. 1990. 340 f. Dissertação (Mestrado em História)- Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990.
- ANDRÉ, Maria da Consolação. **O ser negro**: a construção de subjetividades em afro-brasileiros. Brasília: LGE Editora, 2008.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. A problemática dos indivíduos, suas lutas e conflitos no turbilhão da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 202-221, maio/ago. 2007.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque; LIMA, Celly de Brito Acesso e democratização da informação: a construção de identidades afrodescendentes. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 37-43, jan./abr. 2009.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A relação entre informação, memória e patrimônio cultural: o caso das comunidades quilombolas de Alcântara, MA. In: AQUINO, Miriam Albuquerque; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro (Orgs.). **Responsabilidade ético-social das universidades públicas e educação da população negra**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- AZEVEDO, Regina Quintanilha; ISMERIO, Clarisse. Os primeiros passos da experiência com a educação patrimonial no curso de pedagogia da URCAMP – Bagé. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo-RS, **Anais eletrônicos...** São Leopoldo-RS: ANPUH, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Clarice%20Ismerio.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- \_\_\_\_\_. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. Le message photographique. **Communications**, n. 1, p. 127-138, 1961.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. Disponível em: [http://www.ceert.org.br/premio4/textos/branqueamento\\_e\\_branquitude\\_no\\_brasil.pdf](http://www.ceert.org.br/premio4/textos/branqueamento_e_branquitude_no_brasil.pdf). Acesso: 12 mar. 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Mémoire et vie**. Paris: PUF, 1975.

\_\_\_\_\_. **Memória y vida**: textos escogidos por Gilles Deleuze. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 25 abr. 2012.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CAMARGO, Isaac Antonio. **Reflexões sobre o pensamento fotográfico**: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino. 2. ed. Londrina: UEL, 1999.

CAMPINA Grande. Disponível em: <<http://campinagrande.pb.gov.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho. **Caminhos universitários**: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CARVALHO, José Jorge. Ações afirmativas para negros na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores universitários como resposta ao racismo acadêmico. In: SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). **Educação e ações afirmativas**: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: INEP, 2003.

\_\_\_\_\_. Exclusão racial na universidade brasileira: um caso de ação negativa. In: QUEIROZ, Delcele Mascarenhas (Coord.). **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

\_\_\_\_\_. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 88-103, dez./fev. 2006 Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/68/08-jose-jorge.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2011.

CARVALHO NETTO, Tânia Maria de Castro; SÁ, Márcia Souto Maior Mourão. Ações afirmativas na universidade pública brasileira: (uma) resposta inclusiva às exclusões. In:



CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra, **Anais...** Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2004, p. 1-10.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edmara da Costa. **Identidade e trajetórias de alunos(as) negros da UFMT nos cursos de nutrição, enfermagem e medicina**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

\_\_\_\_\_. Negros no ensino superior: cor e trajetória escolar de alunos(as) negros dos cursos de medicina, nutrição e enfermagem da UFMT. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu, MG. **Anais eletrônicos...** Caxambu, MG: ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/p215.pdf>>. Acesso: 12 nov. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção aprender e ensinar com textos, 12).

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Abolição inacabada e a educação dos afrodescendentes. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 89, out., 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/089/89cunhajr.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. **A formação de pesquisadores negros**. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/17.shtml>>. Acesso: 12 mar. 2012.

CUNHA JUNIOR, Henrique; RAMOS, Maria Estela Rocha. **Espaço urbano e afrodescendência**. Fortaleza: Editora da UFC, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS-DA-COSTA, Juvenal Soares et al. Desigualdades na realização do exame clínico de mama em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 7, p. 1603-1612. 2007.

DICIONÁRIO online de português. **Universidade**. <<http://www.dicio.com.br/universalidade/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

DORNELES, Luciano do Amaral. **A representação nos estudos culturais: artefatos culturais comunicadores de significados**. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-representacao-nos-estudos-culturais-artefatos-culturais-comunicadores-de-significados/45698/#ixzz1ypZpByFX>>. Acesso em 21 jan. 2011.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2007.

FERREIRA, Renato (Coord.). **Ações afirmativas**: a questão das cotas: análises jurídicas de um dos assuntos mais controvertidos da atualidade. Niteroi: Impetus, 2011. [Apresentação].

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GERVEREAU, Laurent. **Ver, compreender, analisar as imagens**. Lisboa: Edições 70, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Programa ações afirmativas na UFMG: uma proposta corajosa. In: GOMES, Nilma Lino; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Afirmando direitos**: acesso e permanência de jovens negros na universidade. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GONDIM, Linda Maria de Pontes (Org.). **Pesquisa em ciências sociais**: o projeto de dissertação de mestrado. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

GONZÁLEZ, José Antônio Moreira; ARILLO, Jesús Robledano. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Editora Universitária da UFPR, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008. (Preconceitos, 6).

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O. R. C.). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: UNESP, 2006.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de et al. Questão racial e docência: olhares e trajetórias. In: PRAXEDES, Vanda Lúcia; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; SOUZA, Anderson Xavier de. **Memórias e percursos de professores negros/as na UFMG**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997.

HIRATA, Marisa Correia. Iconografia e enfermagem? Por que e como? **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/nepae/siteantigo/objn202hirata.htm>>. Acesso em: 16 set. 2011.

IBGE. **Censo demográfico 2000: características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em: 12 mar. 2004.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2010**. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2017&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2017&id_pagina=1)>. Acesso em: 29 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais (SIS)**. 2010. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1717&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1)>. Acesso em: 29 jan. 2011.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOLY, Martine. **A imagem e os signos**. Lisboa: Edições 70, 2005.

\_\_\_\_\_. **Imagem e sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações em imagens equivalentes**. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

LIMA, Izabel de França; SANTIAGO, Stella Márcia de Moraes; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A informação que circula sobre a política de cotas no ensino superior. **Plurais: revista multidisciplinar da UNEB**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 76-91, jan./abr. 2010.

LUIZ, Janailson Macedo; SOUZA, Maria Lindaci Gomes de. Iconografia e livro didático de história: um outro olhar acerca das representações imagéticas sobre as populações negras. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 13., 2010, Guarabira, PB. **Anais eletrônicos...** Guarabira, PB: UEPB/ANPUH-PB, 2010. Disponível em:  
<[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2016%20-%20Janailson%20Mac%C3%A7ado%20Luiz%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2016%20-%20Janailson%20Mac%C3%A7ado%20Luiz%20TC.PDF)>. Acesso em: 12 nov. 2011.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARTELETO, Regina Maria. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007.

MARTELETO, Regina Maria; RIBEIRO, Leila Beatriz. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 57-85, 2001.

MEAD, Margaret. Anthropology and the camera. In: MORGAN, Willard Detering (Ed.). **The encyclopedia of photography**. New York: Greystone, 1963. v. 1. p. 163-164.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para a compreensão do racismo na história. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **A travessia da calunga grande**: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637-1899). São Paulo: USP, 2000.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Eurocentrismo**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/eurocentrismo.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare**: Caderno do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan./jun. 1995.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.

PÉREZ GÓMEZ, Alberto I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto visual**: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Regina Pahim. **Os problemas subjacentes ao processo de classificação da cor da população no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. São Paulo: EDUSP, 1972.

PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano Brasil 2005**: racismo, pobreza e violência. 2005. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh/rdh2005/rdh2005b\\_geral.pdf](http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh/rdh2005/rdh2005b_geral.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2008.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas (Coord.). **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

\_\_\_\_\_. **Universidade e desigualdade**: brancos e negros no ensino superior. Brasília: Líber Livro, 2004.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRS, 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirlei; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão de literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: MacGraw-Hill, 2006.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTANA, Vanessa Alves. **Memória esquecida**: uma análise do Opac da Biblioteca Central da UFPB. João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: SEMINÁRIOS REGIONAIS PREPARATÓRIOS PARA CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFobia E INTOLERÂNCIA CORRELATA, 2001. Brasília. **Anais...** Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SANTOS, Vilson Pereira. **Escravidão**: castigos sofridos pelos escravos. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/escravidao-castigos-sofridos-pelos-escravos/22470/>>. Acesso em 25 abr. 2012.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 41-62, 1996.

SCHWARTZMAN, Jacques. A seletividade sócio-econômica do vestibular e suas implicações para a política universitária pública. **Educação e seleção**, Fundação Carlos Chagas, n. 19, p. 99-109, 1989.

SERPA, Luiz F. Universidade brasileira centro de excelência ou indigência? **Cadernos Expogeo**, n. 3, p.45-49, 1992.

SILVA, Adailton et al. Entre o racismo e a desigualdade: da constituição à promoção de uma política de igualdade racial (1988-2008). In: JACCOUD, Luciana (Org.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial**: uma análise dos últimos 20 anos. Brasília: IPEA, 2009.

SILVA, Antonio Ozaí da. A representação do negro na política brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 40, set. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/040/40pol.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em livros de língua portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Cultura e Identidades).

SILVA FILHO, João Bernardo da. **Os discursos verbais e iconográficos sobre os negros em livros didáticos de história**. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa: uma política pública que faz a diferença. In: PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da (Orgs.). **O negro na universidade**: o direito à inclusão. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **Informare**: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Marcos Teixeira de; ROCHA, José Geraldo da. O lugar pertinente ao negro: rudeza e sutileza da memória dominante em Motta Coqueiro ou a pena de morte. **Revista Magistro**, v. 1, n. 1, p. 128-141, 2012.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. 3.

TELLES, Edward Eric. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

UNGER, Roberto J. G.; FREIRE, Isa Maria. Sistemas de informação e linguagens documentárias no contexto dos regimes de informação: um exercício conceitual. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 102-115, jul./dez. 2006. Disponível em: <[http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu\\_rci/article/viewFile/349/231](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/349/231)>. Acesso em: 05 set. 2009.

VAZ, Paulo Bernardo; MENDONÇA, Ricardo Fabrino; ALMEIDA, Sílvia Capanema Pereira de. Quem é quem nessa história? Iconografia do livro didático. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

**APÊNDICES**  
Apêndice A – Carta de apresentação

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Prezado (a) Senhor (a),

Sou aluna do mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, matrícula nº 110100169, e estou dissertando sobre a temática étnico-racial, cujo título é **Universidade, Iconografia e Memória: uma análise da (in)visibilidade de negros (as)** em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas, sob orientação da professora Dra. Mirian de Albuquerque Aquino. Nosso objetivo é analisar as imagens fotográficas constitutivas da memória iconográfica das universidades públicas do Estado da Paraíba, tendo como foco as placas de formatura dos Cursos da área de saúde.

Para tanto, estamos coletando dados contidos nos artefatos memorialísticos dispostos nas Universidades Públicas do Estado da Paraíba.

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente.

Cordialmente,

Ana Roberta Sousa Mota  
Mestranda PPGCI/CCSA/UFPB  
Bibliotecária CRB-15/101 - UFCG/HUAC  
Especialista em Gestão de Unidades de Informação - UFPB  
Especialista em Gestão Empresarial e de Recursos Humanos - UNP  
Contato: (83) 8865-1774, (83) 9625-6449, (83) 2101-5556  
E-mail: anarobertamota@hotmail.com

## Apêndice B – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico - UEPB

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Ilmo. Sr. Eli Brandão  
Pró Reitor de Ensino de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba  
Campina Grande-PB

Senhor Pró-Reitor,

Na qualidade de orientadora da mestranda Ana Roberta Sousa Mota, matrícula nº 110100169, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, solicito a Vossa Senhoria autorização para liberação dos dados sobre o pertencimento étnico (cor) de alunos(as) cadastrados no ato de matrícula referente ao período de 2000 a 2010 dos Cursos de: Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física, em Campina Grande/PB, dessa Instituição. Essa coleta de dados tem por objetivo subsidiar sua dissertação, intitulada **UNIVERSIDADE, ICONOGRAFIA E MEMÓRIA: uma análise da (in)visibilidade de negros/ negras em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas, sob orientação da professora.**

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente

Cordialmente,



Profª Drª Mirian de Albuquerque Aquino (Orientadora)  
PPGCI/CCSA/UFPB

Contatos: anarobertamota@hotmail.com  
(83) 8865-1774 / 9625-6449



## Apêndice C – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFCG

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Ilmo. Sr. Vicemário Simões  
Pró Reitor de Ensino da Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande-PB

Senhor Pró-Reitor,

Na qualidade de orientadora da mestrandia Ana Roberta Sousa Mota, matrícula nº 110100169, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, solicito a Vossa Senhoria autorização para liberação dos dados sobre o pertencimento étnico (cor) de alunos(as) cadastrados no ato de matrícula referente ao período de 2000 a 2010 do Curso de Medicina, em Campina Grande/PB dessa Instituição. Essa coleta de dados tem por objetivo subsidiar sua dissertação, intitulada **UNIVERSIDADE, ICONOGRAFIA E MEMÓRIA: uma análise da (in)visibilidade de negros (as) em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas**, sob orientação da professora.

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente

Cordialmente,



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mirian de Albuquerque Aquino (Orientadora)  
PPGCI/CCSA/UFPB

Contatos: anarobertamota@hotmail.com  
(83) 8865-1774 / 9625-6449

## Apêndice D – Solicitação de dados sobre o pertencimento étnico – UFPB

João Pessoa, 21 de março de 2012.

Ilmo. Sr. Valdir Barbosa Bezerra  
Pró Reitor de Graduação da Universidade Federal da Paraíba  
João Pessoa-PB

Senhor Pró-Reitor,

Na qualidade de orientadora da mestrande Ana Roberta Sousa Mota, matrícula nº 110100169, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, solicito a Vossa Senhoria autorização para liberação dos dados sobre o pertencimento étnico (cor) de alunos (as) cadastrados no ato de matrícula referente ao período de 2000 a 2010 dos Cursos de: Medicina, Odontologia, Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física, em João Pessoa/PB, dessa Instituição. Essa coleta de dados tem por objetivo subsidiar sua dissertação, intitulada **UNIVERSIDADE, ICONOGRAFIA E MEMÓRIA: uma análise da (in)visibilidade de negros (as) em imagens de placas de formatura de Cursos da área de saúde de universidades públicas**, sob orientação da professora.

Na certeza de que posso contar com seu apoio e atenção, agradeço antecipadamente

Cordialmente,



Profª Drª Mirian de Albuquerque Aquino (Orientadora)  
PPGCI/CCSA/UFPB

Contatos: anarobertamota@hotmail.com  
(83) 8865-1774 / 9625-6449

## Apêndice E – Tabela utilizada na coleta dos dados

| <b>Universidade</b> | <b>Curso</b> | <b>Centro</b> | <b>Cidade</b> | <b>Local</b> | <b>Período</b> | <b>Alunos (as)</b> | <b>Negros (as)</b> |
|---------------------|--------------|---------------|---------------|--------------|----------------|--------------------|--------------------|
|                     |              |               |               |              | 2000.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2000.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2001.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2001.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2002.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2002.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2003.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2003.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2004.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2004.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2005.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2005.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2006.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2006.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2007.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2007.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2008.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2008.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2009.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2009.2         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2010.1         |                    |                    |
|                     |              |               |               |              | 2010.2         |                    |                    |

Apêndice F – Tabelas sobre o quantitativo de alunos (as) matriculados (as) UFPB e UEPB

Tabela 1 – Raça dos alunos/alunas UFPB

| Curso        | Raça    |          |        |         |          |           |       |        |       |        |       |        |       |  |
|--------------|---------|----------|--------|---------|----------|-----------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--|
|              | Anarela | %Anarela | Branca | %Branca | Indígena | %Indígena | Negra | %Negra | Outra | %Outra | Parda | %Parda | Total |  |
| Ed. Física   | 42      | 4,2%     | 557    | 55,3%   | 23       | 2,3%      | 68    | 6,8%   | 1     | 0,1%   | 316   | 31,4%  | 1007  |  |
| Enfermagem   | 46      | 4,1%     | 624    | 55,4%   | 7        | 0,6%      | 35    | 3,1%   | 0     | 0,0%   | 415   | 36,8%  | 1127  |  |
| Farmácia     | 36      | 2,6%     | 946    | 68,0%   | 23       | 1,7%      | 44    | 3,2%   | 2     | 0,1%   | 341   | 24,5%  | 1392  |  |
| Fisioterapia | 22      | 3,9%     | 348    | 62,5%   | 4        | 0,7%      | 22    | 3,9%   | 1     | 0,2%   | 160   | 28,7%  | 557   |  |
| Medicina     | 11      | 1,6%     | 474    | 68,1%   | 2        | 0,3%      | 11    | 1,6%   | 2     | 0,3%   | 196   | 28,2%  | 696   |  |
| Nutrição     | 24      | 3,6%     | 432    | 64,4%   | 5        | 0,7%      | 17    | 2,5%   | 0     | 0,0%   | 193   | 28,8%  | 671   |  |
| Odontologia  | 35      | 4,6%     | 503    | 65,4%   | 0        | 0,0%      | 14    | 1,8%   | 0     | 0,0%   | 217   | 28,2%  | 769   |  |
| Total        | 216     | 3,5%     | 3884   | 62,5%   | 64       | 1,0%      | 211   | 3,4%   | 6     | 0,1%   | 1838  | 29,6%  | 6219  |  |

Fonte: tabela gerada a partir de dados fornecidos pela PRG da UFPB, 2012.

Tabela 2 – Raça dos alunos/alunas UEPB

| Curso        | Raça    |        |          |       |       |                  | Total<br>declarado | % Total<br>declarado | Não dispõe<br>da<br>informação | % não<br>dispõe da<br>informação | Total de<br>matriculas |
|--------------|---------|--------|----------|-------|-------|------------------|--------------------|----------------------|--------------------------------|----------------------------------|------------------------|
|              | Amarela | Branca | Indígena | Parda | Preta | Não<br>declarado |                    |                      |                                |                                  |                        |
| Educação     |         |        |          |       |       |                  |                    |                      |                                |                                  |                        |
| Física       | 525     | 1792   | 126      | 3668  | 420   | 70               | 6601               | 17,57 %              | 30968                          | 82,43 %                          | 37569                  |
| Enfermagem   | 175     | 2002   | 42       | 3164  | 126   | 98               | 5607               | 14,17 %              | 33957                          | 85,83 %                          | 39564                  |
| Farmácia     | 660     | 2904   | 72       | 4176  | 144   | 72               | 8028               | 9,49 %               | 76608                          | 90,51 %                          | 84636                  |
| Fisioterapia | 360     | 1344   | 0        | 2016  | 144   | 54               | 3918               | 12,60 %              | 27174                          | 87,40 %                          | 31092                  |
| Odontologia  | 140     | 784    | 96       | 816   | 84    | 72               | 1992               | 9,57 %               | 18816                          | 90,43 %                          | 20808                  |
| Total        | 1860    | 8826   | 336      | 13840 | 918   | 366              | 26146              | 12,24 %              | 187523                         | 87,76 %                          | 213669                 |

Fonte: tabela gerada a partir de dados fornecidos pela PROEG da UEPB, 2012.

## ANEXOS

### Anexo A – Tabela áreas do conhecimento CAPES



CAPES

FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

#### 10000003

#### CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

#### ÁREA DE AVALIAÇÃO: MATEMÁTICA / PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA

##### 10100008

##### MATEMÁTICA

|          |  |
|----------|--|
| 10101004 | ALGEBRA  |
| 10101012 | CONJUNTOS  |
| 10101020 | LÓGICA MATEMÁTICA                                  |
| 10101039 | TEORIA DOS NÚMEROS                                 |
| 10101047 | GRUPO DE ÁLGEBRA NÃO-COMUTATIVA                    |
| 10101055 | ÁLGEBRA COMUTATIVA                                 |
| 10101063 | GEOMETRIA ALGÉBRICA                                |
| 10102000 | ANÁLISE  |
| 10102019 | ANÁLISE COMPLEXA                                   |
| 10102027 | ANÁLISE FUNCIONAL                                  |
| 10102035 | ANÁLISE FUNCIONAL NÃO-LINEAR                       |
| 10102043 | EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS                   |
| 10102051 | EQUAÇÕES DIFERENCIAIS PARCIAIS                     |
| 10102060 | EQUAÇÕES DIFERENCIAIS FUNCIONAIS                   |
| 10103007 | GEOMETRIA E TOPOLOGIA                              |
| 10103015 | GEOMETRIA DIFERENCIAL                              |
| 10103023 | TOPOLOGIA ALGÉBRICA                                |
| 10103031 | TOPOLOGIA DAS VARIEDADES                           |
| 10103040 | SISTEMAS DINÂMICOS                                 |
| 10103058 | TEORIA DAS SINGULARIDADES E TEORIA DAS CATÁSTROFES |
| 10103066 | TEORIA DAS FOLHEAÇÕES                              |
| 10104003 | MATEMÁTICA APLICADA                                |
| 10104011 | FÍSICA MATEMÁTICA                                  |
| 10104020 | ANÁLISE NUMÉRICA                                   |
| 10104038 | MATEMÁTICA DISCRETA E COMBINATÓRIA                 |

##### 10200002

##### PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA

|          |   |
|----------|---|
| 10201017 | TEORIA GERAL E FUNDAMENTOS DA PROBABILIDADE |
| 10201025 | TEORIA GERAL E PROCESSOS ESTOCÁSTICOS       |
| 10201033 | TEOREMAS DE LIMITE                          |
| 10201041 | PROCESSOS MARKOVIANOS                       |
| 10201050 | ANÁLISE ESTOCÁSTICA                         |
| 10201068 | PROCESSOS ESTOCÁSTICOS ESPECIAIS            |
| 10202005 | ESTATÍSTICA                                 |
| 10202013 | FUNDAMENTOS DA ESTATÍSTICA                  |
| 10202021 | INFERÊNCIA PARAMÉTRICA                      |
| 10202030 | INFERÊNCIA NÃO-PARAMÉTRICA                  |
| 10202048 | INFERÊNCIA EM PROCESSOS ESTOCÁSTICOS        |

|          |                                       |
|----------|---------------------------------------|
| 10202056 | ANÁLISE MULTIVARIADA                  |
| 10202064 | REGRESSÃO E CORRELAÇÃO                |
| 10202072 | PLANEJAMENTO DE EXPERIMENTOS          |
| 10202080 | ANÁLISE DE DADOS                      |
| 10203001 | PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA APLICADAS |

### ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

#### 10300007

#### CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

|          |  |
|----------|--|
| 10301003 | TEORIA DA COMPUTAÇÃO                               |
| 10301011 | COMPUTABILIDADE E MODELOS DE COMPUTAÇÃO            |
| 10301020 | LINGUAGEM FORMAIS E AUTÔMATOS                      |
| 10301038 | ANÁLISE DE ALGORÍTMOS E COMPLEXIDADE DE COMPUTAÇÃO |
| 10301046 | LÓGICAS E SEMÂNTICA DE PROGRAMAS                   |
| 10302000 | MATEMÁTICA DA COMPUTAÇÃO                           |
| 10302018 | MATEMÁTICA SIMBÓLICA                               |
| 10302026 | MODELOS ANALÍTICOS E DE SIMULAÇÃO                  |
| 10303006 | METODOLOGIA E TÉCNICAS DA COMPUTAÇÃO               |
| 10303014 | LINGUAGENS DE PROGRAMAÇÃO                          |
| 10303022 | ENGENHARIA DE SOFTWARE                             |
| 10303030 | BANCO DE DADOS                                     |
| 10303049 | SISTEMAS DE INFORMAÇÃO                             |
| 10303057 | PROCESSAMENTO GRÁFICO (GRAPHICS)                   |
| 10304002 | SISTEMA DE COMPUTAÇÃO                              |
| 10304010 | HARDWARE   |
| 10304029 | ARQUITETURA DE SISTEMAS DE COMPUTAÇÃO              |
| 10304037 | SOFTWARE BÁSICO                                    |
| 10304045 | TELEINFORMÁTICA                                    |

### ÁREA DE AVALIAÇÃO: ASTRONOMIA / FÍSICA

#### 10400001

#### ASTRONOMIA

|          |  |
|----------|--|
| 10401008 | ASTRONOMIA DE POSIÇÃO E MECÂNICA CELESTE |
| 10401016 | ASTRONOMIA FUNDAMENTAL                   |
| 10401024 | ASTRONOMIA DINÂMICA                      |
| 10402004 | ASTROFÍSICA ESTELAR                      |
| 10403000 | ASTROFÍSICA DO MEIO INTERESTELAR         |
| 10403019 | MEIO INTERESTELAR                        |
| 10403027 | NEBULOSA                                 |
| 10404007 | ASTROFÍSICA EXTRAGALÁTICA                |
| 10404015 | GALÁXIAS                                 |
| 10404023 | AGLOMERADOS DE GALÁXIAS                  |
| 10404031 | QUASARES                                 |
| 10404040 | COSMOLOGIA                               |
| 10405003 | ASTROFÍSICA DO SISTEMA SOLAR             |
| 10405011 | FÍSICA SOLAR                             |
| 10405020 | MOVIMENTO DA TERRA                       |
| 10405038 | SISTEMA PLANETÁRIO                       |
| 10406000 | INSTRUMENTAÇÃO ASTRONÔMICA               |
| 10406018 | ASTRONOMIA ÓTICA                         |
| 10406026 | RADIOASTRONOMIA                          |
| 10406034 | ASTRONOMIA ESPACIAL                      |
| 10406042 | PROCESSAMENTO DE DADOS ASTRONÔMICOS      |

| <b>10500006</b> | <b>FÍSICA</b>  |
|-----------------|--|
| 10501002        | FÍSICA GERAL   |
| 10501010        | MÉTODOS MATEMÁTICOS DA FÍSICA                                |
| 10501029        | FÍSICA CLÁSSICA E FÍSICA QUÂNTICA; MECÂNICA E CAMPOS         |
| 10501037        | RELATIVIDADE E GRAVITAÇÃO                                    |
| 10501045        | FÍSICA ESTATÍSTICA E TERMODINÂMICA                           |
| 10501053        | METROLOGIA, TECN. GER. DE LAB. E SIST. DE INSTRUMENTAÇÃO     |
| 10501061        | INSTRUMENTAÇÃO ESPECÍFICA DE USO GERAL EM FÍSICA             |
| 10502009        | ÁREAS CLÁSSICAS DE FENOMENOLOGIA E SUAS APLICAÇÕES           |
| 10502017        | ELETRICIDADE E MAGNETISMO; CAMPOS E PARTÍCULAS CARREGADAS    |
| 10502025        | ÓTICA  |
| 10502033        | ACÚSTICA   |
| 10502041        | TRANSFERÊNCIA DE CALOR; PROCESSOS TÉRMICOS E TERMODINÂMICOS  |
| 10502050        | MECÂNICA, ELASTICIDADE E REOLOGIA                            |
| 10502068        | DINÂMICA DOS FLUIDOS   |
| 10503005        | FÍSICA DAS PARTÍCULAS ELEMENTARES E CAMPOS                   |
| 10503013        | TEORIA GERAL DE PARTÍCULAS E CAMPOS                          |
| 10503021        | TEOR.ESP.E MOD.DE INTERAÇÃO; SIST.DE PARTÍCULAS; R.CÓSMICOS  |
| 10503030        | REAÇÕES ESPECÍFICAS E FENOMIOLOGIA DE PARTÍCULAS             |
| 10503048        | PROPRIEDADES DE PARTÍCULAS ESPECÍFICAS E RESSONÂNCIAS        |
| 10504001        | FÍSICA NUCLEAR   |
| 10504010        | ESTRUTURA NUCLEAR  |
| 10504028        | DESINTEGRAÇÃO NUCLEAR E RADIOATIVIDADE                       |
| 10504036        | REAÇÕES NUCLEARES E ESPALHAMENTO GERAL                       |
| 10504044        | REAÇÕES NUCLEARES E ESPALHAMENTO (REAÇÕES ESPECÍFICAS)       |
| 10504052        | PROPRIEDADES DE NÚCLEOS ESPECÍFICOS                          |
| 10504060        | MET.EXPER.E INSTRUMENT.PARA PART.ELEMENT.E FÍSICA NUCLEAR    |
| 10505008        | FÍSICA ATÔMICA E MOLECULAR                                   |
| 10505016        | ESTRUTURA ELETRÔNICA DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS; TEORIA           |
| 10505024        | ESPECTROS ATÔMICOS E INTEGRAÇÃO DE FÓTONS                    |
| 10505032        | ESPECTROS MOLECUL. E INTERAÇÕES DE FÓTONS COM MOLÉCULAS      |
| 10505040        | PROCESSOS DE COLISÃO E INTERAÇÕES DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS      |
| 10505059        | INF.SOB.ATOM.E MOL.OBIT.EXPERIMENTALMENTE; INST.E TÉCNICAS   |
| 10505067        | ESTUDOS DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS ESPECIAIS                      |
| 10506004        | FÍSICA DOS FLÚIDOS, FÍSICA DE PLASMAS E DESCARGAS ELÉTRICAS  |
| 10506012        | CINÉTICA E TEOR.DE TRANSP.DE FLÚIDOS; PROPRIED.FIS.DE GASES  |
| 10506020        | FÍSICA DE PLASMAS E DESCARGAS ELÉTRICAS                      |
| 10507000        | FÍSICA DA MATÉRIA CONDENSADA                                 |
| 10507019        | ESTRUTURA DE LÍQUIDOS E SÓLIDOS; CRISTALOGRAFIA              |
| 10507027        | PROPRIEDADES MECÂNICAS E ACÚSTICAS DA MATÉRIA CONDENSADA     |
| 10507035        | DINÂMICA DA REDE E ESTATÍSTICA DE CRISTAIS                   |
| 10507043        | EQUAÇÃO DE ESTADO, EQUILIB. DE FASES E TRANSIÇÕES DE FASES   |
| 10507051        | PROPRIEDADES TÉRMICAS DA MATÉRIA CONDENSADA                  |
| 10507060        | PROPRIEDADES DE TRANSP.DE MATÉRIA COND. (NÃO ELETRÔNICAS)    |
| 10507078        | CAMPOS QUÂNTICOS E SÓLIDOS, HÉLIO, LÍQUIDO, SÓLIDO           |
| 10507086        | SUPERFÍCIES E INTERFACES; PELÍCULAS E FILAMENTOS             |
| 10507094        | ESTADOS ELETRÔNICOS  |
| 10507108        | TRANSP.ELETR.E PROPR.ELET.DE SUPERFÍCIES; INTERF.E PELÍCULAS |
| 10507116        | ESTRUT.ELETR.E PROPR.ELET.DE SUPERFÍCIES; INTERF.E PELÍCULAS |
| 10507124        | SUPERCONDUTIVIDADE   |
| 10507132        | MATERIAIS MAGNÉTICOS E PROPRIEDADES MAGNÉTICAS               |

|          |  |
|----------|--|
| 10507140 | RESS.MAGN. REL.MAT.COND.; EFEIT.MOSBAUER; CORR.ANG.PERTUBADA |
| 10507159 | MATERIAIS DIELÉTRICOS E PROPRIEDADES DIELÉTRICAS             |
| 10507167 | PROP.OTIC.E ESPEC.MATR.COND.; OUTRAS INTER.MAT.COM RAD.PART. |
| 10507175 | EMIÇÃO ELETRON.E IÔNICA POR LIQ.E SÓLIDOS; FENOM.DE IMPACTO  |

### ÁREA DE AVALIAÇÃO: QUÍMICA

#### 10600000

#### QUÍMICA

|          |   |
|----------|---|
| 10601007 | QUÍMICA ORGÂNICA                                    |
| 10601015 | ESTRUTURA, CONFORMAÇÃO E ESTEREOQUÍMICA             |
| 10601023 | SÍNTESE ORGÂNICA                                    |
| 10601031 | FÍSICO-QUÍMICA ORGÂNICA                             |
| 10601040 | FOTOQUÍMICA ORGÂNICA                                |
| 10601058 | QUÍMICA DOS PRODUTOS NATURAIS                       |
| 10601066 | EVOLUÇÃO, SISTEMÁTICA E ECOLOGIA QUÍMICA            |
| 10601074 | POLÍMEROS E COLÓIDES                                |
| 10602003 | QUÍMICA INORGÂNICA                                  |
| 10602011 | CAMPOS DE COORDENAÇÃO                               |
| 10602020 | NÃO-METAIS E SEUS COMPOSTOS                         |
| 10602038 | COMPOSTOS ORGANO-METÁLICOS                          |
| 10602046 | DETERMINAÇÃO DE ESTRUTURAS DE COMPOSTOS INORGÂNICOS |
| 10602054 | FOTO-QUÍMICA INORGÂNICA                             |
| 10602062 | FÍSICO QUÍMICA INORGÂNICA                           |
| 10602070 | QUÍMICA BIO-INORGÂNICA                              |
| 10603000 | FÍSICO-QUÍMICA                                      |
| 10603018 | CINÉTICA QUÍMICA E CATALISE                         |
| 10603026 | ELETROQUÍMICA                                       |
| 10603034 | ESPECTROSCOPIA                                      |
| 10603042 | QUÍMICA DE INTERFACES                               |
| 10603050 | QUÍMICA DO ESTADO CONDENSADO                        |
| 10603069 | QUÍMICA NÚCLEAR E RADIOQUÍMICA                      |
| 10603077 | QUÍMICA TEÓRICA                                     |
| 10603085 | TERMODINÂMICA QUÍMICA                               |
| 10604006 | QUÍMICA ANALÍTICA                                   |
| 10604014 | SEPARAÇÃO   |
| 10604022 | MÉTODOS ÓTICOS DE ANÁLISE                           |
| 10604030 | ELETROANALÍTICA                                     |
| 10604049 | GRAVIMETRIA   |
| 10604057 | TITIMETRIA  |
| 10604065 | INSTRUMENTAÇÃO ANALÍTICA                            |
| 10604073 | ANÁLISE DE TRAÇOS E QUÍMICA AMBIENTAL               |

### ÁREA DE AVALIAÇÃO: GEOCIÊNCIAS

#### 10700005

#### GEOCIÊNCIAS

|          |                       |
|----------|-----------------------|
| 10701001 | GEOLOGIA              |
| 10701010 | MINERALOGIA           |
| 10701028 | PETROLOGIA            |
| 10701036 | GEOQUÍMICA            |
| 10701044 | GEOLOGIA REGIONAL     |
| 10701052 | GEOTECTÔNICA          |
| 10701060 | GEOCRONOLOGIA         |
| 10701079 | CARTOGRAFIA GEOLÓGICA |



|          |   |
|----------|---|
| 10701087 | METALOGENIA   |
| 10701095 | HIDROGEOLOGIA   |
| 10701109 | PROSPECÇÃO MINERAL                                    |
| 10701117 | SEDIMENTOLOGIA  |
| 10701125 | PALEONTOLOGIA ESTRATIGRÁFICA                          |
| 10701133 | ESTRATIGRAFIA   |
| 10701141 | GEOLOGIA AMBIENTAL                                    |
| 10702008 | GEOFÍSICA   |
| 10702016 | GEOMAGNETISMO   |
| 10702024 | SISMOLOGIA  |
| 10702032 | GEOTERMIA E FLUXO TÉRMICO                             |
| 10702040 | PROPRIEDADES FÍSICAS DAS ROCHAS                       |
| 10702059 | GEOFÍSICA NUCLEAR                                     |
| 10702067 | SENSORIAMENTO REMOTO                                  |
| 10702075 | AERONOMIA   |
| 10702083 | DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTAÇÃO GEOFÍSICA           |
| 10702091 | GEOFÍSICA APLICADA                                    |
| 10702105 | GRAVIMETRIA   |
| 10703004 | METEOROLOGIA  |
| 10703012 | METEOROLOGIA DINÂMICA                                 |
| 10703020 | METEOROLOGIA SINÓTICA                                 |
| 10703039 | METEOROLOGIA FÍSICA                                   |
| 10703047 | QUÍMICA DA ATMOSFERA                                  |
| 10703055 | INSTRUMENTAÇÃO METEOROLÓGICA                          |
| 10703063 | CLIMATOLOGIA  |
| 10703071 | MICROMETEOROLOGIA                                     |
| 10703080 | SENSORIAMENTO REMOTO DA ATMOSFERA                     |
| 10703098 | METEOROLOGIA APLICADA                                 |
| 10704000 | GEODÉSIA  |
| 10704019 | GEODÉSIA FÍSICA                                       |
| 10704027 | GEODÉSIA GEOMÉTRICA                                   |
| 10704035 | GEODÉSIA CELESTE                                      |
| 10704043 | FOTOGRAFIA BÁSICA                                     |
| 10704051 | CARTOGRAFIA BÁSICA                                    |
| 10705007 | GEOGRAFIA FÍSICA                                      |
| 10705015 | GEOMORFOLOGIA   |
| 10705023 | CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA                               |
| 10705031 | PEDOLOGIA   |
| 10705040 | HIDROGEOGRAFIA  |
| 10705058 | GEOECOLOGIA   |
| 10705066 | FOTOGEOGRAFIA (FÍSICO-ECOLÓGICA)                      |
| 10705074 | GEOCARTOGRAFIA  |
| 10802002 | OCEANOGRAFIA FÍSICA                                   |
| 10802010 | VARIÁVEIS FÍSICAS DA ÁGUA DO MAR                      |
| 10802029 | MOVIMENTO DA ÁGUA DO MAR                              |
| 10802037 | ORIGEM DAS MASSAS DE ÁGUA                             |
| 10802045 | INTERAÇÃO DO OCEANO COM O LEITO DO MAR                |
| 10802053 | INTERAÇÃO DO OCEANO COM A ATMOSFERA                   |
| 10803009 | OCEANOGRAFIA QUÍMICA                                  |
| 10803017 | PROPRIEDADES QUÍMICAS DA ÁGUA DO MAR                  |
| 10803025 | INTER.QUÍM.-BIOL./GEOL.DAS SUBST. QUÍM.DA ÁGUA DO MAR |
| 10804005 | OCEANOGRAFIA GEOLÓGICA                                |

|          |                         |
|----------|-------------------------|
| 10804013 | GEOMORFOLOGIA SUBMARINA |
| 10804021 | SEDIMENTOLOGIA MARINHA  |
| 10804030 | GEOFÍSICA MARINHA       |
| 10804048 | GEOQUÍMICA MARINHA      |

**20000006****CIÊNCIAS BIOLÓGICAS****ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I****10800000****OCEANOGRAFIA**

|          |  |
|----------|--|
| 10801006 | OCEANOGRAFIA BIOLÓGICA                                   |
| 10801014 | INTER.ENTRE OS ORGAN.MARINHOS E OS PARÂMETROS AMBIENTAIS |

**20100000****BIOLOGIA GERAL****20200005****GENÉTICA**

|          |   |
|----------|---|
| 20201001 | GENÉTICA QUANTITATIVA                   |
| 20202008 | GENÉTICA MOLECULAR E DE MICROORGANISMOS |
| 20203004 | GENÉTICA VEGETAL                        |
| 20204000 | GENÉTICA ANIMAL                         |
| 20205007 | GENÉTICA HUMANA E MÉDICA                |
| 20206003 | MUTAGENESE                              |

**20300000****BOTÂNICA**

|          |                                |
|----------|--------------------------------|
| 20301006 | PALEOBOTÂNICA                  |
| 20302002 | MORFOLOGIA VEGETAL             |
| 20302010 | MORFOLOGIA EXTERNA             |
| 20302029 | CITOLOGIA VEGETAL              |
| 20302037 | ANATOMIA VEGETAL               |
| 20302045 | PALINOLOGIA                    |
| 20303009 | FISIOLOGIA VEGETAL             |
| 20303017 | NUTRIÇÃO E CRESCIMENTO VEGETAL |
| 20303025 | REPRODUÇÃO VEGETAL             |
| 20303033 | ECOFISIOLOGIA VEGETAL          |
| 20304005 | TAXONOMIA VEGETAL              |
| 20304013 | TAXONOMIA DE CRIPTÓGAMOS       |
| 20304021 | TAXONOMIA DE FANEROGAMOS       |
| 20305001 | FITOGEOGRAFIA                  |
| 20306008 | BOTÂNICA APLICADA              |

**20400004****ZOOLOGIA**

|          |                                  |
|----------|----------------------------------|
| 20401000 | PALEOZOOLOGIA                    |
| 20402007 | MORFOLOGIA DOS GRUPOS RECENTES   |
| 20403003 | FISIOLOGIA DOS GRUPOS RECENTES   |
| 20404000 | COMPORTAMENTO ANIMAL             |
| 20405006 | TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES    |
| 20406002 | ZOOLOGIA APLICADA                |
| 20406010 | CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES ANIMAIS |
| 20406029 | UTILIZAÇÃO DOS ANIMAIS           |
| 20406037 | CONTROLE POPULACIONAL DE ANIMAIS |

## ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II

### **20600003 MORFOLOGIA**

|          |                              |
|----------|------------------------------|
| 20601000 | CITOLOGIA E BIOLOGIA CELULAR |
| 20602006 | EMBRIOLOGIA                  |
| 20603002 | HISTOLOGIA                   |
| 20604009 | ANATOMIA                     |
| 20604017 | ANATOMIA HUMANA              |
| 20604025 | ANATOMIA ANIMAL              |

### **20700008 FISIOLOGIA**

|          |                                  |
|----------|----------------------------------|
| 20701004 | FISIOLOGIA GERAL                 |
| 20702000 | FISIOLOGIA DOS ÓRGÃOS E SISTEMAS |
| 20702019 | NEUROFISIOLOGIA                  |
| 20702027 | FISIOLOGIA CARDIOVASCULAR        |
| 20702035 | FISIOLOGIA DA RESPIRAÇÃO         |
| 20702043 | FISIOLOGIA RENAL                 |
| 20702051 | FISIOLOGIA ENDÓCRINA             |
| 20702060 | FISIOLOGIA DA DIGESTÃO           |
| 20702078 | CINESIOLOGIA                     |
| 20703007 | FISIOLOGIA DO ESFORÇO            |
| 20704003 | FISIOLOGIA COMPARADA             |

### **20800002 BIOQUÍMICA**

|          |                                |
|----------|--------------------------------|
| 20801009 | QUÍMICA DE MACROMOLÉCULAS      |
| 20801017 | PROTEÍNAS                      |
| 20801025 | LIPÍDEOS                       |
| 20801033 | GLICÍDEOS                      |
| 20802005 | BIOQUÍMICA DOS MICROORGANISMOS |
| 20803001 | METABOLISMO E BIOENERGÉTICA    |
| 20804008 | BIOLOGIA MOLECULAR             |
| 20805004 | ENZIMOLOGIA                    |

### **20900007 BIOFÍSICA**

|          |                                   |
|----------|-----------------------------------|
| 20901003 | BIOFÍSICA MOLECULAR               |
| 20902000 | BIOFÍSICA CELULAR                 |
| 20903006 | BIOFÍSICA DE PROCESSOS E SISTEMAS |
| 20904002 | RADIOLOGIA E FOTOBIOLOGIA         |

### **21000000 FARMACOLOGIA**

|          |                                     |
|----------|-------------------------------------|
| 21001006 | FARMACOLOGIA GERAL                  |
| 21001014 | FARMACOCINÉTICA                     |
| 21001022 | BIODISPONIBILIDADE                  |
| 21002002 | FARMACOLOGIA AUTÔNOMICA             |
| 21003009 | NEUROPSICOFARMACOLOGIA              |
| 21004005 | FARMACOLOGIA CARDIORENAL            |
| 21005001 | FARMACOLOGIA BIOQUÍMICA E MOLECULAR |
| 21006008 | ETNOFARMACOLOGIA                    |
| 21007004 | TOXICOLOGIA                         |
| 21008000 | FARMACOLOGIA CLÍNICA                |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS III****21100004****IMUNOLOGIA**

|          |                     |
|----------|---------------------|
| 21101000 | IMUNOQUÍMICA        |
| 21102007 | IMUNOLOGIA CELULAR  |
| 21103003 | IMUNOGENÉTICA       |
| 21104000 | IMUNOLOGIA APLICADA |

**21200009****MICROBIOLOGIA**

|          |   |
|----------|---|
| 21201005 | BIOLOGIA E FISILOGIA DOS MICROORGANISMOS  |
| 21201013 | VIROLOGIA                                 |
| 21201021 | BACTEROLOGIA                              |
| 21201030 | MICOLOGIA                                 |
| 21202001 | MICROBIOLOGIA APLICADA                    |
| 21202010 | MICROBIOLOGIA MÉDICA                      |
| 21202028 | MICROBIOLOGIA INDUSTRIAL E DE FERMENTAÇÃO |

**21300003****PARASITOLOGIA**

|          |  |
|----------|--|
| 21301000 | PROTOZOOLOGIA DE PARASITOS                       |
| 21301018 | PROTOZOOLOGIA PARASITÁRIA HUMANA                 |
| 21301026 | PROTOZOOLOGIA PARASITÁRIA ANIMAL                 |
| 21302006 | HELMINTOLOGIA DE PARASITOS                       |
| 21302014 | HELMINTOLOGIA HUMANA                             |
| 21302022 | HELMINTOLOGIA ANIMAL                             |
| 21303002 | ENTOMOLOGIA E MALACOLOGIA DE PARASITOS E VETORES |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE****20500009****ECOLOGIA**

|          |                         |
|----------|-------------------------|
| 20501005 | ECOLOGIA TEÓRICA        |
| 20502001 | ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS |
| 20503008 | ECOLOGIA APLICADA       |

**30000009****ENGENHARIAS****ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS I****30100003****ENGENHARIA CIVIL**

|          |  |
|----------|--|
| 30101000 | CONSTRUÇÃO CIVIL                               |
| 30101018 | MATERIAIS E COMPONENTES DE CONSTRUÇÃO          |
| 30101026 | PROCESSOS CONSTRUTIVOS                         |
| 30101034 | INSTALAÇÕES PREDIAIS                           |
| 30102006 | ESTRUTURAS                                     |
| 30102014 | ESTRUTURAS DE CONCRETO                         |
| 30102022 | ESTRUTURAS DE MADEIRAS                         |
| 30102030 | ESTRUTURAS METÁLICAS                           |
| 30102049 | MECÂNICA DAS ESTRUTURAS                        |
| 30103002 | GEOTÉCNICA                                     |
| 30103010 | FUNDAÇÕES E ESCAVAÇÕES                         |
| 30103029 | MECÂNICAS DAS ROCHAS                           |
| 30103037 | MECÂNICA DOS SOLOS                             |
| 30103045 | OBRAS DE TERRA E ENROCAMENTO                   |
| 30103053 | PAVIMENTOS                                     |
| 30104009 | ENGENHARIA HIDRÁULICA                          |
| 30104017 | HIDRÁULICA                                     |
| 30104025 | HIDROLOGIA                                     |
| 30105005 | INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTES                 |
| 30105013 | AEROPORTOS; PROJETO E CONSTRUÇÃO               |
| 30105021 | FERROVIAS; PROJETOS E CONSTRUÇÃO               |
| 30105030 | PORTOS E VIAS NAVEGÁVEIS; PROJETO E CONSTRUÇÃO |
| 30105048 | RODOVIAS; PROJETO E CONSTRUÇÃO                 |

**30700000****ENGENHARIA SANITÁRIA**

|          |  |
|----------|--|
| 30701007 | RECURSOS HÍDRICOS                                  |
| 30701015 | PLANEJAMENTO INTEGRADO DOS RECURSOS HÍDRICOS       |
| 30701023 | TECNOLOGIA E PROBLEMAS SANITÁRIOS DE IRRIGAÇÃO     |
| 30701031 | ÁGUAS SUBTERRÂNEAS E POÇOS PROFUNDOS               |
| 30701040 | CONTROLE DE ENCHENTES E DE BARRAGENS               |
| 30701058 | SEDIMENTOLOGIA                                     |
| 30702003 | TRATAMENTO DE ÁGUAS DE ABASTECIMENTO E RESIDUÁRIAS |
| 30702011 | QUÍMICA SANITÁRIA                                  |
| 30702020 | PROCESSOS SIMPLIFICADOS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS     |
| 30702038 | TÉCNICAS CONVENCIONAIS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS      |
| 30702046 | TÉCNICAS AVANÇADAS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS          |

|          |   |
|----------|---|
| 30702054 | ESTUDOS E CARACTERIZAÇÃO DE EFLUENTES INDUSTRIAIS |
| 30702062 | LAY OUT DE PROCESSOS INDUSTRIAIS                  |
| 30702070 | RESÍDUOS RADIOATIVOS                              |
| 30702078 | TÉCNICAS CONVENCIONAIS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS     |
| 30703000 | SANEAMENTO BÁSICO                                 |
| 30703018 | TÉCNICAS DE ABASTECIMENTO DA ÁGUA                 |
| 30703026 | DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUÁRIAS                     |
| 30703034 | DRENAGEM URBANA DE ÁGUAS PLUVIAIS                 |
| 30703042 | RESÍDUOS SÓLIDOS, DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS        |
| 30703050 | LIMPEZA PÚBLICA                                   |
| 30703069 | INSTALAÇÕES HIDRÁULICO-SANITÁRIAS                 |
| 30704006 | SANEAMENTO AMBIENTAL                              |
| 30704014 | ECOLOGIA APLICADA À ENGENHARIA SANITÁRIA          |
| 30704022 | MICROBIOLOGIA APLICADA E ENGENHARIA SANITÁRIA     |
| 30704030 | PARASITOLOGIA APLICADA À ENGENHARIA SANITÁRIA     |
| 30704049 | QUALIDADE DO AR, DAS ÁGUAS E DO SOLO              |
| 30704057 | CONTROLE DA POLUIÇÃO                              |
| 30704065 | LEGISLAÇÃO AMBIENTAL                              |

**31000002****ENGENHARIA DE TRANSPORTES**

|          |   |
|----------|---|
| 31001009 | PLANEJAMENTO DE TRANSPORTES                         |
| 31001017 | PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE TRANSPORTE |
| 31001025 | ECONOMIA DOS TRANSPORTES                            |
| 31002005 | VEÍCULOS E EQUIPAMENTOS DE CONTROLE                 |
| 31002013 | VIAS DE TRANSPORTE                                  |
| 31002021 | VEÍCULOS DE TRANSPORTES                             |
| 31002030 | ESTAÇÃO DE TRANSPORTE                               |
| 31002048 | EQUIPAMENTOS AUXILIARES E CONTROLES                 |
| 31003001 | OPERAÇÕES DE TRANSPORTES                            |
| 31003010 | ENGENHARIA DE TRÁFEGO                               |
| 31003028 | CAPACIDADE DE VIAS DE TRANSPORTE                    |
| 31003036 | OPERAÇÃO DE SISTEMAS DE TRANSPORTE                  |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS II****30200008****ENGENHARIA DE MINAS**

|          |   |
|----------|---|
| 30201004 | PESQUISA MINERAL                                      |
| 30201012 | CARACTERIZAÇÃO DO MINÉRIO                             |
| 30201020 | DIMENSIONAMENTO DE JAZIDAS                            |
| 30202000 | LAVRA   |
| 30202019 | LAVRA A CÉU ABERTO                                    |
| 30202027 | LAVRA DE MINA SUBTERRÂNEA                             |
| 30202035 | EQUIPAMENTOS DE LAVRA                                 |
| 30203007 | TRATAMENTO DE MINÉRIOS                                |
| 30203015 | MÉTODOS DE CONCENTRAÇÃO E ENRIQUECIMENTOS DE MINÉRIOS |
| 30203023 | EQUIPAMENTOS DE BENEFICIAMENTO DE MINÉRIOS            |

**30300002****ENGENHARIA DE MATERIAIS E METALÚRGICA**

|          |   |
|----------|---|
| 30301009 | INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS METALÚRGICOS |
| 30301017 | INSTALAÇÕES METALÚRGICAS                |
| 30301025 | EQUIPAMENTOS METALÚRGICOS               |

|          |   |
|----------|---|
| 30302005 | METALURGIA EXTRATIVA                      |
| 30302013 | AGLOMERAÇÃO                               |
| 30302021 | ELETROMETALURGIA                          |
| 30302030 | HIDROMETALURGIA                           |
| 30302048 | PIROMETALURGIA                            |
| 30302056 | TRATAMENTO DE MINÉRIOS                    |
| 30303001 | METALURGIA DE TRANSFORMAÇÃO               |
| 30303010 | CONFORMAÇÃO MECÂNICA                      |
| 30303028 | FUNDIÇÃO                                  |
| 30303036 | METALURGIA DE PÓ                          |
| 30303044 | RECOBRIMENTOS                             |
| 30303052 | SOLDAGEM                                  |
| 30303060 | TRATAMENTO TÉRMICO, MECÂNICOS E QUÍMICOS  |
| 30303079 | USINAGEM                                  |
| 30304008 | METALURGIA FÍSICA                         |
| 30304016 | ESTRUTURA DOS METAIS E LIGAS              |
| 30304024 | PROPRIEDADES FÍSICAS DOS METAIS E LIGAS   |
| 30304032 | PROPRIEDADES MECÂNICAS DOS METAIS E LIGAS |
| 30304040 | TRANSFORMAÇÃO DE FASES                    |
| 30304059 | CORROSÃO                                  |
| 30305004 | MATERIAIS NÃO-METÁLICOS                   |
| 30305012 | EXTRAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE MATERIAIS     |
| 30305020 | CERÂMICOS                                 |
| 30305039 | MATERIAIS CONJUGADOS NÃO-METÁLICOS        |
| 30305047 | POLÍMEROS, APLICAÇÕES                     |

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>30600006</b> | <b>ENGENHARIA QUÍMICA</b>                              |
| 30601002        | PROCESSOS INDUSTRIAIS DE ENGENHARIA QUÍMICA            |
| 30601010        | PROCESSOS BIOQUÍMICOS                                  |
| 30601029        | PROCESSOS ORGÂNICOS                                    |
| 30601037        | PROCESSOS INORGÂNICOS                                  |
| 30602009        | OPERAÇÕES INDUSTRIAIS E EQUIPAMENTOS PARA ENG. QUÍMICA |
| 30602017        | REATORES QUÍMICOS                                      |
| 30602025        | OPERAÇÕES CARACTERÍSTICAS DE PROCESSOS BIOQUÍMICOS     |
| 30602033        | OPERAÇÕES DE SEPARAÇÃO E MISTURA                       |
| 30603005        | TECNOLOGIA QUÍMICA                                     |
| 30603013        | BALANÇOS GLOBAIS DE MATÉRIA E ENERGIA                  |
| 30603021        | ÁGUA   |
| 30603030        | ÁLCOOL   |
| 30603048        | ALIMENTOS  |
| 30603056        | BORRACHAS  |
| 30603064        | CARVÃO   |
| 30603072        | CERÂMICA   |
| 30603080        | CIMENTO  |
| 30603099        | COURO  |
| 30603102        | DETERGENTES  |
| 30603110        | FERTILIZANTES  |
| 30603129        | MEDICAMENTOS   |
| 30603137        | METAIS NÃO-FERROSOS                                    |
| 30603145        | ÓLEOS  |
| 30603153        | PAPEL E CELULOSE                                       |
| 30603161        | PETRÓLEO E PETROQUÍMICA                                |

|          |   |
|----------|---|
| 30603170 | POLÍMEROS                                 |
| 30603188 | PRODUTOS NATURAIS                         |
| 30603196 | TÉXTEIS                                   |
| 30603200 | TRATAMENTOS E APROVEITAMENTOS DE REJEITOS |
| 30603218 | XISTO                                     |

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>30900000</b> | <b>ENGENHARIA NUCLEAR</b>                                  |
| 30901006        | APLICAÇÕES DE RADIOISÓTOPOS                                |
| 30901014        | PRODUÇÃO DE RADIOISÓTOPOS                                  |
| 30901022        | APLICAÇÕES INDUSTRIAIS DE RADIOISÓTOPOS                    |
| 30901030        | INSTRUMENTAÇÃO PARA MEDIDA E CONTROLE DE RADIAÇÃO          |
| 30902002        | FUSÃO CONTROLADA   |
| 30902010        | PROCESSOS INDUSTRIAIS DA FUSÃO CONTROLADA                  |
| 30902029        | PROBLEMAS TECNOLÓGICOS DA FUSÃO CONTROLADA                 |
| 30903009        | COMBUSTÍVEL NÚCLEAR  |
| 30903017        | EXTRAÇÃO DE COMBUSTÍVEL NÚCLEAR                            |
| 30903025        | CONVERSÃO, ENRIQUECIMENTO E FABRICAÇÃO DE COMBUST. NÚCLEAR |
| 30903033        | REPROCESSAMENTO DO COMBUSTÍVEL NÚCLEAR                     |
| 30903041        | REJEITOS DE COMBUSTÍVEL NÚCLEAR                            |
| 30904005        | TECNOLOGIA DOS REATORES                                    |
| 30904013        | NÚCLEO DO REATOR   |
| 30904021        | MATERIAIS NUCLEARES E BLINDAGEM DE REATORES                |
| 30904030        | TRANSFERÊNCIA DE CALOR EM REATORES                         |
| 30904048        | GERAÇÃO E INTEGRAÇÃO COM SISTEMAS ELÉTRICOS EM REATORES    |
| 30904056        | INSTRUMENTAÇÃO PARA OPERAÇÃO E CONTROLE DE REATORES        |
| 30904064        | SEGURANÇA, LOCALIZAÇÃO E LICENCIAMENTO DE REATORES         |
| 30904072        | ASPECTOS ECONÔMICOS DE REATORES                            |

### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS III**

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>30500001</b> | <b>ENGENHARIA MECÂNICA</b>                                  |
| 30501008        | FENÔMENOS DE TRANSPORTES                                    |
| 30501016        | TRANSFERÊNCIA DE CALOR                                      |
| 30501024        | MECÂNICA DOS FLUÍDOS  |
| 30501032        | DINÂMICA DOS GASES  |
| 30501040        | PRINCÍPIOS VARIACIONAIS E MÉTODOS NUMÉRICOS                 |
| 30502004        | ENGENHARIA TÉRMICA  |
| 30502012        | TERMODINÂMICA   |
| 30502020        | CONTROLE AMBIENTAL  |
| 30502039        | APROVEITAMENTO DA ENERGIA                                   |
| 30503000        | MECÂNICA DOS SÓLIDOS  |
| 30503019        | MECÂNICA DOS CORPOS SÓLIDOS, ELÁSTICOS E PLÁSTICOS          |
| 30503027        | DINÂMICA DOS CORPOS RÍGIDOS, ELÁSTICOS E PLÁSTICOS          |
| 30503035        | ANÁLISE DE TENSÕES  |
| 30503043        | TERMOELASTICIDADE   |
| 30504007        | PROJETOS DE MÁQUINAS  |
| 30504015        | TEORIA DOS MECANISMOS                                       |
| 30504023        | ESTÁTICA E DINÂMICA APLICADA                                |
| 30504031        | ELEMENTOS DE MÁQUINAS                                       |
| 30504040        | FUNDAMENTOS GERAIS DE PROJETOS DAS MÁQUINAS                 |
| 30504058        | MÁQUINAS, MOTORES E EQUIPAMENTOS                            |
| 30504066        | MÉTODOS DE SÍNTESE E OTIMIZAÇÃO APLICADOS AO PROJ. MECÂNICO |



30504074 CONTROLE DE SISTEMAS MECÂNICOS  
 30504082 APROVEITAMENTO DE ENERGIA  
 30505003 PROCESSOS DE FABRICAÇÃO  
 30505011 MATRIZES E FERRAMENTAS  
 30505020 MÁQUINAS DE USINAGEM E CONFORMAÇÃO  
 30505038 CONTROLE NUMÉRICO  
 30505046 ROBOTIZAÇÃO  
 30505054 PROCESSOS DE FABRICAÇÃO, SELEÇÃO ECONÔMICA

**30800005** **ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**  
 30801001 GERÊNCIA DE PRODUÇÃO  
 30801010 PLANEJAMENTO DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS  
 30801028 PLANEJAMENTO, PROJETO E CONTROLE DE SIST. DE PRODUÇÃO  
 30801036 HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO  
 30801044 SUPRIMENTOS  
 30801052 GARANTIA DE CONTROLE DE QUALIDADE  
 30802008 PESQUISA OPERACIONAL  
 30802016 PROCESSOS ESTOCÁSTICOS E TEORIAS DAS FILAS  
 30802024 PROGRAMAÇÃO LINEAR, NÃO-LINEAR, MISTA E DINÂMICA  
 30802032 SÉRIES TEMPORAIS  
 30802040 TEORIA DOS GRAFOS  
 30802059 TEORIA DOS JOGOS  
 30803004 ENGENHARIA DO PRODUTO  
 30803012 ERGONOMIA  
 30803020 METODOLOGIA DE PROJETO DO PRODUTO  
 30803039 PROCESSOS DE TRABALHO  
 30803047 GERÊNCIA DO PROJETO E DO PRODUTO  
 30803055 DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO  
 30804000 ENGENHARIA ECONÔMICA  
 30804019 ESTUDO DE MERCADO  
 30804027 LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL  
 30804035 ANÁLISE DE CUSTOS  
 30804043 ECONOMIA DE TECNOLOGIA  
 30804051 VIDA ECONÔMICA DOS EQUIPAMENTOS  
 30804060 AVALIAÇÃO DE PROJETOS

**31100007** **ENGENHARIA NAVAL E OCEÂNICA**  
 31101003 HIDRODINÂMICA DE NAVIOS E SISTEMAS OCEÂNICOS  
 31101011 RESISTÊNCIA HIDRODINÂMICA  
 31101020 PROPULSÃO DE NAVIOS  
 31102000 ESTRUTURAS NAVAIS E OCEÂNICAS  
 31102018 ANÁLISE TEÓRICA E EXPERIMENTAL DE ESTRUTURA  
 31102026 DINÂMICA ESTRUTURAL NAVAL E OCEÂNICA  
 31102034 SÍNTESE ESTRUTURAL NAVAL E OCEÂNICA  
 31103006 MÁQUINAS MARÍTIMAS  
 31103014 ANÁLISE DE SISTEMAS PROPULSORES  
 31103022 CONTROLE E AUTOMAÇÃO DE SISTEMAS PROPULSORES  
 31103030 EQUIPAMENTOS AUXILIARES DO SISTEMA PROPULSIVO  
 31103049 MOTOR DE PROPULSÃO  
 31104002 PROJETOS DE NAVIOS E DE SISTEMAS OCEÂNICOS  
 31104010 PROJETOS DE NAVIOS  
 31104029 PROJETOS DE SISTEMAS OCEÂNICOS FIXOS E SEMI-FIXOS

|          |  |
|----------|--|
| 31104037 | PROJETOS DE EMBARCAÇÕES NÃO-CONVENCIONAIS              |
| 31105009 | TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO NAVAL E DE SISTEMAS OCEÂNICOS |
| 31105017 | MÉTODOS DE FABRICAÇÃO DE NAVIOS E SISTEMAS OCEÂNICOS   |
| 31105025 | SOLDAGEM DE ESTRUTURAS NAVAIS E OCEÂNICOS              |
| 31105033 | CUSTOS DE CONSTRUÇÃO NAVAL                             |
| 31105041 | NORMATIZAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE QUALIDADE DE NAVIOS     |

**31200001** **ENGENHARIA AEROESPACIAL**

|          |  |
|----------|--|
| 31201008 | AERODINÂMICA   |
| 31201016 | AERODINÂMICA DE AERONAVES ESPACIAIS                      |
| 31201024 | AERODINÂMICA DOS PROCESSOS GEOFÍSICOS E INTERPLANETÁRIOS |
| 31202004 | DINÂMICA DE VÔO  |
| 31202012 | TRAJETÓRIAS E ÓRBITAS                                    |
| 31202020 | ESTABILIDADE E CONTROLE                                  |
| 31203000 | ESTRUTURAS AEROESPACIAIS                                 |
| 31203019 | AEROELASTICIDADE   |
| 31203027 | FADIGA   |
| 31203035 | PROJETOS DE ESTRUTURAS AEROESPACIAIS                     |
| 31204007 | MATERIAIS E PROCESSOS P/ENGENHARIA AERON. E AEROESPACIAL |
| 31205003 | PROPULSÃO AEROESPACIAL                                   |
| 31205011 | COMBUSTÃO E ESCOAMENTO COM REAÇÕES QUÍMICAS              |
| 31205020 | PROPULSÃO DE FOGUTES                                     |
| 31205038 | MÁQUINAS DE FLUXO  |
| 31205046 | MOTORES ALTERNATIVOS                                     |
| 31206000 | SISTEMAS AEROESPACIAIS                                   |
| 31206018 | AVIÕES   |
| 31206026 | FOGUETES   |
| 31206034 | HELICÓPTEROS   |
| 31206042 | HOVERCRAFT   |
| 31206050 | SATÉLITES E OUTROS DISPOSITIVOS AEROESPACIAIS            |
| 31206069 | NORMATIZAÇÃO E CERT. DE QUAL. DE AERONAVES E COMPONENTES |
| 31206077 | MANUTENÇÃO DE SISTEMAS AEROESPACIAIS                     |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENGENHARIAS IV**

30400007 **ENGENHARIA ELÉTRICA**

|          |   |
|----------|---|
| 30401003 | MATERIAIS ELÉTRICOS   |
| 30401011 | MATERIAIS CONDUTORES  |
| 30401020 | MATERIAIS E COMPONENTES SEMICONDUTORES                      |
| 30401038 | MATERIAIS E DISPOSITIVOS SUPERCONDUTORES                    |
| 30401046 | MATERIAIS DIELÉTRICOS, PIESOELÉTRICOS E FERROELÉTRICOS      |
| 30401054 | MAT. E COMP. ELETROÓTICOS E MAGNET., MAT. FOTOELÉTRICOS     |
| 30401062 | MATERIAIS E DISPOSITIVOS MAGNÉTICOS                         |
| 30402000 | MEDIDAS ELÉTRICAS, MAGNÉTICAS E ELETRÔNICAS; INSTRUMENTAÇÃO |
| 30402018 | MEDIDAS ELÉTRICAS   |
| 30402026 | MEDIDAS MAGNÉTICAS  |
| 30402034 | INSTRUMENTAÇÃO ELETROMECAÂNICA                              |
| 30402042 | INSTRUMENTAÇÃO ELETRÔNICA                                   |
| 30402050 | SISTEMAS ELETRÔNICOS DE MEDIDAS E DE CONTROLE               |
| 30403006 | CIRCUITOS ELÉTRICOS, MAGNÉTICOS E ELETRÔNICOS               |
| 30403014 | TEORIA GERAL DOS CIRCUITOS ELÉTRICOS                        |
| 30403022 | CIRCUITOS LINEARES E NÃO LINEARES                           |

|          |  |
|----------|--|
| 30403030 | CIRCUITOS ELETRÔNICOS  |
| 30403049 | CIRCUITOS MAGNÉTICOS, MAGNÉTISMO, ELETROMAGNÉTISMO           |
| 30404002 | SISTEMAS ELÉTRICOS DE POTÊNCIA                               |
| 30404010 | GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA                                  |
| 30404029 | TRANSMISSÃO DA ENERGIA ELET., DISTRIB. DA ENERGIA ELÉTRICA   |
| 30404037 | CONVERSÃO E RETIFICAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA                  |
| 30404045 | MEDIÇÃO, CONTROLE, CORREÇÃO E PROTEÇÃO DE SIST. ELET. E POT. |
| 30404053 | MÁQUINAS ELÉTRICAS E DISPOSITIVOS DE POTÊNCIA                |
| 30404061 | INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS E INDUSTRIAIS                 |
| 30405009 | ELETRÔNICA INDUSTRIAL, SISTEMAS E CONTROLES ELETRÔNICOS      |
| 30405017 | ELETRÔNICA INDUSTRIAL  |
| 30405025 | AUTOMAÇÃO ELETRÔNICA DE PROCESSOS ELÉTRICOS E INDUSTRIAIS    |
| 30405033 | CONTROLE DE PROCESSOS ELETRÔNICOS, RETROALIMENTAÇÃO          |
| 30406005 | TELECOMUNICAÇÕES   |
| 30406013 | TEORIA ELETROMAG., MICROONDAS, PROPAGAÇÃO DE ONDAS, ANTENAS  |
| 30406021 | RADIONAVEGAÇÃO E RADIOASTRONOMIA                             |
| 30406030 | SISTEMAS DE TELECOMUNICAÇÕES                                 |

### **31300006** **ENGENHARIA BIOMÉDICA**

|          |   |
|----------|---|
| 31301002 | BIOENGENHARIA                                   |
| 31301010 | PROCESSAMENTO DE SINAIS BIOLÓGICOS              |
| 31301029 | MODELAGEM DE FENÔMENOS BIOLÓGICOS               |
| 31301037 | MODELAGEM DE SISTEMAS BIOLÓGICOS                |
| 31302009 | ENGENHARIA MÉDICA                               |
| 31302017 | BIOMATERIAIS E MATERIAIS BIOCOMPATÍVEIS         |
| 31302025 | TRANSDUTORES PARA APLICAÇÕES BIOMÉDICAS         |
| 31302033 | INSTRUMENTAÇÃO ODONTOLÓGICA E MÉDICO-HOSPITALAR |
| 31302041 | TECNOLOGIA DE PRÓTESES                          |

## **40000001** **CIÊNCIAS DA SAÚDE**

### **40100006** **MEDICINA**

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA I**

|          |                              |
|----------|------------------------------|
| 40101002 | CLÍNICA MÉDICA               |
| 40101010 | ANGIOLOGIA                   |
| 40101029 | DERMATOLOGIA                 |
| 40101045 | CANCEROLOGIA                 |
| 40101061 | ENDOCRINOLOGIA               |
| 40101100 | CARDIOLOGIA                  |
| 40101118 | GASTROENTEROLOGIA            |
| 40101126 | PNEUMOLOGIA                  |
| 40101134 | NEFROLOGIA                   |
| 40101169 | FISIATRIA                    |
| 40107000 | MEDICINA LEGAL E DEONTOLOGIA |

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA II**

|          |                                  |
|----------|----------------------------------|
| 40101037 | ALERGOLOGIA E IMUNOLOGIA CLÍNICA |
| 40101053 | HEMATOLOGIA                      |

|          |   |
|----------|---|
| 40101070 | NEUROLOGIA                              |
| 40101088 | PEDIATRIA                               |
| 40101096 | DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS      |
| 40101142 | REUMATOLOGIA                            |
| 40103005 | SAÚDE MATERNO-INFANTIL                  |
| 40104001 | PSIQUIATRIA                             |
| 40105008 | ANATOMIA PATOLÓGICA E PATOLOGIA CLÍNICA |
| 40106004 | RADIOLOGIA MÉDICA                       |

#### **40500004** **NUTRIÇÃO**

|          |   |
|----------|---|
| 40501000 | BIOQUÍMICA DA NUTRIÇÃO                    |
| 40502007 | DIETÉTICA                                 |
| 40503003 | ANÁLISE NUTRICIONAL DE POPULAÇÃO          |
| 40504000 | DESNUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO |

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA III**

|          |                                  |
|----------|----------------------------------|
| 40101150 | GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA        |
| 40101177 | OFTALMOLOGIA                     |
| 40101186 | ORTOPEDIA                        |
| 40102009 | CIRURGIA                         |
| 40102017 | CIRURGIA PLÁSTICA E RESTAURADORA |
| 40102025 | CIRURGIA OTORRINOLARINGOLOGIA    |
| 40102033 | CIRURGIA OFTALMOLÓGICA           |
| 40102041 | CIRURGIA CARDIOVASCULAR          |
| 40102050 | CIRURGIA TORÁXICA                |
| 40102068 | CIRURGIA GASTROENTEROLOGICA      |
| 40102076 | CIRURGIA PEDIÁTRICA              |
| 40102084 | NEUROCIRURGIA                    |
| 40102092 | CIRURGIA UROLÓGICA               |
| 40102106 | CIRURGIA PROCTOLÓGICA            |
| 40102114 | CIRURGIA ORTOPÉDICA              |
| 40102122 | CIRURGIA TRAUMATOLÓGICA          |
| 40102130 | ANESTESIOLOGIA                   |
| 40102149 | CIRURGIA EXPERIMENTAL            |

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: ODONTOLOGIA**

#### **40200000** **ODONTOLOGIA**

|          |                                 |
|----------|---------------------------------|
| 40201007 | CLÍNICA ODONTOLÓGICA            |
| 40202003 | CIRURGIA BUCO-MAXILO-FACIAL     |
| 40203000 | ORTODONTIA                      |
| 40204006 | ODONTOPEDIATRIA                 |
| 40205002 | PERIODONTIA                     |
| 40206009 | ENDODONTIA                      |
| 40207005 | RADIOLOGIA ODONTOLÓGICA         |
| 40208001 | ODONTOLOGIA SOCIAL E PREVENTIVA |
| 40209008 | MATERIAIS ODONTOLÓGICOS         |

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: FARMÁCIA**

#### **40300005** **FARMÁCIA**

|          |               |
|----------|---------------|
| 40301001 | FARMACOTECNIA |
| 40302008 | FARMACOGNOSIA |

40303004 ANÁLISE TOXICOLÓGICA  
 40304000 ANÁLISE E CONTROLE DE MEDICAMENTOS  
 40305007 BROMATOLOGIA

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENFERMAGEM**

**40400000** **ENFERMAGEM**  
 40401006 ENFERMAGEM MÉDICO-CIRÚRGICA  
 40402002 ENFERMAGEM OBSTÉTRICA  
 40403009 ENFERMAGEM PEDIÁTRICA  
 40404005 ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA  
 40405001 ENFERMAGEM DE DOENÇAS CONTAGIOSAS  
 40406008 ENFERMAGEM DE SAÚDE PÚBLICA

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: SAÚDE COLETIVA**

**40600009** **SAÚDE COLETIVA**  
 40601005 EPIDEMIOLOGIA  
 40602001 SAÚDE PÚBLICA  
 40603008 MEDICINA PREVENTIVA

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: EDUCAÇÃO FÍSICA**

**40900002** **EDUCAÇÃO FÍSICA**

**40700003** **FONOAUDIOLOGIA**

**40800008** **FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL**

**50000004** **CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIAS AGRÁRIAS I**

**50100009** **AGRONOMIA**  
 50101005 CIÊNCIA DO SOLO  
 50101013 GÊNESE, MORFOLOGIA E CLASSIFICAÇÃO DOS SOLOS  
 50101021 FÍSICA DO SOLO  
 50101030 QUÍMICA DO SOLO  
 50101048 MICROBIOLOGIA E BIOQUÍMICA DO SOLO  
 50101056 FERTILIDADE DO SOLO E ADUBAÇÃO  
 50101064 MANEJO E CONSERVAÇÃO DO SOLO  
 50102001 FITOSSANIDADE  
 50102010 FITOPATOLOGIA  
 50102028 ENTOMOLOGIA AGRÍCOLA  
 50102036 PARASITOLOGIA AGRÍCOLA  
 50102044 MICROBIOLOGIA AGRÍCOLA  
 50102052 DEFESA FITOSSANITÁRIA  
 50103008 FITOTECNIA  
 50103016 MANEJO E TRATOS CULTURAIS  
 50103024 MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA  
 50103032 PRODUÇÃO E BENEFICIAMENTO DE SEMENTES  
 50103040 PRODUÇÃO DE MUDAS

50103059 MELHORAMENTO VEGETAL  
 50103067 FISIOLOGIA DE PLANTAS CULTIVADAS  
 50103075 MATOLOGIA  
 50104004 FLORICULTURA, PARQUES E JARDINS  
 50104012 FLORICULTURA  
 50104020 PARQUES E JARDINS  
 50104039 ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS  
 50105000 AGROMETEROLOGIA  
 50106007 EXTENSÃO RURAL

**50200003 RECURSOS FLORESTAIS E ENGENHARIA FLORESTAL**

50201000 SILVICULTURA  
 50201018 DENDROLOGIA  
 50201026 FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO  
 50201034 GENÉTICA E MELHORAMENTO FLORESTAL  
 50201042 SEMENTES FLORESTAIS  
 50201050 NUTRIÇÃO FLORESTAL  
 50201069 FISIOLOGIA FLORESTAL  
 50201077 SOLOS FLORESTAIS  
 50201085 PROTEÇÃO FLORESTAL  
 50202006 MANEJO FLORESTAL  
 50202014 ECONOMIA FLORESTAL  
 50202022 POLÍTICA E LEGISLAÇÃO FLORESTAL  
 50202030 ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL  
 50202049 DENDROMETRIA E INVENTÁRIO FLORESTAL  
 50202057 FOTOINTERPRETAÇÃO FLORESTAL  
 50202065 ORDENAMENTO FLORESTAL  
 50203002 TÉCNICAS E OPERAÇÕES FLORESTAIS  
 50203010 EXPLORAÇÃO FLORESTAL  
 50203029 MECANIZAÇÃO FLORESTAL  
 50204009 TECNOLOGIA E UTILIZAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS  
 50204017 ANATOMIA E IDENTIFICAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS  
 50204025 PROPRIEDADES FÍSICO-MECÂNICAS DA MADEIRA  
 50204033 RELAÇÕES ÁGUA-MADEIRA E SECAGEM  
 50204041 TRATAMENTO DA MADEIRA  
 50204050 PROCESSAMENTO MECÂNICO DA MADEIRA  
 50204068 QUÍMICA DA MADEIRA  
 50204076 RESINAS DE MADEIRAS  
 50204084 TECNOLOGIA DE CELULOSE E PAPEL  
 50204092 TECNOLOGIA DE CHAPAS  
 50205005 CONSERVAÇÃO DA NATUREZA  
 50205013 HIDROLOGIA FLORESTAL  
 50205021 CONSERVAÇÃO DE ÁREAS SILVESTRES  
 50205030 CONSERVAÇÃO DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS  
 50205048 RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS  
 50206001 ENERGIA DE BIOMASSA FLORESTAL

**50300008 ENGENHARIA AGRÍCOLA**

50301004 MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS  
 50302000 ENGENHARIA DE ÁGUA E SOLO  
 50302019 IRRIGAÇÃO E DRENAGEM

|          |   |
|----------|---|
| 50302027 | CONSERVAÇÃO DE SOLO E ÁGUA                        |
| 50303007 | ENGENHARIA DE PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS |
| 50303015 | PRÉ-PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS           |
| 50303023 | ARMAZENAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS               |
| 50303031 | TRANSFERÊNCIA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS               |
| 50304003 | CONSTRUÇÕES RURAIS E AMBIÊNCIA                    |
| 50304011 | ASSENTAMENTO RURAL                                |
| 50304020 | ENGENHARIA DE CONSTRUÇÕES RURAIS                  |
| 50304038 | SANEAMENTO RURAL                                  |
| 50305000 | ENERGIZAÇÃO RURAL                                 |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ZOOTECNIA / RECURSOS PESQUEIROS**

**50400002**

**ZOOTECNIA**

|          |  |
|----------|--|
| 50401009 | ECOLOGIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS E ETOLOGIA                 |
| 50402005 | GENÉTICA E MELHORAMENTO DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS             |
| 50403001 | NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO ANIMAL                              |
| 50403010 | EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DOS ANIMAIS                        |
| 50403028 | AVALIAÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS                        |
| 50403036 | CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS                      |
| 50404008 | PASTAGEM E FORRAGICULTURA                                  |
| 50404016 | AVALIAÇÃO, PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE FORRAGENS             |
| 50404024 | MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PASTAGENS                          |
| 50404032 | FISIOLOGIA DE PLANTAS FORRAGEIRAS                          |
| 50404040 | MELHORAMENTO DE PLANTAS FORRAGEIRAS E PRODUÇÃO DE SEMENTES |
| 50404059 | TOXICOLOGIA E PLANTAS TÓXICAS                              |
| 50405004 | PRODUÇÃO ANIMAL  |
| 50405012 | CRIAÇÃO DE ANIMAIS   |
| 50405020 | MANEJO DE ANIMAIS  |
| 50405039 | INSTALAÇÕES PARA PRODUÇÃO ANIMAL                           |

**50600001**

**RECURSOS PESQUEIROS E ENGENHARIA DE PESCA**

|          |  |
|----------|--|
| 50601008 | RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS                                 |
| 50601016 | FATORES ABIÓTICOS DO MAR                                     |
| 50601024 | AVALIAÇÃO DE ESTOQUE PESQUEIROS MARINHOS                     |
| 50601032 | EXPLORAÇÃO PESQUEIRA MARINHA                                 |
| 50601040 | MANEJO E CONSERVAÇÃO DE RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS         |
| 50602004 | RECURSOS PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES                      |
| 50602012 | FATORES ABIÓTICOS DE ÁGUAS INTERIORES                        |
| 50602020 | AVALIAÇÃO DE ESTOQUES PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES         |
| 50602039 | EXPLORAÇÃO PESQUEIRA DE ÁGUAS INTERIORES                     |
| 50602047 | MANEJO E CONSERV. DE RECURSOS PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES |
| 50603000 | AQUICULTURA  |
| 50603019 | MARICULTURA  |
| 50603027 | CARCINOCULTURA   |
| 50603035 | OSTREICULTURA  |
| 50603043 | PISCICULTURA   |
| 50604007 | ENGENHARIA DE PESCA  |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: MEDICINA VETERINÁRIA**

**50500007**

**MEDICINA VETERINÁRIA**

|          |                           |
|----------|---------------------------|
| 50501003 | CLÍNICA E CIRÚRGIA ANIMAL |
|----------|---------------------------|

50501011 ANESTESIOLOGIA ANIMAL  
 50501020 TÉCNICA CIRÚRGICA ANIMAL  
 50501038 RADIOLOGIA DE ANIMAIS  
 50501046 FARMACOLOGIA E TERAPÉUTICA ANIMAL  
 50501054 OBSTETRÍCIA ANIMAL  
 50501062 CLÍNICA VETERINÁRIA  
 50501070 CLÍNICA CIRÚRGICA ANIMAL  
 50501089 TOXICOLOGIA ANIMAL  
 50502000 MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA  
 50502018 EPIDEMIOLOGIA ANIMAL  
 50502026 SANEAMENTO APLICADO À SAÚDE DO HOMEM  
 50502034 DOENÇAS INFECCIOSAS DE ANIMAIS  
 50502042 DOENÇAS PARASITÁRIAS DE ANIMAIS  
 50502050 SAÚDE ANIMAL (PROGRAMAS SANITÁRIOS)  
 50503006 PATOLOGIA ANIMAL  
 50503014 PATOLOGIA AVIÁRIA  
 50503022 ANATOMIA PATOLÓGICA ANIMAL  
 50503030 PATOLOGIA CLÍNICA ANIMAL  
 50504002 REPRODUÇÃO ANIMAL  
 50504010 GINECOLOGIA E ANDROLOGIA ANIMAL  
 50504029 INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL ANIMAL  
 50504037 FISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO ANIMAL  
 50505009 INSPEÇÃO DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

#### ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA DE ALIMENTOS

**50700006 CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS**  
 50701002 CIÊNCIA DE ALIMENTOS  
 50701010 VALOR NUTRITIVO DE ALIMENTOS  
 50701029 QUÍMICA, FÍSICA, FÍSICO-QUÍM. BIOQ. DOS ALI. MAT. PRIMAS ALI  
 50701037 MICROBIOLOGIA DE ALIMENTOS  
 50701045 FISIOLOGIA PÓS-COLHEITA  
 50701053 TOXICIDADE E RESÍDUOS DE PESTICIDAS EM ALIMENTOS  
 50701061 AVALIAÇÃO E CONTROLE DE QUALIDADE DE ALIMENTOS  
 50701070 PADRÕES, LEGISLAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DE ALIMENTOS  
 50702009 TECNOLOGIA DE ALIMENTOS  
 50702017 TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL  
 50702025 TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL  
 50702033 TECNOLOGIA DAS BEBIDAS  
 50702041 TECNOLOGIA DE ALIMENTOS DIETÉTICOS E NUTRICIONAIS  
 50702050 APROVEITAMENTO DE SUBPRODUTOS  
 50702068 EMBALAGENS DE PRODUTOS ALIMENTARES  
 50703005 ENGENHARIA DE ALIMENTOS  
 50703013 INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS  
 50703021 ARMAZENAMENTO DE ALIMENTOS

#### 60000007 CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

#### ÁREA DE AVALIAÇÃO: DIREITO

**60100001 DIREITO**



60101008 TEORIA DO DIREITO  
 60101016 TEORIA GERAL DO DIREITO  
 60101024 TEORIA GERAL DO PROCESSO  
 60101032 TEORIA DO ESTADO  
 60101040 HISTÓRIA DO DIREITO  
 60101059 FILOSOFIA DO DIREITO  
 60101067 LÓGICA JURÍDICA  
 60101075 SOCIOLOGIA JURÍDICA  
 60101083 ANTROPOLOGIA JURÍDICA  
 60102004 DIREITO PÚBLICO  
 60102012 DIREITO TRIBUTÁRIO  
 60102020 DIREITO PENAL  
 60102039 DIREITO PROCESSUAL PENAL  
 60102047 DIREITO PROCESSUAL CIVIL  
 60102055 DIREITO CONSTITUCIONAL  
 60102063 DIREITO ADMINISTRATIVO  
 60102071 DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO  
 60103000 DIREITO PRIVADO  
 60103019 DIREITO CIVIL  
 60103027 DIREITO COMERCIAL  
 60103035 DIREITO DO TRABALHO  
 60103043 DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO  
 60104007 DIREITOS ESPECIAIS

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO**

**60200006 ADMINISTRAÇÃO**

60201002 ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS  
 60201010 ADMINISTRAÇÃO DE PRODUÇÃO  
 60201029 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA  
 60201037 MERCADOLOGIA  
 60201045 NEGÓCIOS INTERNACIONAIS  
 60201053 ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS  
 60202009 ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA  
 60202017 CONTABILIDADE E FINANÇAS PÚBLICAS  
 60202025 ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS  
 60202033 POLÍTICA E PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAIS  
 60202041 ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL  
 60203005 ADMINISTRAÇÃO DE SETORES ESPECÍFICOS  
 60204001 CIÊNCIAS CONTÁBEIS

**61300004 TURISMO**

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ECONOMIA**

**60300000 ECONOMIA**

60301007 TEORIA ECONÔMICA  
 60301015 ECONOMIA GERAL  
 60301023 TEORIA GERAL DA ECONOMIA  
 60301031 HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO  
 60301040 HISTÓRIA ECONÔMICA  
 60301058 SISTEMAS ECONÔMICOS  
 60302003 MÉTODOS QUANTITATIVOS EM ECONOMIA

|          |   |
|----------|---|
| 60302011 | MÉTODOS E MODELOS MATEMÁT., ECONOMETRÍCOS E ESTATÍSTICOS      |
| 60302020 | ESTATÍSTICA SÓCIO-ECONÔMICA                                   |
| 60302038 | CONTABILIDADE NACIONAL  |
| 60302046 | ECONOMIA MATEMÁTICA   |
| 60303000 | ECONOMIA MONETÁRIA E FISCAL                                   |
| 60303018 | TEORIA MONETÁRIA E FINANCEIRA                                 |
| 60303026 | INSTITUIÇÕES MONETÁRIAS E FINANCEIRAS DO BRASIL               |
| 60303034 | FINANÇAS PÚBLICAS INTERNAS                                    |
| 60303042 | POLÍTICA FISCAL DO BRASIL                                     |
| 60304006 | CRESCIMENTO, FLUTUAÇÕES E PLANEJAMENTO ECONÔMICO              |
| 60304014 | CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO                       |
| 60304022 | TEORIA E POLÍTICA DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO                   |
| 60304030 | FLUTUAÇÕES CICLÍCAS E PROJEÇÕES ECONÔMICAS                    |
| 60304049 | INFLAÇÃO  |
| 60305002 | ECONOMIA INTERNACIONAL  |
| 60305010 | TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL                              |
| 60305029 | RELAÇÕES DO COMÉRCIO; POLÍT. COMERCIAL; INTEGRAÇÃO ECONÔMICA  |
| 60305037 | BALANÇO DE PAGAMENTO; FINANÇAS INTERNACIONAIS                 |
| 60305045 | INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS E AJUDA EXTERNA                  |
| 60306009 | ECONOMIA DOS RECURSOS HUMANOS                                 |
| 60306017 | TREIN. E ALOCAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA; OFERTA MÃO-DE-OBRA F. TRAB. |
| 60306025 | MERCADO DE TRABALHO; POLÍTICA DO GOVERNO                      |
| 60306033 | SINDICATOS, DISSÍDIOS COLET., RELAÇÕES DE EMPREGO(EMP./EMP)   |
| 60306041 | CAPITAL HUMANO  |
| 60306050 | DEMOGRAFIA ECONÔMICA  |
| 60307005 | ECONOMIA INDUSTRIAL   |
| 60307013 | ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E ESTUDOS INDUSTRIAIS                  |
| 60307021 | MUDANÇA TECNOLÓGICA   |
| 60308001 | ECONOMIA DO BEM-ESTAR SOCIAL                                  |
| 60308010 | ECONOMIA DOS PROGRAMAS DE BEM-ESTAR SOCIAL                    |
| 60308028 | ECONOMIA DO CONSUMIDOR  |
| 60309008 | ECONOMIA REGIONAL E URBANA                                    |
| 60309016 | ECONOMIA REGIONAL   |
| 60309024 | ECONOMIA URBANA   |
| 60309032 | RENDA E TRIBUTAÇÃO  |
| 60310006 | ECONOMIAS AGRÁRIA E DOS RECURSOS NATURAIS                     |
| 60310014 | ECONOMIA AGRÁRIA  |
| 60310022 | ECONOMIA DOS RECURSOS NATURAIS                                |

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: ARQUITETURA E URBANISMO**

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>60400005</b> | <b>ARQUITETURA E URBANISMO</b>          |
| 60401001        | FUNDAMENTOS DE ARQUITETURA E URBANISMO  |
| 60401010        | HISTÓRIA DA ARQUITETURA E URBANISMO     |
| 60401028        | TEORIA DA ARQUITETURA                   |
| 60401036        | HISTÓRIA DO URBANISMO                   |
| 60401044        | TEORIA DO URBANISMO                     |
| 60402008        | PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO      |
| 60402016        | PLANEJAMENTO E PROJETOS DA EDIFICAÇÃO   |
| 60402024        | PLANEJAMENTO E PROJETO DO ESPAÇO URBANO |
| 60402032        | PLANEJAMENTO E PROJETO DO EQUIPAMENTO   |

|          |  |
|----------|--|
| 60403004 | TECNOLOGIA DE ARQUITETURA E URBANISMO                  |
| 60403012 | ADEQUAÇÃO AMBIENTAL                                    |
| 60404000 | PAISAGISMO   |
| 60404019 | DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PAISAGISMO                |
| 60404027 | CONCEITUAÇÃO DE PAISAGISMO E METODOLOGIA DO PAISAGISMO |
| 60404035 | ESTUDOS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EXTERIOR              |
| 60404043 | PROJETOS DE ESPAÇOS LIVRES URBANOS                     |

**61200000****DESENHO INDUSTRIAL****ÁREA DE AVALIAÇÃO: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA****60500000****PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

|          |   |
|----------|---|
| 60501006 | FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL           |
| 60501014 | TEORIA DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL                |
| 60501022 | TEORIA DA URBANIZAÇÃO                                   |
| 60501030 | POLÍTICA URBANA   |
| 60501049 | HISTÓRIA URBANA   |
| 60502002 | MÉTODOS E TÉCNICAS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL    |
| 60502010 | INFORMAÇÃO, CADASTRO E MAPEAMENTO                       |
| 60502029 | TÉCNICA DE PREVISÃO URBANA E REGIONAL                   |
| 60502037 | TÉCNICAS DE ANÁLISE E AVALIAÇÃO URBANA E REGIONAL       |
| 60502045 | TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO E PROJETO URBANOS E REGIONAIS  |
| 60503009 | SERVIÇOS URBANOS E REGIONAIS                            |
| 60503017 | ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL E URBANA                        |
| 60503025 | ESTUDOS DA HABITAÇÃO                                    |
| 60503033 | ASPECTOS SOCIAIS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL      |
| 60503041 | ASPECTOS ECONÔMICOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL   |
| 60503050 | ASPECTOS FÍSICO-AMBIENTAIS DO PLANEJ. URBANO E REGIONAL |
| 60503068 | SERVIÇOS COMUNITÁRIOS                                   |
| 60503076 | INFRA-ESTRUTURAS URBANAS E REGIONAIS                    |
| 60503084 | TRANSPORTE E TRÁFEGO URBANO E REGIONAL                  |
| 60503092 | LEGISLAÇÃO URBANA E REGIONAL                            |

**60600004****DEMOGRAFIA**

|          |                                     |
|----------|-------------------------------------|
| 60601000 | DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL               |
| 60601019 | DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL GERAL         |
| 60601027 | DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL URBANA        |
| 60601035 | DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL RURAL         |
| 60602007 | TENDÊNCIA POPULACIONAL              |
| 60602015 | TENDÊNCIAS PASSADAS                 |
| 60602023 | TAXAS E ESTIMATIVAS CORRENTES       |
| 60602031 | PROJEÇÕES                           |
| 60603003 | COMPONENTES DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA |
| 60603011 | FECUNDIDADE                         |
| 60603020 | MORTALIDADE                         |
| 60603038 | MIGRAÇÃO                            |
| 60604000 | NUPCIALIDADE E FAMÍLIA              |
| 60604018 | CASAMENTO E DIVÓRCIO                |
| 60604026 | FAMÍLIA E REPRODUÇÃO                |
| 60605006 | DEMOGRAFIA HISTÓRICA                |
| 60605014 | DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL               |



**70000000****CIÊNCIAS HUMANAS****ÁREA DE AVALIAÇÃO: FILOSOFIA / TEOLOGIA: SUBCOMISSÃO FILOSOFIA****70100004****FILOSOFIA**

- 70101000 HISTÓRIA DA FILOSOFIA
- 70102007 METAFÍSICA
- 70103003 LÓGICA
- 70104000 ÉTICA
- 70105006 EPISTEMOLOGIA
- 70106002 FILOSOFIA BRASILEIRA

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: FILOSOFIA / TEOLOGIA: SUBCOMISSÃO TEOLOGIA****71000003****TEOLOGIA**

- 71001000 HISTÓRIA DA TEOLOGIA
- 71002006 TEOLOGIA MORAL
- 71003002 TEOLOGIA SISTEMÁTICA
- 71004009 TEOLOGIA PASTORAL

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: SOCIOLOGIA****70200009****SOCIOLOGIA**

- 70201005 FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA
- 70201013 TEORIA SOCIOLÓGICA
- 70201021 HISTÓRIA DA SOCIOLOGIA
- 70202001 SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO
- 70203008 SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
- 70204004 SOCIOLOGIA URBANA
- 70205000 SOCIOLOGIA RURAL
- 70206007 SOCIOLOGIA DA SAÚDE
- 70207003 OUTRAS SOCIOLOGIAS ESPECÍFICAS

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA****70300003****ANTROPOLOGIA**

- 70301000 TEORIA ANTROPOLÓGICA
- 70302006 ETNOLOGIA INDÍGENA
- 70303002 ANTROPOLOGIA URBANA
- 70304009 ANTROPOLOGIA RURAL
- 70305005 ANTROPOLOGIA DAS POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS

**70400008****ARQUEOLOGIA**

- 70401004 TEORIA E MÉTODO EM ARQUEOLOGIA
- 70402000 ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA
- 70403007 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: HISTÓRIA****70500002****HISTÓRIA**

- 70501009 TEORIA E FILOSOFIA DA HISTÓRIA
- 70502005 HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL
- 70503001 HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

|          |                              |
|----------|------------------------------|
| 70504008 | HISTÓRIA DA AMÉRICA          |
| 70504016 | HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS  |
| 70504024 | HISTÓRIA LATINO-AMERICANA    |
| 70505004 | HISTÓRIA DO BRASIL           |
| 70505012 | HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA   |
| 70505020 | HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO   |
| 70505039 | HISTÓRIA DO BRASIL REPÚBLICA |
| 70505047 | HISTÓRIA REGIONAL DO BRASIL  |
| 70506000 | HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS        |

#### ÁREA DE AVALIAÇÃO: GEOGRAFIA

|                 |                                    |
|-----------------|------------------------------------|
| <b>70600007</b> | <b>GEOGRAFIA</b>                   |
| 70601003        | GEOGRAFIA HUMANA                   |
| 70601011        | GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO             |
| 70601020        | GEOGRAFIA AGRÁRIA                  |
| 70601038        | GEOGRAFIA URBANA                   |
| 70601046        | GEOGRAFIA ECONÔMICA                |
| 70601054        | GEOGRAFIA POLÍTICA                 |
| 70602000        | GEOGRAFIA REGIONAL                 |
| 70602018        | TEORIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL |
| 70602026        | REGIONALIZAÇÃO                     |
| 70602034        | ANÁLISE REGIONAL                   |

#### ÁREA DE AVALIAÇÃO: PSICOLOGIA

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>70700001</b> | <b>PSICOLOGIA</b>  |
| 70701008        | FUNDAMENTOS E MEDIDAS DA PSICOLOGIA                          |
| 70701016        | HISTÓRIA, TEORIAS E SISTEMAS EM PSICOLOGIA                   |
| 70701024        | METODOLOGIA, INSTRUMENTAÇÃO E EQUIPAMENTO EM PSICOLOGIA      |
| 70701032        | CONSTRUÇÃO E VALIDADE DE TESTES, ESC. E O. MEDIDAS PSICOLÓG. |
| 70701040        | TÉCN. DE PROCES. ESTÁT., MATEMÁTICO E COMPUT. EM PSICOLOGIA  |
| 70702004        | PSICOLOGIA EXPERIMENTAL                                      |
| 70702012        | PROCESSOS PERCEPTUAIS E MOTORES                              |
| 70702020        | PROCESSOS DE APRENDIZAGEM, MEMÓRIA E MOTIVAÇÃO               |
| 70702039        | PROCESSOS COGNITIVOS E ATENCIONAIS                           |
| 70702047        | ESTADOS SUBJETIVOS E EMOÇÃO                                  |
| 70703000        | PSICOLOGIA FISIOLÓGICA                                       |
| 70703019        | NEUROLOGIA, ELETROFISIOLOGIA E COMPORTAMENTO                 |
| 70703027        | PROCESSOS PSICO-FISIOLÓGICOS                                 |
| 70703035        | ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA E COM DROGAS; COMPORTAMENTO             |
| 70703043        | PSICOBIOLOGIA  |
| 70704007        | PSICOLOGIA COMPARATIVA                                       |
| 70704015        | ESTUDOS NATURALÍSTICOS DO COMPORTAMENTO ANIMAL               |
| 70704023        | MECANISMOS INSTINTIVOS E PROCESSOS SOCIAIS EM ANIMAIS        |
| 70705003        | PSICOLOGIA SOCIAL  |
| 70705011        | RELAÇÕES INTERPESSOAIS                                       |
| 70705020        | PROCESSOS GRUPAIS E DE COMUNICAÇÃO                           |
| 70705038        | PAPEIS E ESTRUTURAS SOCIAIS; INDIVÍDUO                       |
| 70706000        | PSICOLOGIA COGNITIVA   |
| 70707006        | PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO                         |
| 70707014        | PROCESSOS PERCEPTUAIS E COGNITIVOS; DESENVOLVIMENTO          |

70707022 DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DA PERSONALIDADE  
 70708002 PSICOLOGIA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM  
 70708010 PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL  
 70708029 PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES DE ENSINO  
 70708037 TREINAMENTO DE PESSOAL  
 70708045 APRENDIZAGEM E DESEMPENHO ACADÊMICOS  
 70708053 ENSINO E APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA  
 70709009 PSICOLOGIA DO TRABALHO E ORGANIZACIONAL  
 70709017 ANÁLISE INSTITUCIONAL  
 70709025 RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE PESSOAL  
 70709033 TREINAMENTO E AVALIAÇÃO  
 70709041 FATORES HUMANOS NO TRABALHO  
 70709050 PLANEJAMENTO AMBIENTAL E COMPORTAMENTO HUMANO  
 70710007 TRATAMENTO E PREVENÇÃO PSICOLÓGICA  
 70710015 INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA  
 70710023 PROGRAMAS DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO  
 70710031 TREINAMENTO E REABILITAÇÃO  
 70710040 DESVIOS DA CONDUTA  
 70710058 DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM  
 70710066 DISTÚRBIOS PSICOSSOMÁTICOS

#### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: EDUCAÇÃO**

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>70800006</b> | <b>EDUCAÇÃO</b>  |
| 70801002        | FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO                                  |
| 70801010        | FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO                                    |
| 70801029        | HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO                                     |
| 70801037        | SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO                                   |
| 70801045        | ANTROPOLOGIA EDUCACIONAL                                 |
| 70801053        | ECONOMIA DA EDUCAÇÃO                                     |
| 70801061        | PSICOLOGIA EDUCACIONAL                                   |
| 70802009        | ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL                                |
| 70802017        | ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS                   |
| 70802025        | ADMINISTRAÇÃO DE UNIDADES EDUCATIVAS                     |
| 70803005        | PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL                     |
| 70803013        | POLÍTICA EDUCACIONAL                                     |
| 70803021        | PLANEJAMENTO EDUCACIONAL                                 |
| 70803030        | AVAL. DE SISTEMAS, INST. PLANOS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS |
| 70804001        | ENSINO-APRENDIZAGEM                                      |
| 70804010        | TEORIAS DA INSTRUÇÃO                                     |
| 70804028        | MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO                             |
| 70804036        | TECNOLOGIA EDUCACIONAL                                   |
| 70804044        | AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM                                |
| 70805008        | CURRÍCULO  |
| 70805016        | TEORIA GERAL DE PLANEJAMENTO E DESENV. CURRICULAR        |
| 70805024        | CURRÍCULOS ESPECÍFICOS PARA NÍVEIS E TIPOS DE EDUCAÇÃO   |
| 70806004        | ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO                              |
| 70806012        | ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL                                   |
| 70806020        | ORIENTAÇÃO VOCACIONAL                                    |
| 70807000        | TÓPICOS ESPECÍFICOS DE EDUCAÇÃO                          |
| 70807019        | EDUCAÇÃO DE ADULTOS                                      |



|          |                                |
|----------|--------------------------------|
| 70807027 | EDUCAÇÃO PERMANENTE            |
| 70807035 | EDUCAÇÃO RURAL                 |
| 70807043 | EDUCAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS |
| 70807051 | EDUCAÇÃO ESPECIAL              |
| 70807060 | EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR           |
| 70807078 | ENSINO PROFISSIONALIZANTE      |

### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

#### **70900000**

#### **CIÊNCIA POLÍTICA**

|          |   |
|----------|---|
| 70901007 | TEORIA POLÍTICA                                     |
| 70901015 | TEORIA POLÍTICA CLÁSSICA                            |
| 70901023 | TEORIA POLÍTICA MEDIEVAL                            |
| 70901031 | TEORIA POLÍTICA MODERNA                             |
| 70901040 | TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA                       |
| 70902003 | ESTADO E GOVERNO                                    |
| 70902011 | ESTRUTURA E TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO                 |
| 70902020 | SISTEMAS GOVERNAMENTAIS COMPARADOS                  |
| 70902038 | RELAÇÕES INTERGOVERNAMENTAIS                        |
| 70902046 | ESTUDOS DO PODER LOCAL                              |
| 70902054 | INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS ESPECÍFICAS             |
| 70903000 | COMPORTAMENTO POLÍTICO                              |
| 70903018 | ESTUDOS ELEITORAIS E PARTIDOS POLÍTICOS             |
| 70903026 | ATITUDE E IDEOLOGIAS POLÍTICAS                      |
| 70903034 | CONFLITOS E COALIZÕES POLÍTICAS                     |
| 70903042 | COMPORTAMENTO LEGISLATIVO                           |
| 70903050 | CLASSES SOCIAIS E GRUPOS DE INTERESSE               |
| 70904006 | POLÍTICAS PÚBLICAS                                  |
| 70904014 | ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO                       |
| 70904022 | ANÁLISE INSTITUCIONAL                               |
| 70904030 | TÉCNICAS DE ANTECIPAÇÃO                             |
| 70905002 | POLÍTICA INTERNACIONAL                              |
| 70905010 | POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL                          |
| 70905029 | ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS                         |
| 70905037 | INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL, CONFLITO, GUERRA E PAZ    |
| 70905045 | RELAÇÕES INTERNACIONAIS, BILATERAIS E MULTILATERAIS |

#### **80000002**

#### **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES**

### **ÁREA DE AVALIAÇÃO: LETRAS / LINGUÍSTICA**

#### **80100007**

#### **LINGUÍSTICA**

|          |                                 |
|----------|---------------------------------|
| 80101003 | TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA    |
| 80102000 | FISIOLOGIA DA LINGUAGEM         |
| 80103006 | LINGÜÍSTICA HISTÓRICA           |
| 80104002 | SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA |
| 80105009 | PSICOLINGUÍSTICA                |
| 80106005 | LINGUÍSTICA APLICADA            |

#### **80200001**

#### **LETRAS**

|          |                   |
|----------|-------------------|
| 80201008 | LÍNGUA PORTUGUESA |
|----------|-------------------|



|          |                                   |
|----------|-----------------------------------|
| 80202004 | LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS     |
| 80203000 | LÍNGUAS CLÁSSICAS                 |
| 80204007 | LÍNGUAS INDÍGENAS                 |
| 80205003 | TEORIA LITERARIA                  |
| 80206000 | LITERATURA BRASILEIRA             |
| 80207006 | OUTRAS LITERATURAS VERNÁCULAS     |
| 80208002 | LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS |
| 80209009 | LITERATURAS CLÁSSICAS             |
| 80210007 | LITERATURA COMPARADA              |

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ARTES / MÚSICA**

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>80300006</b> | <b>ARTES</b>                                    |
| 80301002        | FUNDAMENTOS E CRÍTICA DAS ARTES                 |
| 80301010        | TEORIA DA ARTE                                  |
| 80301029        | HISTÓRIA DA ARTE                                |
| 80301037        | CRÍTICA DA ARTE                                 |
| 80302009        | ARTES PLÁSTICAS                                 |
| 80302017        | PINTURA   |
| 80302025        | DESENHO   |
| 80302033        | GRAVURA   |
| 80302041        | ESCULTURA                                       |
| 80302050        | CERÂMICA  |
| 80302068        | TECELAGEM                                       |
| 80303005        | MÚSICA  |
| 80303013        | REGÊNCIA  |
| 80303021        | INSTRUMENTAÇÃO MUSICAL                          |
| 80303030        | COMPOSIÇÃO MUSICAL                              |
| 80303048        | CANTO   |
| 80304001        | DANÇA   |
| 80304010        | EXECUÇÃO DA DANÇA                               |
| 80304028        | COREOGRAFIA                                     |
| 80305008        | TEATRO  |
| 80305016        | DRAMATURGIA                                     |
| 80305024        | DIREÇÃO TEATRAL                                 |
| 80305032        | CENOGRAFIA                                      |
| 80305040        | INTERPRETAÇÃO TEATRAL                           |
| 80306004        | ÓPERA   |
| 80307000        | FOTOGRAFIA                                      |
| 80308007        | CINEMA  |
| 80308015        | ADMINISTRAÇÃO E PRODUÇÃO DE FILMES              |
| 80308023        | ROTEIRO E DIREÇÃO CINEMATOGRAFICOS              |
| 80308031        | TÉCNICAS DE REGISTROS E PROCESSAMENTO DE FILMES |
| 80308040        | INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRAFICA                   |
| 80309003        | ARTES DO VÍDEO                                  |
| 80310001        | EDUCAÇÃO ARTÍSTICA                              |

**90000005** **MULTIDISCIPLINAR**

**90100000** **ÁREA DE AVALIAÇÃO: INTERDISCIPLINAR**

**INTERDISCIPLINAR**

90191000 MEIO AMBIENTE E AGRÁRIAS  
90192000 SOCIAIS E HUMANIDADES  
90193000 ENGENHARIA/TECNOLOGIA/GESTÃO  
90194000 SAÚDE E BIOLÓGICAS

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

**90200000** **ENSINO**

90201000 ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: MATERIAIS**

**90300009** **MATERIAIS**

**ÁREA DE AVALIAÇÃO: BIOTECNOLOGIA**

**90400003** **BIOTECNOLOGIA**

Anexo B – Resolução 09/2010 – Institui a modalidade de ingresso por reserva de vagas para acesso aos Cursos de Graduação da UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO nº 09/2010

Institui a Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas para acesso aos cursos de Graduação, desta Universidade, e dá outras providências.

O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Paraíba, no uso das atribuições que lhe são conferidas, amparado pelos incisos I e XXI do artigo 25 do Estatuto da UFPB, e tendo em vista a deliberação em plenário em reunião ordinária do dia 30 de março de 2010 (Processo nº 23074.007259/10-03), e

**CONSIDERANDO** o grave quadro de exclusão sócio-educacional que tem estado presente ao longo da nossa história;

**CONSIDERANDO** a imperiosa e inadiável necessidade de reduzir a vulnerabilidade social de jovens oriundos de segmentos sociais menos favorecidos.

**CONSIDERANDO**, ainda, que se faz necessário que esta instituição adote mecanismos que concretizem efetivamente sua atuação no âmbito das políticas de inclusão, em consonância com seu compromisso social.

**RESOLVE:**

**Art. 1.º** Fica instituída a *Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV)*, nesta Universidade, para acesso aos seus cursos de Graduação.

**Parágrafo único.** A reserva de vagas a que se refere o *caput* deste artigo se destina aos que fizeram todo o ensino médio e pelo menos (03) três séries do ensino fundamental em estabelecimentos públicos.

**Art. 2.º** A **Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV)**, de que trata esta Resolução, será implantado, gradualmente, de acordo com a seguinte proposta:

- I - Processo Seletivo Seriado - 2011: 25% das vagas de todos os cursos;
- II - Processo Seletivo Seriado - 2012: 30% das vagas de todos os cursos;
- III - Processo Seletivo Seriado - 2013: 35% das vagas de todos os cursos;
- IV - Processo Seletivo Seriado - 2014: 40% das vagas de todos os cursos.

**§ 1.º** O preenchimento das vagas correspondentes aos percentuais de que trata o *caput* deste artigo será feito observando-se, também, a reserva para negros (pretos e pardos) e índios, na proporção da participação destes grupos na população do Estado da Paraíba, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constantes do Censo 2000.

**§ 2.º** Do total de vagas resultante dos percentuais constantes do *caput* deste artigo, 5% será destinado para pessoas portadoras de deficiência.

**§ 3.º** A PRG/COPERVE deverá disciplinar a implantação da **Modalidade de Ingresso por Reserva de Vagas (MIRV)** em norma reguladora do Processo Seletivo, observando os critérios e princípios previstos nesta Resolução.

**Art. 3.º** No desenvolvimento do processo, deve ser mantido o aumento progressivo do percentual de ingressantes e a vinculação entre o nível socioeconômico e o grupo populacional.

**Art. 4.º** Anualmente, será feita uma avaliação do **MIRV**, com vistas ao seu aperfeiçoamento, que deverá ocorrer ao final do 4º ano de sua implementação.

**Parágrafo único.** A avaliação tem também a finalidade de subsidiar o CONSEPE nas suas decisões relativas à continuidade e ampliação do **MIRV**.

**Art. 5.º** Esta resolução entra em vigor na data da sua assinatura.

**Art. 6.º** Revogam-se as disposições em contrário.

João Pessoa, 16 de abril de 2010

**-RÔMULO SOARES POLARI**  
- Presidente

Anexo C – Resolução 06/2006 – Define política de reserva de vagas para concurso vestibular da UEPB.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/06/2006

DEFINE POLÍTICA DE RESERVA DE VAGAS PARA  
O CONCURSO VESTIBULAR DA UEPB E DÁ  
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO — CONSEPE, da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA — UEPB, no uso de suas atribuições,

**CONSIDERANDO** proposição da Administração Central da UEPB de implementação de políticas afirmativas no âmbito da UEPB;

**CONSIDERANDO** que a Universidade, como Instituição Social, está cumprindo seu papel na busca de ações no campo da Educação ao implementar políticas de inclusão social;

**CONSIDERANDO** decisão unânime do CONSEPE, após amplo e profícuo debate, em reunião realizada em 19 de abril de 2006,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** - Estabelecer política de reserva de vagas para o Concurso Vestibular da Universidade Estadual da Paraíba, a partir do ano de 2007, de acordo com critérios definidos nesta Resolução.

**Art. 2º** - Ficam reservadas 50% (cinquenta por cento) do total de vagas de cada curso de graduação da UEPB, destinadas a concorrentes aprovados no vestibular da UEPB que tenham realizado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas do Estado da Paraíba.

§ 1º – A implantação integral da reserva de vagas definida no *caput* deste artigo dar-se-á gradativamente na ordem de 10% (dez por cento) a cada ano.

§ 2º - A Universidade instituirá, até o início do Período 2007.1, política de apoio a assistência estudantil para dar suporte à implementação da política de reserva de vagas adotada.

**Art. 3º** - Critérios complementares a esta Resolução serão estabelecidos pela COMVEST e explicitados no Edital de Convocação do Concurso Vestibular.

**Art. 4º** - Fica criada a Comissão de Articulação, Acompanhamento e Implantação das Políticas Afirmativas com a finalidade de organizar o debate, analisar e oferecer propostas ao CONSEPE e à Reitoria para implementação dessas políticas.

**Parágrafo Único** – A comissão de que trata o *caput* deste artigo será composta pelo (a) Pró-Reitor(a) de Ensino de Graduação, pelo(a) Pró-Reitor(a) de Extensão e Ação Comunitária, pelo Ouvidor Geral da UEPB e por um representante da classe discente indicado pelo DCE.

**Art. 5º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campina Grande (PB), 19 de abril de 2006.

**Professora MARLENE ALVES SOUSA LUNA**  
Reitora

PUBLICADA NO D.O.E. EM 12/05/2006